



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

Eni Abadia Batista

**IDENTIDADES DE DOCENTES BRASILEIROS  
E SUAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM CHARGES**

Brasília

2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

Eni Abadia Batista

**IDENTIDADES DE DOCENTES BRASILEIROS  
E SUAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM CHARGES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-IL) da Universidade de Brasília (UnB), como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

**Orientadora:** Profa. Dra. Josenia Antunes Vieira

Brasília  
2014

# IDENTIDADES DE DOCENTES BRASILEIROS E SUAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM CHARGES

ENI ABADIA BATISTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-IL) da Universidade de Brasília (UnB), como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Brasília, 14 de julho de 2014.

## BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Josenia Antunes Vieira (Orientadora)  
Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Dra. Elizete Vieira Azevedo Kreutz (Membro externo)  
Universidade Vale do Taquari – UNIVATES/RS

---

Prof. Dr. Cláudio Roberto Vieira Braga (Membro externo)  
Universidade de Brasília – TEL

---

Profa. Dra. Francisca Cordelia Oliveira da Silva (Membro interno)  
Universidade de Brasília – PPGL

---

Profa. Dra. Carmem Jená Machado Caetano (Membro interno)  
Universidade de Brasília – PPGL

---

Prof. Dr. Guilherme Veiga Rios (Membro interno-Suplente)  
Universidade de Brasília – PPGL

## **Identidade**

*Preciso ser outro para ser eu mesmo*

*Sou grão de rocha*

*Sou o vento que a desgasta*

*Sou pólen sem inseto*

*Sou areia sustentando*

*o sexo das árvores*

*Existo onde me desconheço*

*aguardando pelo meu passado*

*ansiando a esperança do futuro*

*No mundo que combato, morro*

*no mundo por que luto, nasço.*

*(Mia Couto. In: Raiz de Orvalho e Outros Poemas)*

*Ao meu amado, Vítor Magalhães Arruda,  
para que possa rememorar minha  
identidade acadêmica.*

## AGRADECIMENTOS

---

Agradeço a todos que me impulsionaram a realizar o doutorado.

Agradeço, com um carinho especial, à Professora Dra. **Josenia Antunes Vieira**, que com sua orientação precisa conduziu-me a essa trajetória.

Agradeço aos componentes da banca: a Professora Dra. **Elizete Vieira Azevedo Kreutz**; o Professor Dr. **Cláudio Roberto Vieira Braga**; a Professora Dra. **Francisca Cordélia de Oliveira da Silva**; a Professora Dra. **Carmem Jená Machado Caetano** e o Professor Dr. **Guilherme Veiga Rios**, que aceitaram meu convite para leitura e avaliação de minha pesquisa.

Agradeço ao corpo docente do **Programa de Pós-Graduação em Linguística** que me ajudou a ver, a compreender, a analisar e, sobretudo, a pesquisar.

Agradeço o companheirismo das amigas **Neiva Machado Soares**, **Simone Scafuto**, **Izabella Trajano**, **Sandra Campelo**, e dos amigos **Alessandro Tabajiba** e **Alley Cândido**, sempre presentes em diálogos produtivos neste percurso.

Agradeço aos **meus familiares** pela torcida constante para a realização de meus sonhos.

Por fim, agradeço a **Deus** por ter me dado a capacidade de lutar, de ver riquezas no conhecimento e de transformar minha Vida em presente e conquistas.

## RESUMO

---

A pesquisa *Identities de Docentes Brasileiros e suas Representações Discursivas em Charges* tem como objeto a análise das representações discursivas em charges cuja temática envolva os docentes brasileiros. Nesse contexto, verifica-se, no presente estudo, a constituição da identidade dos docentes brasileiros e como a ideologia age na constituição dessas identidades. Defende-se a tese de que as representações discursivas sobre docentes, em charges, têm caráter ideológico, desempenhando significativo papel na construção das identidades. Realiza-se, para tanto, a análise de um *corpus* constituído por três charges, que apresentam docentes como atores sociais, respondendo-se as seguintes questões: a) como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos? b) considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos nas charges, que identidades docentes são construídas? c) que ideologias subjazem às representações docentes nas charges analisadas? Discutem-se os conceitos de Identidades, de Análise de Discurso Crítica e de Ideologia, bem como de Representações de Atores Sociais e de Avaliatividade, adotando-se a metodologia de pesquisa qualitativa. As categorias de análise utilizadas são fundamentadas pela Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2003), pelas estratégias de Ideologia de Thompson (2002) e pela rede de Representações de Atores Sociais de van Leeuwen (2008). As análises das Representações Visuais apoiam-se na Teoria Semiótica Social Multimodal de Kress (2010) e no trabalho de Kress e van Leeuwen (2006). Tais análises revelam que as representações sobre docentes brasileiros, nos discursos contemporâneos, reproduzem ideologias que fragilizam a identidade desses profissionais, uma vez que os atributos mais recorrentes representam a subserviência, a exclusão e a reprodução. Levando-se em conta os aspectos sociais, profissionais e políticos, os recursos visuais utilizados nas representações dos docentes, nas charges, revelam um discurso excludente, o que estimula a baixa autoestima e implica fragmentação das identidades. Como resultado do presente estudo, evidencia-se a existência de traços ideológicos de teor preconceituoso, manifestados nas representações discursivas das charges, os quais já se encontram enraizados na sociedade brasileira.

**Palavras-Chave:** Identidade. Docente. Representações Discursivas. Ideologia.

## ABSTRACT

---

The research *Identities of Brazilian Teachers and their Discursive Representations in Political Cartoons* aims to analyze the discursive representations in political cartoons involving Brazilian teachers. The purpose of this study is to verify how Brazilian teachers identity is constituted, as well as showing how ideology works in the constitution of these identities. The study supports the thesis that the discursive representations of teachers in political cartoons have ideological character and play significant role in the construction of identities. In order to achieve the research goal, the analysis of a corpus comprising three political cartoons, which dealt with teachers as social actors, was carried out as to answer the following questions: 1) How to Manifest the representations of identity of Brazilian teachers in contemporary discourses? 2) Considering the social, professional and political aspects inscribed in cartoons, which teachers' identities are constructed? 3) What ideologies underlie teacher's representations in the political cartoons under analysis? With these objectives, the study addresses the concepts of Identity, Critical Discourse Analysis and Ideology; Representations Social Actors and of appraisal. The research qualitative methodology was used and the categories of analysis are essentially based on the Critical Discourse Analysis by Fairclough (2003) as well as on the strategies of Ideology by Thompson (2002) and on the network of representations of Social Actors by van Leeuwen (2008). Analyses of Visual Representations are based on the Social Theory of Multimodal Semiotics of Kress (2010) and by Kress and van Leeuwen (2006). These analyzes reveal that the representations of Brazilian teachers in contemporary discourses reproduce ideologies that undermine the identity of these professionals, since the most recurring attributes represent the subservience, exclusion and reproduction of the identities. Taking into account the social, professional and political aspects, the visuals resources used in the representations of teachers in the political cartoons reveal an exclusionary discourse, which encourages low self-esteem and implies the fragmentation of identities. As results from this study, the existence of ideological traits of prejudice manifested in the discursive representation of the political cartoons is clearly evident, which are already naturalized in the Brazilian society.

**Keywords:** Identity. Teachers. Discursive Representations. Ideology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

Figura 1 - Eu sou professor! .....	20
Figura 2 - Inversão de Valores .....	28
Figura 3 - O Brasil cresceu.....	31
Figura 4 - A interação na sala de aula no passado .....	34
Figura 5 - A interação na sala de aula na atualidade .....	35
Figura 6 - O trabalho docente.....	36
Figura 7 - As maiores causas do afastamento dos professores.....	45
Figura 8 - Texto em contextos.....	46
Figura 9 - É este o Piso? .....	48
Figura 10 - E o salário, ó! .....	53
Figura 11 - Greve dos professores.....	57
Figura 12 - Movimento grevista .....	58
Figura 13 - Não nos curvamos! Nem nos curvaremos! .....	60
Figura 14 - Mobilização de identidades.....	82
Figura 15 - Professor deve trabalhar por amor.....	95
Figura 16 - Ideologia .....	100
Figura 17 - Efeitos sociais nos textos.....	103
Figura 18 - Charge de caráter extremamente negativo.....	118
Figura 19 - As funções e o uso da imagem .....	124
Figura 20 - Conjunto de charges sobre docentes.....	126
Figura 21 - Os ciclos de codificação da linguagem .....	130
Figura 22 - O Sistema de Avaliatividade .....	132
Figura 23 - Categorias de análise do subsistema Atitude .....	134
Figura 24 - A inter-relação entre o Afeto Julgamento e Apreciação .....	136
Figura 25 - Fazendo as Contas .....	144
Figura 26 - Tipos de Julgamento e a relação com a Modalidade.....	145
Figura 27 - As categorias atitudinais e efeitos avaliativos .....	151
Figura 28 - Escola Pública.....	152
Figura 29 - Docente e classe social .....	155
Figura 30 - A Pirâmide de Maslow .....	157

Figura 31- Pirâmide Social .....	159
Figura 32- O olhar voltado para a imagem .....	162
Figura 33 - Ela foi minha professora!!! .....	166
Figura 34 - Professor apanha da polícia .....	175
Figura 35 - Professor apanha da polícia .....	176

## LISTA DE QUADROS

---

Quadro 1 - Paralelo entre prática tradicional e da modernidade .....	40
Quadro 2 - Categorias de análise, segundo Fairclough (2003) .....	67
Quadro 3 - Categorias de análise das Representações de Atores Sociais .....	71
Quadro 4 - Modos de Operação de Ideologia .....	72
Quadro 5 - Funções da linguagem .....	89
Quadro 6 - Relação entre elementos do discurso, Eixos de Foucault (1994) e os Significados do Discurso de Fairclough (2003) .....	91
Quadro 7 - Categorias de análise, segundo Fairclough (2003) .....	93
Quadro 8 - Ideologia, segundo Althusser (2007) .....	99
Quadro 9 - Os modos de operação da ideologia .....	107
Quadro 10 - Categorias para análise da Representação de Atores Sociais .....	121
Quadro 11 - O subsistema Atitude e seu campo semântico .....	135
Quadro 12 - A realização do Afeto nos textos .....	138
Quadro 13 - Classificação das categorias do Afeto do tipo reais (realis) .....	140
Quadro 14 - Classificação das categorias do Afeto do tipo irrealis .....	141
Quadro 15 - Tipos de Julgamento .....	143
Quadro 16 - A relação dos tipos de Avaliação aos significados .....	148
Quadro 17 - Tipos de Avaliação e valores .....	148
Quadro 18 - Exemplo de análise de Avaliação .....	149
Quadro 19 - Categorias de análise e suas relações com as metafunções .....	168

## LISTA DE SIGLAS

---

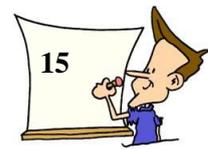
ADC	Análise de Discurso Crítica
ANDES	Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
FCC	Fundação Carlos Chagas
FVC	Fundação Victor Civita
GDV	Gramática do Design Visual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MEC	Ministério da Educação
MPT	Ministério Público do Trabalho
ONGs	Organizações Não Governamentais
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios
SINDIUPES	Sindicato dos Professores Primários do Espírito Santo
TA	Teoria da Avaliatividade
TVRAS	Teoria Visual de Representações de Atores Sociais
TSS	Teoria Semiótica Social
TSSM	Teoria Semiótica Social Multimodal

## SUMÁRIO

---

APRESENTAÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1.....	23
AS REPRESENTAÇÕES E AS TRANSFORMAÇÕES DE .....	23
IDENTIDADES DE DOCENTES BRASILEIROS: EIS A QUESTÃO! .....	23
1.1 Cenário da profissão docente no Brasil.....	25
1.2 Novos tempos: novas práticas docentes.....	32
CAPÍTULO 2.....	37
AS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS E A MOBILIZAÇÃO DAS .....	37
IDENTIDADES DOS DOCENTES .....	37
2.1 Discursos e identidades no contexto social e histórico atual .....	41
2.2 O poder das mídias na sociedade contemporânea .....	50
CAPÍTULO 3.....	61
REVELANDO IDENTIDADES NO CAMINHO DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: O DESENHO DA PESQUISA .....	61
3.1 A pesquisa em ADC.....	61
3.2 Pesquisa social e textos multimodais.....	63
3.3 O método e as questões de pesquisa .....	64
3.4 Organização do <i>corpus</i> da pesquisa.....	65
3.5 Selecionando categorias para análise.....	66
3.6 Considerações iniciais .....	74
CAPÍTULO 4.....	76
IDENTIDADE, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO .....	76
4.1 Amplitude do tema identidade.....	77
4.2 Representações discursivas e identidades .....	84
4.3 A ideologia como categoria discursiva .....	94
4.3.1 O olhar sobre os efeitos sociais: processos de produção de significado .....	101
4.3.2 Representações de identidades docentes: o discurso e os modos de operação de ideologias .....	105
4.4 Análise de Discurso Crítica e sua relação com as teorias do visual .....	108
4.4.1 Representações visuais como recursos multimodais .....	109
4.5 A Teoria de Representação de Atores Sociais e o Sistema de Significados Sociossemióticos .....	115

4.5.1 A representação visual dos atores sociais nos textos multimodais.....	122
4.6 O Sistema de Avaliatividade como recurso para análise discursiva .....	127
4.6.1 Situando a Avaliatividade .....	129
4.6.2 O subsistema Atitude .....	133
4.6.3 As categorias atitudinais .....	149
CAPÍTULO 5.....	153
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NAS CHARGES E.....	153
IDENTIDADES DOS DOCENTES BRASILEIROS.....	153
5.1 Análises, na perspectiva da ADC: buscando respostas .....	154
5.1.1 Docente e classe social .....	155
5.1.2 Ela foi minha professora! .....	165
5.1.3 - Professor apanha da Polícia .....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	182
REFERÊNCIAS .....	193
Obras citadas .....	193
Endereços eletrônicos (Web / Homepage).....	200
Obras consultadas .....	202



## APRESENTAÇÃO

*É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque, no momento em que tento falar, não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo (LISPECTOR, 1998).*

Em qualquer sociedade no mundo, a educação é tema relevante de inúmeras discussões e em todos os níveis. Não raro, junto ao tema, estão questões vinculadas ao profissional da educação, o professor. Entre as questões mais discutidas destacam-se aquelas com enfoque nas identidades. As discussões a esse respeito costumam ser estendidas em circunstâncias de lutas e de conflitos como momento em construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Considero mais adequado pensar em identidades, no plural, por realçar uma dinâmica que caracteriza as maneiras de ser, de agir e de sentir desse profissional em contextos específicos.

Com o propósito de contribuir para os debates que envolvem as questões fundamentais para a educação do país, esta investigação tem o objetivo de analisar como são representadas as identidades de docentes brasileiros em charges e como os discursos operam para a constituição, manutenção e transformação dessas identidades. Com essa perspectiva, defendo a tese de que em charges, as representações discursivas sobre docentes têm caráter ideológico e desempenham significativo papel na construção dessas identidades<sup>1</sup>.

A pesquisa apresenta a análise de representações discursivas em charges sobre docentes com a finalidade de verificar como as identidades dos docentes brasileiros são representadas e mostrar como a ideologia age na

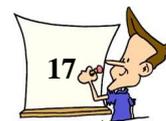
---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, ora uso o termo docente(s), ora uso o termo professor(es) para referir-me aos homens e às mulheres cujo trabalho é ensinar ou educar pessoas, sejam elas crianças ou adultas, em escolas ou instituições de todos os níveis de ensino.

constituição dessas identidades. Para tanto, são abordados os conceitos de Identidades, de Análise de Discurso Crítica, de Ideologia; de Representações de Atores Sociais e de Avaliatividade. A metodologia adotada é a qualitativa e, para a ancoragem teórica, adoto os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC) preconizados por Norman Fairclough (1989; 1992; 1995; 2000; 2003; 2006; 2010) e N. Fairclough e Isabela Fairclough (2012).

Os pressupostos da Análise de Discurso Crítica são apropriados para a pesquisa, uma vez que se caracterizam por uma visão própria, constitutiva da relação entre linguagem e sociedade e da relação entre a própria análise e as práticas analisadas. São teoria e método que se propõem a tornar transparentes os aspectos opacos dos discursos, no que diz respeito às disparidades que ocorrem na sociedade, incluindo os privilégios e as discriminações, tanto pessoais, quanto profissionais. Com a finalidade de responder às questões da pesquisa, a análise das representações discursivas nas charges segue, em primeiro plano, as categorias de Fairclough (2003), as estratégias de Ideologia de John B. Thompson (2002) e a rede de Representações de Atores Sociais de Theo van Leeuwen (2008). As análises das Representações Visuais apoiam-se na Teoria Semiótica Social Multimodal de Gunther Kress (2010) e na Gramática de Design Visual de G. Kress e T. van Leeuwen (1996; 2006).

Para as reflexões teóricas sobre identidades, o fundamento básico permanece na Análise de Discurso Crítica, tendo em vista o entendimento de que as identidades são constituídas pelos discursos. Busco apoio nos estudos de Stuart Hall (1997; 2000; 2005; 2009), Tomaz Tadeu Silva (1996, 2000; 2001; 2008), Kathryn Woodward (2000; 2008) entre outros. Para a abordagem sobre as representações de atores sociais, adoto a Rede de Sistemas de Representação Visual de Atores Sociais de van Leeuwen (1997; 2008) e para relacionar os significados dos discursos tomo como apoio teórico o sistema de Avaliatividade proposto por Martin e White (2005) que oferece, no subsistema atitude, o uso da linguagem para mostrar sentimentos e julgamentos em relação ao outro ou a si mesmo. Essa relação contribui para demarcar o significado identificacional, relativo aos modos de identificar a si e aos outros, pressupondo identidades sociais e individuais, conforme Fairclough (2003).



Com a finalidade de desvelar as questões de pesquisa e concretizar o objetivo da tese, realizo a análise de um *corpus*, especificado no Capítulo 5, composto por charges divulgadas na mídia impressa e virtual sobre diferentes aspectos que envolvem o docente como ator representado.

De acordo com Dina Ferreira (2010, p. 10), “A charge não habita apenas o mundo pictórico, ela extravasa o universo simbólico para alcançar a agência de representações socioculturais”. A charge é vista para o ensino como um gênero textual rico em intertextualidade que permite ao leitor refletir e analisar o que está implícito nos recursos adotados pelo chargista<sup>2</sup>. Ainda para Ferreira, o termo charge, em seu significado literal, é entendido como desenho de natureza caricatural, de forma satírica e humorística, em que se busca representar uma pessoa, fato ou ideia. Foi uma maneira encontrada, por volta do século XIX, por pessoas que se opunham aos governos e que queriam se expressar de forma inusitada. Ganhou popularidade com a grande massa pelo seu caráter criativo e crítico, o que contribuiu para que ela continuasse existindo até os dias atuais. Traz a riqueza da emoção e da subjetividade, no caso destas relacionadas ao ensino e aos docentes pode contribuir para identificação de identidade representada. Por essas razões, a charge foi escolhida como texto para análise desta pesquisa, mais precisamente, a charge vinculada ao professor.

A reflexão proposta traz à tona questões reveladoras na perspectiva discursiva, por exemplo, a concepção de que os modos de representação (linguagem verbal e outros modos semióticos) incidem na construção e na

---

<sup>2</sup> Chargista: os chargistas criam e executam obras de arte ou as aplicam às artes visuais associadas ao conhecimento tecnológico para conceber a forma e a funcionalidade de produtos e serviços; pesquisam temas, elaboram propostas, realizam pesquisas e divulgam os produtos e as obras concebidas. É o profissional que, em seu dia a dia, faz sátiras de acontecimentos atuais, pessoas da mídia ou determinados acontecimentos por meio de ilustrações conhecidas como caricaturas. A palavra charge é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera nos traços de caráter de alguém ou de algo para torná-lo cômico. Muito utilizadas nas críticas políticas do Brasil, muitas vezes são confundidas com *cartoon* (ou *Cartum*, palavra de origem inglesa); entretanto, a charge é uma crítica contundente. O chargista tem a habilidade de, através de um simples desenho, fazer uma crítica político-social, expressando sua visão ou a do veículo em que trabalha. Para isto, um chargista ou *cartoon* deve estar sempre atualizado e atento a tudo o que acontece a seu redor para fazer uma crítica contundente e atualizada sobre determinado tema. (BRASIL PROFISSÕES. Disponível em: <[www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/academicas/artes-e-design/chargista](http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/academicas/artes-e-design/chargista)>. Acesso em: 10 set. 2013).



reconstrução das identidades dos docentes mediante os vários domínios de interação.

Tendo em vista a tese de que as representações discursivas sobre docentes, em charges, têm caráter ideológico e desempenham significativo papel na construção de suas identidades, a pesquisa norteia-se pelas seguintes questões:

1. Como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos?
2. Considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos, que identidades docentes são construídas nas charges?
3. Que ideologias subjazem nas representações docentes nas charges analisadas?

Para a sistematização das análises, o estudo adota a orientação de categorias da Análise de Discurso Crítica (ADC), da Teoria de Atores Sociais e do Sistema de Avaliatividade como conjunto de significados interpessoais, conforme a relação que a ADC estabelece como os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). As categorias, especificadas no Capítulo 2, foram escolhidas por considerá-las capazes de oferecer subsídios para estabelecer um diálogo com os operadores de ideologias de Thompson ([1995] 2002). O arcabouço teórico e analítico constitui-se de recursos que permitem desvelar aspectos ideológicos que permeiam as representações discursivas nas charges e interferem nas identidades dos docentes. A tese apresenta-se organizada da seguinte forma:

- **O Capítulo 1 – As Representações e as Transformações de Identidades de Docentes Brasileiros: Eis a Questão!** apresenta o contexto social e político que envolve as relações de dominação dos meios de comunicação e problematiza a questão das representações discursivas, vistas como resultado da expansão das interações sociais por meio de suporte das mídias. É nessa dinâmica que novos significados são criados. Eles articulam as condições que o ator social docente tem

vivenciado nos aspectos políticos e profissionais, promovendo novas práticas que agenciam novas representações e, conseqüentemente, novas identidades.

- **O Capítulo 2 – As Mudanças Socioculturais e a Mobilização das Identidades dos Docentes** apresenta uma abordagem reflexiva para a compreensão das mudanças sociais ocorridas na sociedade e que, de forma paralela, influenciam o surgimento de novas práticas sociais que afetam as identidades, incluindo as identidades dos docentes brasileiros
- **O Capítulo 3 – Revelando Identidades no caminho das Representações Discursivas: O Desenho da Pesquisa** apresenta a pesquisa, a organização do *corpus*, as categorias o método de análise, as questões e as categorias analíticas.
- **O Capítulo 4 – Identidade, Discurso e Representações** apresenta as abordagens sobre identidades no contexto cultural e social da pesquisa; os estudos realizados sobre representações discursivas.
- **O Capítulo 5 – Representações discursivas nas Charges e Identidades dos Docentes Brasileiros** apresenta a análise dos dados sob os pressupostos teóricos apresentados e as categorias analíticas indicadas, visando ao entendimento das identidades dos docentes.

A organização apresentada delinea as partes que compõem esta pesquisa, cujo objetivo é desvelar aspectos ideológicos que permeiam as representações discursivas nas charges e interferem nas identidades dos docentes. A seguir, no primeiro capítulo, inicio o percurso teórico que embasa a pesquisa, apresentando as transformações que ocorrem a passos generosos, na contemporaneidade, oferecendo margem para questões que envolvem as transformações nas identidades docentes.

Para concluir a apresentação, cito um texto que versa sobre o tema da pesquisa. O poema retrata a versatilidade do professor, e o ilustro com uma imagem composta de quadros que revelam alguns modos usuais de representação de docentes.

No poema intitulado “Sou um professor”, o autor John W. Schlatter<sup>3</sup>, professor americano, revela a sua própria identidade.

Figura 1 - Eu sou professor!



**Fonte:** <http://www.shutterstock.com/cat.mhtml?searchterm=professor/>  
Acesso em: 28 jun. 2014.

<sup>3</sup> John W. Schlatter é um ex-professor americano. Seu poema foi extraído do *best seller Chicken Soup for the Soul* (Canja de Galinha para a Alma), de Jack Canfield e Mark Victor Hansen. Foi publicado na Revista Nova Escola – Revista do professor. (Disponível em: <http://cidadaniadigital.blogspot.com>. Acesso em: 25 mai. 2014).



## **SOU UM PROFESSOR**

Nasci no primeiro momento quando uma pergunta saltou da boca de uma criança. Tenho sido muitas pessoas em muitos lugares.

Sou Sócrates, estimulando a juventude de Atenas a descobrir novas ideias usando perguntas.

Sou Anne Sullivan, tamborilando segredos do universo sobre a mão estendida de Helen Keller.

Sou Esopo e Hans Christian Andersen, revelando a verdade por meio de muitas, muitas histórias.

Sou Darcy Ribeiro, construindo uma universidade a partir do nada no planalto brasileiro.

Sou Ayrton Senna, que transforma sua fama de herói esportista em recursos para educar crianças em seu país.

Sou Anísio Teixeira, na sua luta para a democratização da educação para que todas as crianças brasileiras tenham acesso à Escola.

Os nomes daqueles que exerceram minha profissão constituem uma galeria da fama da humanidade: Buda, Paulo Freire, Confúcio, Montessori, Emília Ferreiro, Moisés, Jesus.

Eu sou também aqueles nomes e rostos que já foram esquecidos, mas cujas lições e cujo caráter serão para sempre lembrados nas realizações dos que educaram.

Já chorei de alegria nos casamentos de ex-alunos, ri de felicidade pelo nascimento de seus filhos e me peguei de cabeça baixa, em dor e confusão, junto a sepulturas cavadas cedo demais para corpos jovens demais.

No decorrer de um dia, já fui chamado para ser artista, amigo, enfermeiro, médico, treinador; tive de encontrar objetos perdidos, emprestar dinheiro; fui motorista de táxi, psicólogo, substituto de pai e mãe, vendedor, político e guardião da fé.

Apesar de mapas, gráficos, fórmulas, verbos, histórias e livros, na verdade não tive nada a ensinar aos meus alunos, porque o que eles de fato têm de aprender é quem eles são. E eu sei que é preciso um mundo para ensinar a uma pessoa quem ela é.

Eu sou um paradoxo. Quanto mais escuro, mais alta se faz ouvir minha voz.

Quanto mais estou disposto a receber com simpatia o que vem de meus alunos, mais tenho para oferecer-lhes. Riqueza material não faz parte dos meus objetivos, mas eu sou um caçador dedicado em tempo integral à procura de novas oportunidades para meus alunos usarem seus talentos e buscando sempre descobrir seu potencial, às vezes enterrado sob o sentimento do fracasso.

Sou o mais afortunado dos trabalhadores. Um médico pode trazer uma vida ao mundo num só momento mágico. A mim é dado cuidar que a vida renasça a cada dia com novas perguntas, melhores ideias e amizades sólidas.

Um arquiteto sabe que, se construir com cuidado, sua estrutura pode durar séculos. Um professor sabe que, se construir com amor de



verdade, sua obra com certeza durará para sempre. Sou um guerreiro que luta todos os dias contra a pressão, a negatividade, o medo, o conformismo, o preconceito, a ignorância e a apatia. Mas tenho grandes aliados:

a inteligência,

a curiosidade,

o apoio dos pais,

a individualidade, a criatividade, a fé, o amor e o riso.

Todos vêm reforçar minha trincheira.



## **CAPÍTULO 1**

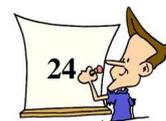
### **AS REPRESENTAÇÕES E AS TRANSFORMAÇÕES DE IDENTIDADES DE DOCENTES BRASILEIROS: EIS A QUESTÃO!**

Os múltiplos movimentos sociais ocorridos na cena social contemporânea colocaram em foco a mobilização das identidades como uma questão política. Em essência, uma política de identidades, conforme Tomaz Tadeu Silva (1996, p. 168), preocupa-se com os modos “[...] como são constituídas as diferentes identidades sociais, com as relações de poder envolvidas nessa formação, com as relações de dominação e de subordinação entre os grupos sociais”.

A representação ocupa lugar central quando o objeto de estudo é identidade; portanto, identidades e representação estão ligadas por uma conexão íntima e inseparável, o que torna importante compreender os processos de representações que interferem na constituição das identidades dos grupos sociais.

O conceito de representação para o contexto da pesquisa é, pois, um processo de produção de significados por meio dos diferentes discursos que permeiam as charges que apresentam docentes como atores sociais. De tal maneira, os significados contidos nos discursos do mundo social fazem parte de um processo social de conhecimento. Eles constituem representações e, de forma particular, as identidades podem ser constituídas (SILVA, 1996). Os significados, portanto, são produzidos e colocados em circulação, carregando as marcas de poder que os produziu.

Conforme o mundo é observado, os acontecimentos são identificados bem como as condições que o movimentam. É nesse contexto que são experienciadas ações que arquitetam as representações, pois diante dos eventos, das ideias, das coisas, as pessoas não ficam isoladas em um vazio social. Por isso, o mundo é compartilhado com outros, convergindo ou divergindo, mas sempre com o propósito de compreender de apoiar ou de confrontar. A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em



muitas ocasiões. “Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais”, conforme ilustra Denise Jodelet (2002, p. 31).

As informações são, portanto, favoráveis às representações discursivas que circulam na sociedade, ora por meio de interações sociais, ora por meio de suportes de mídias. Uma frase, por exemplo, utilizada repetidamente em um programa de humor na televisão como “E o salário, ó!”, referindo-se ao salário de um professor que lida com muitas dificuldades e chacotas, na sala de aula, pode legitimar as identidades dos professores brasileiros.

Os discursos usados com frequência tornam-se estratégias de representações que se instalam sobre valores mutantes entre grupos sociais nos quais circulam os significados, pois, conforme Jodelet (2002, p. 42) os significados são construídos “[...] sobre os saberes ativados por uma situação social particular”.

Ocorre de tal modo o processo de elaboração das representações discursivas em charges. Elas conduzem o leitor ao mundo de significados estabelecidos socialmente. Esses significados podem contribuir para as transformações de identidades dos docentes brasileiros, uma vez que as funções dessa dinâmica social das representações, conforme os estudos de Jodelet (2002, p. 45), são ligadas “[...] a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, bem como à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva do indivíduo”.

A organização deste esboço teórico fornece os subsídios indispensáveis para alcançar o objetivo da pesquisa de analisar, em charges, representações discursivas sobre docentes que possuem caráter ideológico e que desempenham significativo papel na construção de suas identidades. Apresenta, na sequência, a síntese do cenário da profissão docente no país, seguida pelas teorias e ideias dos autores selecionados, subdivididas em seções de tópicos, de acordo com as concepções teóricas consideradas como fundamentais.



No percurso da construção do tópico teórico encontram-se exemplos com algumas práticas de análises, para que seja possível assinalar situações de representações que mostrem como se estabelece a organização e a composição de significados para a defesa da tese.

## **1.1 Cenário da profissão docente no Brasil**

As primeiras iniciativas de educação escolar e do exercício do magistério, no Brasil, surgiram na época colonial, protagonizadas pelos jesuítas. Por conseguinte, a construção da identidade do professor brasileiro e da profissão nasceu imbuída de sentimento missionário. Essa concepção do exercício da docência, associada à ideia de vocação, contribuiu para a cultura escolar brasileira que construiu a identidade do professor ligada ao sacerdócio. O reconhecimento da profissão da docência consolidou-se com a disseminação das Escolas Normais, fundadas em 1835, como instituições responsáveis pelo estabelecimento de um saber especializado e um conjunto de normas que constituíram esse campo profissional. As escolas normais tornaram-se redutos de moças que buscavam o trabalho remunerado, não só no Brasil, mas também em outros países – afinal, o processo de feminização do magistério foi uma tendência mundial, conforme Michael Apple (2001). A docência torna-se, nesse contexto, um mercado de trabalho em expansão para atrair mulheres que queriam ousar além do espaço doméstico. Nesse processo, instaura-se, segundo Jane Almeida (1998, p. 29), “[...] uma correlação de forças entre a condição desejável e a possível de ser obtida em dada época”.

Refletir sobre a construção de identidades dos docentes pode ser útil para encontrar soluções para alguns dos problemas que esses profissionais enfrentam. Conhecer as dificuldades, os conflitos, os avanços no processo de profissionalização do exercício da docência pode trazer subsídios para a compreensão dos dilemas e dos desafios com os quais os professores confrontam-se, interferindo nas suas identidades.



As transformações sociais abrem caminhos para as mudanças nas atitudes das pessoas, gerando novos discursos que interferem em todas as esferas, incluindo as identidades profissionais. Entre elas se encontra a identidade dos docentes, esses profissionais que, em meio à heterogeneidade de papéis que desempenham, têm recebido estímulos por parte dos programas de educação continuada para repensarem os valores e as atitudes essenciais à função de educar.

Muitos dos papéis desempenhados pelo docente, segundo Antônio Nóvoa (1995), são considerados complexos, devido às ambiguidades e às contradições. Ambiguidade, sobretudo, na condição de estatuto social, mostrando, por um lado, o nível econômico, relativamente baixo, dos professores em relação ao salário de outras ocupações de formação acadêmica similar. Por outro, indica o nível cultural dos professores acima da média, devido à detenção de diplomas ou de títulos, símbolos de saber e de conhecimento, motivo para assegurar certo prestígio.

Quanto à contradição da função docente, Nóvoa (1995) chama a atenção para o fato de que boa parte dos professores enfrenta exigências conflituosas e, como exemplo, o autor cita o papel de “[...] agentes de reprodução do sistema social, conforme Bourdieu e Passeron (1970)<sup>4</sup>, porque esse papel, muitas vezes, significa uma prática contra seus princípios ideológicos” (NÓVOA, 1995, p. 10).

É de nosso conhecimento que os candidatos ao exercício da docência estão sujeitos ao acúmulo de responsabilidades consideradas desproporcionais em relação ao tempo e aos meios de que dispõem. Isso pode ser um dos motivos de exclusão da profissão no rol de escolhas dos jovens estudantes que

---

<sup>4</sup> Bourdieu e Passeron (1970, p. 190), na obra ***A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*** argumentam que “Os indivíduos, envoltos de discursos e ideologias dominantes, acreditam que as chances existam para todos quando, de fato, as estruturas existentes e as práticas sociais que permeiam a estrutura social, ao contrário, apenas reproduzem a situação atual da sociedade, e o exame é um instrumento claro de perpetuação da contraposição entre igualdades e desigualdades no âmbito social”. Para os autores, “O sistema de oportunidades objetivas da ascensão pela Escola condiciona as disposições relativamente à Escola e à ascensão pela Escola, disposições que contribuem de maneira determinante para definir as oportunidades de ter acesso à Escola, de aderir às suas normas e de nela ter êxito, e, por conseguinte as oportunidades de ascensão social”.



ingressam às universidades. Já existem estudos sobre a profissão de docência que têm abordado essa preocupação.

Alguns dos papéis atribuídos ao professor podem ser enumerados, como: preparar as aulas; ensinar o conteúdo previsto nos programas; avaliar os alunos; receber e conversar com os pais sobre o desempenho do filho, nos anos iniciais de estudo; organizar atividade extraclasse; elaborar e executar projetos; manter o nível de produção científica, caso atue no ensino superior. Além dessas atribuições, os docentes têm o dever de organizar e de participar de reuniões, de realizar atividades administrativas como organização de diários de notas e até de vigiarem os alunos nos intervalos de aulas e nos refeitórios em Escolas de Educação Infantil. O acúmulo de diversos papéis atribuídos aos docentes prevalece até os dias atuais, e por essa razão, segundo Nóvoa (1995, p. 15), “[...] deixa um hiato entre a concepção estrita do papel docente e as exigências a que eles têm sido submetidos”.

No Brasil, a profissão docente já ocupou posição privilegiada de respeito e de remuneração. Contudo, a docência tem sofrido impacto negativo, gradativamente, por conta de inúmeros movimentos, como a globalização, as novas tecnologias, a expansão do capitalismo, entre outros fatores que transformam o comportamento e os interesses das pessoas. As questões sociais e políticas aliadas às tecnologias têm sido cruciais para a inversão de valores na sociedade, gerando mudança de interesses.

A charge a seguir ilustra muito bem o modelo de educação que tem sido adaptado para suprir as necessidades dos alunos de hoje, mas que ainda apresenta barreiras em relação ao professor. Enquanto não acontece uma reforma educacional mais ampla, os professores aceitam esse desafio. Um dos pontos a ser reavaliado é a questão do tempo, que sempre foi um dos pilares da educação formal e determinado por regulamentos internos. As paredes começaram a ruir e não houve uma reorganização favorável ao docente.

Figura 2 - Inversão de Valores



Fonte: [www.4moderna.com.br/RevistaEducatrix5](http://www.4moderna.com.br/RevistaEducatrix5). Acesso em: 13 jun. 2014.

O impacto das tecnologias impulsiona a educação para uma nova organização nas instituições de ensino, mais autônoma e menos refém de instrumentos tradicionais. Nesse contexto, o docente, que sempre foi atento a um rígido cronômetro, o vê agora a derreter como os relógios da tela de Salvador Dali. O primeiro sentimento que emana dos docentes é de que é impossível acompanhar ou compreender esse universo tão veloz; não contavam com uma mudança brusca e, por isso, sentindo-se desamparados, parte significativa deles é afligida pela sensação de desânimo. Isso foi conferido em minha pesquisa de mestrado, em 2004. Os professores perceberam que os padrões de atenção dos alunos mudaram e, surpresos, buscam a interação virtual para se sentirem incluídos nesse processo de transformação, mas só isso não é considerado e suficiente. Além da questão de formação, há a



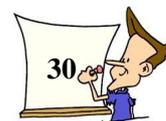
transformação dos valores sociais e culturais, demandando outros deslocamentos.

De acordo com Maurice Tardif e Claude Lessard (2013), a educação é uma esfera nevrálgica na sociedade contemporânea, pois cumpre o importante papel de promover as novas formas de representação e de ressignificação social, além de provocar a evolução, gerando benefícios sociais, econômicos e culturais para a sociedade. Apesar disso, o descaso pela profissão é legitimado nos vários contextos, como nos das redes sociais, das mídias de modo geral e, até mesmo, na própria escola.

A educação, diferente das demais áreas de ocupação, como a tecnologia, que ocupa posição de evidência na contemporaneidade, tornou-se, no país, um setor competitivo para o investidor privado, provocando certo desinteresse por parte de políticas públicas voltadas à profissão de docência. Ainda refletindo sobre a educação do país, para contribuir para a satisfação dos docentes, é preciso repensar, além do currículo, outras dimensões do processo de ensino, tais como infraestrutura, formação continuada de professores, recursos pedagógicos, capital cultural do aluno, entre outros aspectos importantes. São vários os focos que tornam o panorama de ensino do país “nevrálgico”, ou crítico, conforme o denominam Tardif e Lessard (2013). Atento a esse cenário, Silva (2001) alerta que é de singular importância para uma nação o controle educacional, uma vez que a educação

[...] constitui uma das principais conquistas sociais e porque está envolvida na produção da memória histórica e dos sujeitos sociais. Integrá-la à lógica e ao capital significa deixar essa memória e essa produção de identidades pessoais e sociais precisamente no controle de quem tem interesse de manipulá-la e administrá-la para os seus próprios e particulares objetivos. (SILVA, 2001, p. 38).

A crítica feita pelo autor remete às políticas educacionais no Brasil que, segundo o autor, têm sido voltadas para a legitimação e para a manutenção do sistema capitalista, do lucro a qualquer preço, deixando a produção de identidades dos sujeitos sociais a critério de interesses particulares. Essa postura poderá trazer danos à sociedade na medida em que não há



preocupação com a educação, atributo essencial para formar cidadãos ativos, aptos a participarem plenamente da vida política social e cultural do país.

A desvalorização da educação tem se manifestado em lutas de classe, greves, manifestações públicas e paralisações resultantes da situação de os professores se sentirem à margem dos interesses políticos considerados mais relevantes para o país. Ciente de que essa situação não é apenas a visão de um grupo e sim um problema social e na perspectiva de um compromisso de alcance moral e ético, a OIT (Organização Internacional do Trabalho) e a UNESCO, em 1966, decidiram somar forças com o objetivo de produzir um documento de referência sobre a questão docente. O texto aprovado, intitulado *Recomendação Relativa à Situação do Pessoal Docente*, foi ampliado em 1997 para o ensino superior, com última edição em 2007.

O documento é considerado um dos mais completos sobre a profissão docente, pois é composto de diferentes dimensões da função do magistério, entre as quais: a formação inicial e a continuada; as condições de trabalho para um ensino de qualidade; a remuneração; a organização e a política docente; o acesso à carreira, a promoção e a estabilidade; a saúde; os direitos e deveres; a necessidade de material pedagógico de apoio (OIT/UNESCO, 2008). Esses aspectos são reconhecidos como necessários para assegurar o fortalecimento das identidades dos professores do país.

Os movimentos que envolvem insatisfações por parte dos docentes no país, nos últimos decênios, têm buscado aprovar projetos com o objetivo de organizar e estruturar carreira do magistério e de torná-la mais próximas do que fora estabelecido pelo documento da OIT e da UNESCO. Um desses projetos inclui a Lei nº 11.738, que, em 2008, instituiu o piso salarial nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica e o decreto sobre a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica liderada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A situação atual é bastante crítica, apesar de já existirem projetos em vigor, acredita-se que, devido às omissões, os problemas se acumularam e foram progressivamente se agravando ao longo da história. O fato é que, no século XXI, as tentativas de valorização dos professores

empreendidas pelo Governo Federal e pelos estados, municípios e Distrito Federal, ainda não atingiram padrões desejáveis para colocar a profissão docente à altura de sua responsabilidade pública.

O texto que se encontra na sequência, de autoria do chargista Genildo, ilustra o quadro atual do país em relação aos sintomas da educação brasileira. A charge representa o discurso político frequente das propagandas políticas atuais: “O Brasil cresceu como nunca”. Para responder à indagação da presidente, o médico, ironicamente, diz que o Brasil cresceu um pouco, mas continua sem educação, que é representada pela ação dos dedos no nariz, comportamento inadequado para a cultura brasileira. Pressupõe-se que os recursos advindos das políticas do Governo, que visam à implementação dos programas destinados à educação, não têm sido suficientes para assegurar o desenvolvimento saudável do país.

Figura 3 - O Brasil cresceu



Fonte: <http://genildoronchi.blogspot.com.br/search/label/educacao>. Acesso em: 28 abr. 2014.



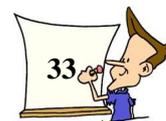
A busca pela melhoria da educação como passaporte para levar o Brasil a pertencer ao grupo dos países desenvolvidos começou a crescer no final do século passado, e, como consequência, houve aumento da demanda por professores. Desde então, para atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), alguns programas políticos têm sido adotados, com caráter urgente, visando suprir à necessidade de docentes. Expandiram-se cursos de licenciatura, em especial na modalidade a distância, para os exercício do magistério com a finalidade de suprir a necessidade de docentes.

Segundo Gatti e Barreto (2009, p. 18), os desafios propostos pela OIT/UNESCO se tornam mais que urgentes porque “[...] sem professores valorizados e continuamente qualificados, o direito a uma educação de qualidade para todos não será uma realidade”. Sendo assim, um dos aspectos a se considerar é a formação dos professores, a carreira e as perspectivas profissionais.

De qualquer ângulo que se focalize a questão – seja na perspectiva dos que se nutrem dos ideais de educação para a construção de uma sociedade justa na distribuição de rendas e na preservação de valores humanos, seja na perspectiva daqueles que se preocupam com a eficiência interna dos processos educativos e com a eficácia na preparação do aluno para participar das transformações no mundo contemporâneo –, a transformação positiva da identidade dos professores sobressai como fator relevante.

## **1.2 Novos tempos: novas práticas docentes**

As relações sociais que envolvem os docentes do século XXI conduzem-me às reminiscências de um tempo, não muito remoto, em que o docente era uma autoridade. Ao aluno era permitido sentar corretamente e demonstrar o que aprendeu nas avaliações, sem permissão de cometer erros. As punições eram frequentes – tanto físicas, quanto psicológicas – e contavam com a concessão dos pais. O aluno respeitava o professor, mas não era um respeito



natural: era imposto, ou seja, o aluno reverenciava seu professor para não ser punido.

Além disso, o ambiente escolar era severo, construído por ações opressoras. Os professores posicionavam-se à frente dos alunos, demonstrando superioridade, e os alunos ficavam sentados em fila, todos uniformizados, calados e com olhares de submissão. O professor dispunha apenas do quadro de giz, que era negro, e os livros didáticos como ferramentas de trabalho. A atitude dos pais e do docente era de uma repressora cumplicidade. Enquanto o aluno devia ser obediente às práticas de castigo e de punição que podiam ser tanto dos pais quanto dos professores. Desse modo, devia permanecer sem demonstrar qualquer sinal de autonomia, nem mesmo em defesa pessoal mesmo sendo justa. São práticas que não cabem nos dias atuais.

É muito comum ouvir alguém de geração mais velha dizer que a escola pública do seu tempo tinha qualidade, que os professores ensinavam para valer, que os alunos tinham disciplina. Percebemos exagero nessas afirmações. O fato é que não se pode comparar a escola pública de hoje com a daquele tempo, sem levar em conta que, no passado, essa escola era para poucos. O país de hoje está próximo de ter todos os jovens e crianças na escola. Para não buscar os números, basta comparar o elitismo da escola pública no passado por meio de fotos de escolas públicas do passado com as atuais. Existem muitas delas circulando na internet ou em livros sobre a história da educação no Brasil, mostrando quem eram os privilegiados que podiam estudar nas escolas públicas de antigamente. Hoje, felizmente, a escola pública se democratizou. Nela, há estudantes de todas as origens e etnias, crianças que não encontravam lugar na escola daquele tempo. A escola de hoje é para todos. As pessoas que vivenciaram a escola de alguns anos atrás, e presenciam os atuais acontecimentos da escola pública no Brasil hoje, notam uma mudança com relação ao comportamento dos alunos. Talvez essa seja a razão de sentirem saudade de sua antiga escola

Para visualizar o cenário de antes, a ilustração abaixo representa o papel do docente do passado

Figura 4 - A interação na sala de aula no passado



Fonte: [http://iesambi.org.br/noticias\\_arquivos/que\\_notas\\_sao\\_essas](http://iesambi.org.br/noticias_arquivos/que_notas_sao_essas).

Acesso em: 25 out. 2013.

A imagem demonstra a postura ativa da professora, o respeito dos pais por sua atividade profissional, bem como a submissão do aluno que está retratado de forma humilde. Podemos dizer que essa é a imagem do passado, ainda vivenciada, em raros contextos, por professores que atuam hoje. Entretanto, não é nova a informação de que o final do século passado foi cheio de inovações, tanto no campo social, cultural e político, quanto no econômico, destacando-se como um período histórico inovador em cada aspecto da vida social, incluindo as mudanças nas práticas sociais políticas que envolvem a vida do profissional docente. A política educacional não foi menos contraditória, indicando novos quesitos para a vida em sociedades avançadas e em

desenvolvimento. Atualmente, esse quadro é representado de modo diverso, com os papéis sociais dos atores deslocados, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 5 - A interação na sala de aula na atualidade



Fonte: [http://iesambi.org.br/noticias\\_arquivos/que\\_notas\\_sao\\_essas.htm](http://iesambi.org.br/noticias_arquivos/que_notas_sao_essas.htm).

Acesso em: 25 out. 2013.

Refletir sobre as formas de se ensinar de ontem é importante para entendermos as identidades dos docentes de hoje, pois são novos tempos, nova geração. É inadmissível pensar em preservar ideais da educação como se fazia antes, quando o papel dos pais era simplesmente o de criar os filhos e a função do professor era o de ser responsável pela boa educação daqueles alunos economicamente privilegiados. Tardif e Lessard (2013) discutem o trabalho docente e indicam o diagnóstico de que os professores se sentem pouco

valorizados e de que a profissão sofreu uma perda significativa de prestígio. Desde o final do século passado são discutidos projetos que poderiam favorecer a profissionalização da atividade de docência, ainda vista como “trabalho docente” tal como este é realizado nas classes e nas escolas. Essa profissionalização, no entanto, implica uma série de outras questões bem explicadas pelos autores, como o problema nas relações de poder na organização do trabalho docente.

Desse modo, os professores têm sido frequentes alvo de críticas em representações discursivas que permeiam a sociedade. Isso decorre das práticas de desrespeito contra professores que se tornaram rotineiras, nas escolas brasileiras e nos movimentos políticos. São fatos que servem de inspiração para os cartunistas produzirem e divulgarem suas obras de arte, quase sempre, carregadas de representações com valores semânticos que desestimam o docente. São discursos que trazem equívocos sobre função de educar, sendo um deles o de sacerdócio que pode ser visto no estereótipo atribuído ao docente na imagem abaixo.

Figura 6 - O trabalho docente



Fonte: Edgar Azevedo, exclusiva para esta tese.



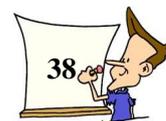
## **CAPÍTULO 2**

### **AS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS E A MOBILIZAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS DOCENTES**

Este capítulo se configura em uma abordagem reflexiva para a compreensão das mudanças sociais ocorridas na sociedade e que, de forma paralela, influenciam o surgimento de novas práticas sociais que afetam as identidades, incluindo as identidades dos docentes brasileiros.

Isso já não é novidade quando se discute o capitalismo que impera e que traz mudanças acentuadas na organização social, política e econômica das sociedades contemporâneas. São transformações que repercutem em muitas áreas da vida social, não ficando de fora a educação. Devido à intensificação dessas mudanças que, muitas vezes, têm como causa os avanços tecnológicos em diversos níveis da condição de vida humana, nos acervos de bibliotecas acadêmicas encontram-se muitos estudos que defendem a tese de que o sujeito é sempre, e cada vez mais, constituído pelos discursos que permeiam a sociedade. São pesquisas que costumam envolver investigação linguística em diálogo com os estudos sociológicos, e muitos deles envolvem a constituição das identidades.

Esses estudos, conforme meu entendimento, necessitam cada vez mais de ampliação, na medida em que as identidades de grupos minoritários e de valor social e econômico para o desenvolvimento do país passam a ser afetadas de alguma maneira pelas práticas adotadas socialmente. Defendo esse pensamento porque as identidades dos docentes brasileiros também têm sido atingidas e é compreensível que, na perspectiva representacional, as identidades possam ser fortalecidas ou ser fragmentadas pelos discursos. Segundo Giddens (2002), uma das razões das interferências nas identidades das pessoas pode ocorrer pela alteração da noção de tempo e de espaço e pela reflexividade. Estas são questões pontuais que impregnam os diversos discursos que permeiam as comunicações sociais.



Giddens (2002), ao expor seu ponto de vista, explica que a interação entre as pessoas tem ocorrido independentemente de estarem separadas temporal e espacialmente, havendo uma transposição de barreiras possibilitada pelo uso da internet e de outros recursos tecnológicos. Estou de acordo com a tese do autor porque não me parece estar apontando esse avanço tecnológico como algo negativo, mas como um recurso que provocou certo vislumbre nas pessoas, interferindo nas identidades.

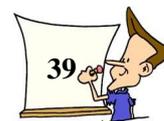
Um aspecto atraente dessa quebra das barreiras temporais e espaciais é a possibilidade de obtermos, em tempo real, mais informações sobre as coisas que acontecem no outro lado do mundo do que sobre as coisas que acontecem perto de nós. Assim, as práticas sociais, as atividades culturais, a convivência, as relações comerciais e a educação têm sido cada vez mais orientadas para o uso e consumo das tecnologias denominadas, por alguns teóricos, de mídias sociais.

De acordo com Kietzmann et al. (2011), as mídias sociais empregam tecnologias móveis e de internet para criar plataformas altamente interativas, por meio das quais indivíduos e comunidades compartilham, discutem e modificam conteúdos gerados por usuários<sup>5</sup>.

Com o acesso desses recursos das mídias sociais ampliados tornou-se possível, neste início de século, uma enorme exposição, tanto das pessoas, quanto das instituições. Porém, mesmo atingindo um grande número de usuários, principalmente nos centros urbanos, ainda é considerada uma nova paisagem de comunicação. O uso das mídias sociais oferece condições de produção de conteúdo, que passou a ser descentralizado e sem o controle editorial de grandes grupos. Isso significa que vivenciamos um momento histórico em que há produção de muitos para muitos, sem submissão a qualquer triagem. Dessa forma, as mídias sociais são conceituadas por Kietzmann et al. (2011, p. 243) como:

---

<sup>5</sup> Social media employ mobile and web-based technologies to create highly interactive platforms via which individuals and communities share, co-create, discuss, and modify user-generated content. (KIETZMANN et al., 2011, p. 241; Tradução livre).



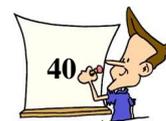
[...] meios de interação entre pessoas pelos quais elas criam, compartilham, trocam e comentam conteúdos em comunidades e redes virtuais, introduzindo, portanto, mudanças substanciais e permanentes na forma como organizações, comunidades e indivíduos se comunicam.

Essa conceituação do autor induziu-me a pensar que essa proliferação de redes que ocorreu nos últimos anos de forma acelerada pode ter trazido como consequência um conjunto de práticas que facilitaram a divulgação de interesses institucionais ou pessoais, como o de promover ou de apagar grupos ou pessoas e identidades. Podemos dizer que essa é uma perspectiva peculiar de determinado contexto social, por exemplo, no contexto de um jornal sindical, no contexto econômico, no contexto de ensino, entre outros.

Uma prática que envolve o uso de ferramentas tecnológicas, portanto, pode ser visto como um fenômeno que aparentemente oferece às pessoas oportunidades de uma existência segura e gratificante se comparada a outros períodos históricos. No entanto, os riscos gerados pelos recursos disponíveis lançam enigmas sutis imperceptíveis ao usuário, seja ele um iniciante ou mesmo um profissional.

Diante dessas inúmeras transformações que envolvem as mudanças nas práticas sociais, encontra-se o desejo sem controle e o alto poder de consumo que envolve as pessoas de tal forma que pode causar prejuízos à sociedade de modo geral e em diversos aspectos, como aqueles que envolvem as relações de trabalho. Existem situações criadas por grupos específicos com a finalidade de promover um grupo de profissionais e de excluir outros, gerando um contexto envolto de incertezas. Isso é perceptível no meio educacional quando um curso de graduação para determinada área passa a ser o preferido pelos programas originados das políticas públicas, propagado pelas mídias, alcançando à sociedade. Essa prática acaba por excluir outras áreas, como ocorre nos cursos de licenciatura. Na mesma velocidade com que surgem novas instituições, outras desaparecem, causando insegurança aos indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais. Dessa forma, sem distinção, nos encontramos diante da socialização dos riscos, independente da ação individual.

Nesse sentido, vale destacar o conceito de Beck (2012), que caracteriza a sociedade deste século como sendo uma “sociedade de risco”, atribuindo-lhe



uma condição de alerta, visto que os riscos geram as mais variadas questões que afetam a vida das pessoas, atingindo as identidades.

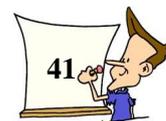
Por essa razão, Beck (2012), em parceria com Giddens (2012), propõe a modernidade reflexiva para exames e reformulações de práticas sociais e políticas. Para o autor, as novas práticas devem ser constantemente questionadas à luz de novas informações, uma vez que altera, de forma constitutiva e contínua, as identidades das pessoas. Beck chama a atenção para os contextos que sofrem transformações nas práticas sociais da modernidade. No Quadro 18, apresento um paralelo entre as práticas, nos contextos do trabalho e de identidade, mostrando algumas mudanças ocorridas com a transição da prática tradicional para a prática da modernidade reflexiva:

Quadro 1 - Paralelo entre prática tradicional e da modernidade

Contextos	Prática Tradicional	Prática da Modernidade
<b>Trabalho</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Sociedade do Trabalho.</li><li>- Pleno emprego.</li><li>- Linearidade e localização da produção.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Capitalismo sem trabalho.</li><li>- Trabalho flexibilizado e temporário.</li><li>- Pluralização do Trabalho.</li></ul>
<b>Identidade</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identidade tecida por classes sociais, partidos políticos e ideologias.</li><li>- Identidade pré- determinada.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Identidade individualizada além das classes.</li><li>- Tribos e ideologias.</li><li>- Pluralidade de estilos de vida.</li><li>- Internalização do medo e da angústia na presença de riscos globais e locais.</li><li>- Identidade líquida.</li></ul>

Fonte: Elaborado pela autora com base em Beck (2012).

O paralelo que mostro no quadro mostra o dinamismo da modernidade reflexiva sob a ótica de modos de vida marcados por transformações, conforme Beck (2012). Uma reflexão nesse sentido indica que há um entrelugar (BATISTA, 2011), e nele encontra-se a condição que obscurece (ou não) o mecanismo da transição de identidade. Para o autor, esse mecanismo não refletido é “[...] exatamente a abstração que produz a sociedade de risco”.



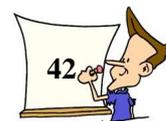
Refere-se ao deslocamento de identidades sociais dos contextos habituais de interação, provocando “[...] uma reestruturação por meio de extensões indefinidas” (GIDDENS; LASH; BACK, 2012, p. 29).

Esse dinamismo da Modernidade, segundo Beck (2012), baseia-se no desenvolvimento de mecanismos de desencaixe, retirando a atividade social dos contextos localizados e reorganizando-a por meio de outras práticas. Baseia-se, ainda, na apropriação reflexiva do conhecimento, na qual a própria produção de conhecimento sistemático torna-se integrante da reprodução do sistema, deslocando a vida social para fora de padrões relacionados à tradição. Na modernidade, então, “O risco e a confiança se entrelaçam normalmente em interações virtuais, elas podem reduzir ou apenas transformar os perigos aos quais somos expostos no exercício de qualquer atividade” (MARTINS, 1999, p. 5).

Essas reflexões sobre as mudanças nas práticas sociais me fazem acreditar que o surgimento de novos modos de interações no mundo tem promovido em nossa sociedade uma mentalidade descentralizadora, constituindo uma geração conectada e livre, tanto das limitações impostas pelas fronteiras geográficas, quanto das limitações impostas pelo tempo. Essas características que são, ao mesmo tempo, atributos constitutivos da modernidade, são causas e efeitos que determinam novas identidades. Dessa forma, não há como negar que os novos modos de informação e de comunicação têm sido adotados como ferramentas de propagação de subsídios para a construção e para transformação das identidades e, assim, impelindo as pessoas para o processo de mudanças nas suas maneiras de agir e de ser.

## **2.1 Discursos e identidades no contexto social e histórico atual**

Ao pensar no discurso é possível focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção, uma vez que todo discurso provém de alguém que tem



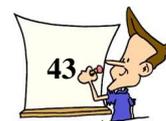
suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular, assim como os seus interlocutores. Dessa maneira, a pessoa define-se no discurso e pelos discursos nos eventos sociais em que ela circula. Para Fairclough (2001), os discursos não só representam a vida social, mas também a constituem. Conforme Camerini e Souza (2002, p. 394):

A compreensão que o sujeito tem de si se constitui através do olhar e da palavra do outro. Cada um de nós ocupa um lugar determinado no espaço e desse lugar único revelamos nosso modo de ver o outro e o mundo físico que nos envolve. Nessa perspectiva de análise, a ênfase está no lugar ocupado pelo olhar e pela palavra na constituição do sentido que conferimos à nossa experiência de estar no mundo. Ao observarmos as interações sociais e os enunciados que emergem na vida cotidiana, constatamos nossa necessidade absoluta do outro. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse.

O discurso, visto desse modo, realiza-se como um processo de construção social mediado por práticas discursivas específicas nas quais os participantes estão posicionados em relações de poder, tendo em vista que o significado não é intrínseco à linguagem, mas sim, um construto negociado pelos participantes em circunstâncias sócio-históricas específicas.

Conforme sugere Bauman (2008), o contexto social e histórico atual requer vigor nos estudos sobre as transformações que afetam as identidades das pessoas e dos grupos sociais. Para o autor, não se trata apenas de os estudos de identidade se tornarem uma “indústria florescente” por direito próprio. Mais do que isso, a identidade agora se tornou um prisma, por meio do qual outros aspectos da vida contemporânea são localizados e examinados. Nessa perspectiva, questões que envolvem como as práticas sociais estão sendo desmontadas e renovadas para se adaptarem a uma nova ordem discursiva carecem de reflexões mais amplas, pois, dependendo de como são usadas, podem levar até mesmo ao desígnio de uma não identidade.

Em um quadro de aparente paraíso social e econômico, escondem-se relações pautadas por desvalorização que têm como alvo a profissão docente. Essas relações estão sendo cada vez mais naturalizadas nas práticas sociais e discursivas de nossa sociedade, gerando críticas e discussões em contextos de



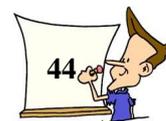
programas de televisão, de mídias impressas e em redes sociais de internet que produzem, disseminam, naturalizam e reificam discursos depreciativos da profissão de docência no Brasil (SILVA, 2009).

Desse modo, as instabilidades dos acontecimentos e a hibridização das tendências provocam inconstância em todos os níveis sociais, repercutindo, inclusive, nas identidades pessoais, sociais e profissionais. Essa situação, no caso dos docentes brasileiros, tornou-se manifesta com maior realce neste século e pode ser observada nas notícias destacadas a seguir:

Cerca de 22,6% dos professores pediram afastamento por licenças-médicas de acordo com a pesquisa *Identidade Expropriada – Retrato do Educador Brasileiro* realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), em 2003. “Isso causa um desfalque no sistema e é um problema difícil de controlar”, explicou a secretária de Finanças do CNTE, Juçara Dutra. Ela ressaltou que cada licença-médica significa, em média, cerca de três meses fora da sala de aula. (GUEDES, 2013, s.p.).

No Espírito Santo, 700 professores da rede pública são afastados por problemas psiquiátricos - Depressão, transtornos de ansiedade, bipolares e o estresse são as doenças responsáveis por mais de 50% dos afastamentos dos professores da rede municipal pública de Vitória, Capital capixaba, segundo o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (SINDIUPES). O levantamento do sindicato aponta que foram concedidas 700 licenças médicas por problemas psiquiátricos de janeiro a agosto de 2011, sendo 356 por depressão, 187 por transtornos de ansiedade, 41 por transtornos bipolares e 72 por estresse. No total, a rede possui cerca de 4.000 docentes (SINTEPE, 2011, s.p.).

Com 250 mil professores, o Estado de São Paulo tem a maior rede de ensino público do país e registra aproximadamente 30 mil faltas por dia. Só em 2006, foram quase 140 mil licenças médicas, com duração média de 33 dias. O custo anual para o governo estadual chega a R\$ 235 milhões. O cenário é o mesmo em centros metropolitanos menores. (MEC/Portal do Professor, 2013).

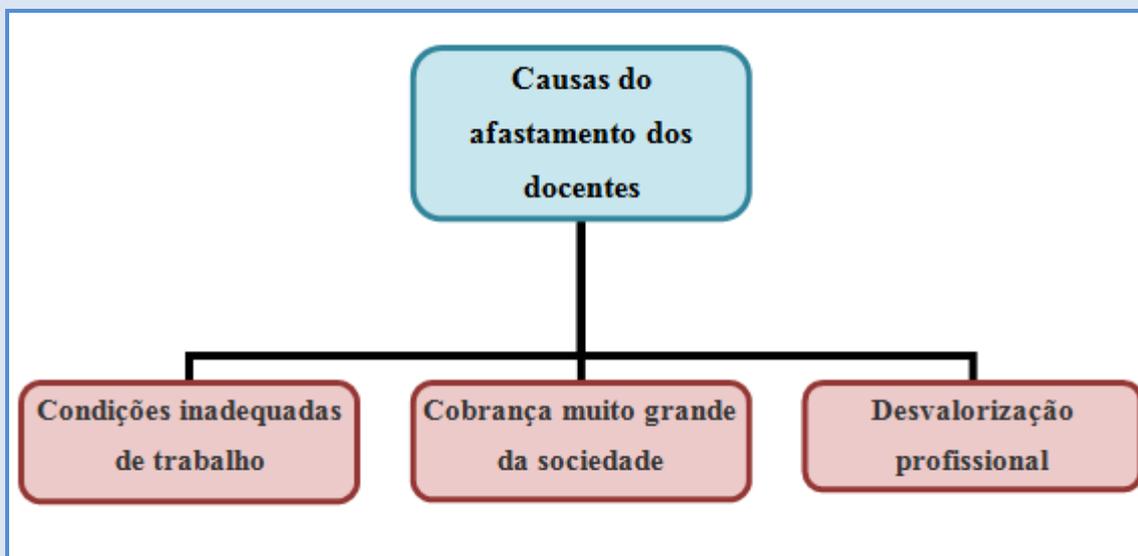


Mais de 50% dos atestados médicos de professores na rede estadual de ensino em Maringá e região são decorrentes de depressão. De janeiro ao fim de setembro, o total de afastamentos aumentou cerca de 40% em relação ao mesmo período de 2010. A informação é do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Maringá. (LISBOA, 2011, s.p.).

Cresce o número de professores afastados por transtornos mentais. Transtornos mentais e comportamentais foram as principais causas de afastamento por doença dos professores da rede municipal de São Paulo no ano passado. Foram 4.900 afastamentos para uma categoria com 55.000 profissionais, o que equivale a quase 10% dos trabalhadores. Os dados são de um levantamento que está sendo feito pelo Departamento de Saúde do Servidor (DSS) da Secretaria Municipal de Gestão e Desburocratização. (VEJA, 2010, s.p.)

Segundo as notícias veiculadas e transcritas acima, percebo que existem algumas causas mais recorrentes que podem provocar o afastamento dos professores das salas de aula. Destaco essas causas mais frequentes e as apresento na Figura 7 a seguir, elaborada com base nas informações presentes nas notícias supracitadas.

Figura 7 - As maiores causas do afastamento dos professores



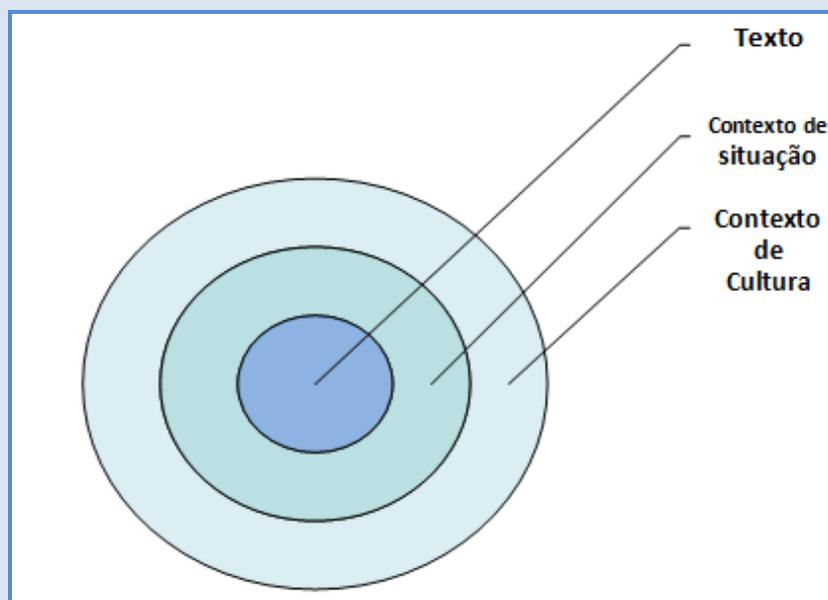
Fonte: Elaborado pela autora.

As notícias veiculadas mostram claramente o crescente quadro de afastamento dos professores por licença médica devido aos aspectos destacados na figura acima. A falta de condições para o trabalho com dignidade, com vistas a atender as cobranças da sociedade, além da desvalorização profissional, acabam acarretando a saúde debilitada e, conseqüentemente, o afastamento por licenças médicas.

Nesse contexto, as identidades dos docentes acabam sendo comprometidas, pois além desses problemas já identificados, esses profissionais convivem com as inúmeras charges que são publicadas na mídia, nos jornais, nas revistas que trazem discursos carregados de atributos negativos em relação à sua profissão. Esses discursos costumam ser reforçados pelos alunos e pela sociedade em geral, diante de tal contexto<sup>6</sup>, interferindo nas transformações de suas identidades.

<sup>6</sup> Contexto aqui usado no sentido de Halliday (1989, p. 46): “Contexto de situação: ambiente imediato no qual o texto está funcionando. Contexto de cultura: relaciona-se ao ambiente sociocultural mais amplo que inclui ideologia, convenções sociais e instituições”. O autor usa

Figura 8 - Texto em contextos



Fonte: Elaborado com base em Fuzer e Cabral (2010).

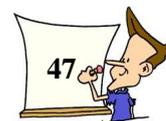
Os professores fazem parte de um grupo de agentes sociais vistos com notoriedade durante séculos. Contudo, inseridos em uma nova ordem discursiva, não permaneceram isentos das vicissitudes da modernidade.

Entendo que não seja possível impedir as transformações pelas quais passam os vários contextos que interferem nas mudanças de identidades, mas é possível rever as práticas, refletir sobre elas e apoderar-se de outra realidade. Essa é uma possibilidade vinculada ao compromisso e ao papel do pesquisador em Ciências Sociais, Linguística e Análise de Discurso, frente aos meios de comunicação de massa e aos modos de produção de comunicação. Ao analista de discurso cabe o papel de buscar a intervenção, visando à transformação de discursos que frequentemente impregnam a reprodução do poder e de ideologias.

Diálogos, debates, notícias e charges são frequentes, trazendo como participante representado – expressão usada por Kress e van Leeuwen (2006) –

---

essa noção para explicar porque certas coisas são ditas e escritas em situação particular. As interpretações são realizadas de acordo com os contextos de situação e de cultura.



um professor em situação ridicularizada. Esse tipo de representação compromete a identidade do docente. Advém de um sistema “[...] avaliativo classificatório que vigora de tal modo que as pessoas são hierarquizadas em praticamente todos os âmbitos sociais, como no trabalho, nas relações de amizade e de casamento, nas mídias e em tantos outros” (SILVA, 2009, p. 32).

Embora seja do conhecimento da sociedade a relevância do papel dos docentes, eles não têm sido poupados, principalmente, pelos *cartuns* e pelos humoristas. No Brasil, os professores encontram-se imersos de forma conflituosa em situações que submergem identidades deflagradas pelo desequilíbrio entre a realidade política e os valores ideais para o exercício da profissão. A realidade política diz respeito não só às assimetrias de poder nas organizações públicas e privadas, mas também ao fato de que atinge sobremaneira à classe docente, que, por sua vez, trabalha diretamente com todas as classes sociais.

Segundo van Dijk (2008), ao serem veiculadas pelas mídias, as decisões políticas podem decidir rumos, mudar as formas de ver as relações humanas e podem também construir e reconstruir identidades. Isso acontece porque as mídias nos informam, mas também costumam ser favoráveis a determinados interesses e, nesse sentido, podem tanto veicular interesses conflitantes, quanto representar grupos legítimos de oposição.

Nos estudos de van Dijk, o acesso aos espaços discursivos dos meios de comunicação constitui dado relevante, porque as participações discursivas devem ser consideradas como similares aos recursos sociais – educação, emprego, saúde –, pois esses recursos não são democraticamente distribuídos em sociedade, o que gera grupos discursivamente excluídos. Neste sentido, o autor defende que quanto “[...] mais acesso se tem ao discurso, mais acesso se tem ao poder social. Em outras palavras, os modelos para se investigar o acesso discursivo podem ser indicadores fidedignos do poder social de grupos e seus membros” (VAN DIJK, 2008, p. 129). Vemos, assim, que a mídia atua como veículo de informações, mas algumas vezes traz discursos que representam os grupos dominantes e reforçam interesses próprios ou específicos. Embora o

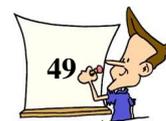
discurso da imprensa apele para a neutralidade, percebemos que os dominados são induzidos a conteúdos que mascaram ideologias de grupos dominantes.

Em função de práticas que promovem a exclusão do docente como agente social nos discursos e nas práticas sociais e políticas que negam o seu valor, contribuindo para o enfraquecimento de suas identidades, é que considero extremamente necessário analisar os discursos, as ideologias e as identidades construídas, difundidas e naturalizadas em nosso meio social. O conjunto das práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos podem ter uns em relação aos outros e com o mundo consiste no poder de dirigir condutas individuais ou coletivas (FOUCAULT, 2004). Ademais, nossa língua é constituída de um léxico recheado de homófonos e homógrafos que oferece condições de construções criativas, trazendo ideologias implícitas, conforme mostra a charge a seguir:

Figura 9 - É este o Piso?



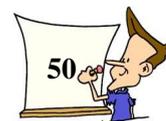
**Fonte:** <http://comediadaeducacao.blogspot.com.br/2012/06/mais-charges-educacionais-e-ilustracoes.html>. Acesso em: 25 out. 2013.



Retomando a imagem, percebemos que em meio a tantos dilemas envolvendo o docente do Brasil, fica clara a reprodução, de modo cômico, das práticas de poder implícitas nas relações políticas e sociais no texto. O processo mental emotivo está materializado linguisticamente em “querer”, e o léxico “piso” foi usado de forma ambígua como fenômeno (substantivo), objeto do desejo dos professores. Traz também “piso” materializado como processo material transformativo, “pisar”, exprimindo de modo intenso humilhação, desprezo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 187-189). Pisar uma pessoa carrega um significado restritivo de negação do outro, segundo o dicionário *online*, Priberam, é o mesmo que ofender, humilhar, magoar, subjugar, desprezar. Esse tipo de discurso legitima identidades docentes como desfavorecidas socialmente. Discursos que permeiam produções desse modo simulam desprestígio que afetam de forma negativa as identidades docentes, estimulando a busca de outras profissões mais valorizadas. Quanto à imagem, ela representa uma perfeita metáfora visual (VIEIRA, 2010, p. 40) para explicar o descaso das autoridades responsáveis para atender à reivindicação de ajuste do piso salarial dos professores.

No exemplo, a metáfora visual foi reforçada pelo discurso escrito, estabelecendo uma relação de redundância entre a imagem que representa o processo “pisar” e o nome “piso”. Vieira (2010) esclarece que isso ocorre porque nem todas as metáforas visuais são tão claras. Nesse caso, a metáfora visual é reforçada pelo discurso escrito, ocorrendo a redundância entre a metáfora visual e a metáfora escrita. Ambas falam do piso salarial dos professores por meio de diferentes semioses.

Vieira (2010) oferece excelente contribuição para a questão de discurso da imagem, à luz da Linguística, na perspectiva discursiva crítica e multimodal com o estudo realizado sobre metáforas visuais. Remete aos estudos cognitivistas de Lakoff e Johnson (2002), que consideram as metáforas como parte da vida cotidiana, da linguagem e do pensamento. Para esses autores, metáforas são formas parciais de estruturar um pensamento. Nesse sentido, metáforas são vistas como formas pessoais de estruturar as ideias, uma vez que



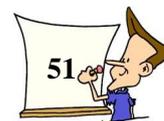
essas associações apresentam teor cultural e social, mas guardam sempre as visões individuais.

As representações visuais, mesmo com as ideias estruturadas em forma de metáfora, proporcionam ao leitor, a percepção crítica que o chargista pretende passar. Isso, explica Kress e van Leeuwen (2006), deve-se ao caráter de o texto multimodal apresentar foco ampliado, na medida em que apresenta o *modo verbal* e o modo imagético.

A tendência de valorização do modo visual, mesclando-se com o verbal traz algumas questões e desafios, no sentido de orientar a atividade não só do analista crítico como também do redator *designer*, do chargista ou do produtor para as novas mídias. Segundo Lemke (2005), toda produção de significados apresenta valores e pontos de vista do produtor; existe uma demanda e uma oferta de atitudes em relação ao conteúdo. Da seleção e organização das informações da charge surgem, então, o que Lemke (2005) chama de ressemiotização. Estabelece-se uma coesão entre os recursos visuais, por exemplo, espaçamentos, composição do tema, ligação entre imagens etc. A atividade de construir textos desse gênero é dividida entre os cuidados com o *layout* do texto e com os cuidados com o conteúdo da criação. Esse último é motivo desta discussão, uma vez que ao ter como tema o docente, a crítica é presumida, ao mesmo tempo, pode inferir nas identidades, afetando a segurança desse profissional, o que vai interferir nas suas práticas na sala de aula, junto aos alunos, no exercício de suas atividades, mas também nas suas vidas.

## **2.2 O poder das mídias na sociedade contemporânea**

Quanto às mídias na sociedade contemporânea, atribui-se à imprensa um poder de controle quase exclusivo sobre os recursos simbólicos com os quais se reproduz ou se produz um consenso na sociedade (VAN DIJK, 2008). Determinados discursos, mesmo quando se referem a fatos isolados, ao serem veiculados pelas mídias costumam ser disseminados pelas pessoas e, com



efeito, são naturalmente tomados como verdades pela sociedade. Dessa forma, o papel dos textos difundidos nas mídias sobre docentes pode ser tanto o de desafiar suas identidades, quanto o de alvitrar outra identidade, quase sempre desapreciada.

O poder da mídia de transmitir ideias e imagens que influenciam e que formam novas representações e novos conceitos na sociedade é inegável. As representações e os novos conceitos dos quais a mídia se utiliza para disseminar as informações, portanto, podem contribuir para a constituição de novas identidades. Segundo van Dijk (2008, p. 73),

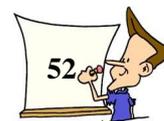
O discurso dos meios de comunicação de massa são os mais penetrantes, se não os mais influentes, a se julgar pelo poder baseado no número de receptores. [...] muitos detentores de poder contam com a cobertura da mídia, e, assim, o poder desses grupos pode ser legitimado de maneira mais abrangente. Isso ocorre porque a mídia é controlada pelas elites simbólicas<sup>7</sup> (BOURDIEU, 1984) que podem determinar e influenciar a relevância dos assuntos veiculados. Os meios de comunicação são, portanto, fabricantes de conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, dos valores e das ideologias.

Desde que foi inventada a mídia, ela tem atuado amplamente na história brasileira. A ela sempre coube um papel de destaque, cuja atuação, quase de forma invisível, influencia as ações de governo e o comportamento da sociedade, extrapolando, em muitos momentos, o seu principal papel de bem informar à sociedade de forma isenta.

Constatar a enorme influência da mídia na política e em todas as áreas de importância da sociedade não é uma tarefa tão complexa. Para Thompson (2002), a mídia se arrogou desse poder por conta própria, sem levar em conta a população, baseada apenas em sua força econômica, política e ideológica, tornando-se cúmplice de setores da classe política. O poder da mídia, portanto, não está apenas comprometido em mostrar a realidade, mas também em ocultá-

---

<sup>7</sup> A metáfora 'elites simbólicas' é usada por van Dijk (2008). O autor toma como base Bourdieu (1984) e Bourdieu e Passeron (1977) para explicar que o modo de produção da articulação é controlado por grupos como jornalistas, escritores, artistas, acadêmicos e outros que exercem o poder com base no capital simbólico. Esses grupos possuem relativa liberdade e, por essa razão, relativo poder para tomar decisão sobre o discurso dentro de seu domínio de poder e determinar seu estilo ou forma de apresentação, podendo assim exercer influências.



la. Quem tem poder para difundir notícias, tem poder para manter segredos e difundir silêncios, conforme a visão de Thompson.

Atualmente, esse poder está mais disseminado na internet, com a expansão das redes sociais. Segundo o fundador do diário espanhol *El País*, Juan Luis Cebrian (apud LIMA, 2010, p. 2),

[...] a internet é um fenômeno de desintermediação. E que futuro aguarda os meios de comunicação, assim como os partidos políticos e os sindicatos, num mundo desintermediado. As próprias organizações políticas foram ultrapassadas pela movimentação dos cidadãos.

Hoje existem dois bilhões de internautas no mundo, ou seja, um terço da população do mundo já tem acesso à rede. Há duzentos milhões de páginas na *web* à escolha de curiosidades. O acesso à informação aumentou de forma espetacular, por meio das várias mídias e, principalmente, pelo acesso às inúmeras redes sociais. Nos períodos de greve dos professores evidenciam-se, de um lado, por parte dos grevistas, na disseminação da legitimidade das reivindicações e, de outro, por parte das autoridades, no discurso de descaso frente a essas lutas. Para a sociedade, por exemplo, uma greve por período longo pode significar o enfraquecimento da profissão e a perda de tempo dos alunos e dos pais.

Um exemplo de crítica que circula nas mídias que pode contribuir para a condição de enfraquecimento de identidade dos docentes por meio de um discurso repetitivo encontra-se na reprodução de um quadro do programa televisivo intitulado “A escolinha do Professor Raimundo”, da autoria de Chico Anísio, com a tipificação de categoria de humor que foi exibido anos a fio, repetindo a imagem e o bordão “E o salário, ó!”. Desde sua exposição no quadro humorístico, o bordão facilmente se processou e não mais saiu do imaginário das pessoas, enquanto o autor da frase, Chico Anísio<sup>8</sup>, em estilo caricaturado, continua fazendo parte de criações dos cartunistas.

---

<sup>8</sup> Chico Anísio atuou como Professor Raimundo, sendo um de seus personagens mais lembrados, até mesmo pelo longo tempo em que foi exibido: 38 anos. A *Escolinha do Professor Raimundo* nasceu, na verdade, no rádio, em 1952. Pelo tremendo sucesso, ganhou versão para a televisão em 1957. O último episódio foi exibido em 2001, entrando para a lista de programas que fizeram história na televisão brasileira.

Figura 10 - E o salário, ó!



Fonte: <http://connectbrazil.blogspot.com./grevedeprofessoresnabahia>. Acesso em: 8 out. 2012.

Esse bordão representa a depreciação da identidade dos docentes, construindo uma ‘verdade’ sobre a situação salarial dos professores do Brasil. Consiste em um quadro com teor humorístico, com fácil demarcação para continuar na memória das pessoas.

A imagem revela também o aspecto multimodal em que a mão do professor está representada em um primeiro plano. Ao mesmo tempo em que afirma “E o salário, ó!”, também gesticula com os dedos, indicador e polegar, mostrando o tamanho minúsculo do salário. Assim, o conjunto contextual dos vários modos semióticos demonstra o tipo de relação que se deseja estabelecer com o interlocutor, o contexto da ocorrência e a construção da imagem de como o ‘mundo’ vê o professor.

Inserido nessa paisagem social, existem trabalhos importantes como as pesquisas realizadas pela Fundacentro, em 2010, sobre a condição dos professores do Brasil. Estas têm como objetivo alertar sobre os problemas de saúde psíquica que se encontram no topo da lista e que atingem os professores,



como estresse, esgotamento, causando até mesmo a Síndrome de Burnout<sup>9</sup>. Uma dessas pesquisas (LIMA, 2002) aponta o estresse do professor como fator relacionado ao salário não digno, à precariedade das condições de trabalho, ao alto volume de atribuições burocráticas, ao elevado número de turmas assumidas e ao mau comportamento dos alunos.

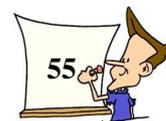
Diante desses fatos, percebe-se que no contexto social e profissional dos docentes há fortes motivos que disseminam o estresse. Consistem em situações de desencanto que geram sentimentos desfavoráveis para a saúde física e esta é uma questão importante apontada nesta pesquisa, pois pode ser vista como o germe para a mudança de identidades desse profissional.

Na divulgação desses fatos, as mídias costumam adotar discursos que sugerem aos leitores, aos telespectadores e aos ouvintes a degradação da imagem pessoal, a precarização do ensino e até mesmo a desvalorização de uma profissão que muitas vezes foi escolhida como ideal para a realização profissional. A forma adotada para lidar com as informações irrompidas de todos os lados no século XXI está atrelada à rapidez com que ocorrem as mudanças; por isso, o ritmo acelerado torna-se sufocante. O docente não pode sentir-se em condição confortável quando se encontra alvejado pelas apreciações divulgadas de todas as formas.

Muitas críticas são infundadas. Outras, no entanto, são embasadas no fato de que muitos docentes não estão imbuídos na ação educacional em sua totalidade. Alguns trazem resquícios do passado e têm como maior desafio transformar as práticas afetadas pelo desenvolvimento dessa nova agenda. Outros veem a profissão docente como um estágio em suas vidas. Nessa condição complexa, as escolhas, as decisões e as novas atitudes têm sido as vilãs do momento. A atual conjuntura apresenta-se impregnada pelas novas e efêmeras transformações, exige habilidades e aperfeiçoamento contínuo para

---

<sup>9</sup> A Síndrome de Burnout é considerada por Harrison (1999) como um tipo de estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo. Burnout em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando estes profissionais a um processo de alienação, desumanização e apatia, ocasionando problemas de saúde, absenteísmo e intenção de abandonar a profissão (GUGLIELMI; TATROW, 1998, p. 9; Tradução livre).

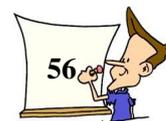


lidar com outras práticas relacionadas com as de ensino. É natural que, nesse novo contexto, as identidades se movimentem.

Outra situação que indica fragmentação da identidade docente se encontra, em eventos de greve, como a dos professores das Universidades Federais, que ocorreu em 2012 e se alastrou ao longo do semestre. Segundo o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), a pauta de reivindicações da categoria ainda era a mesma desde 2010, mas não ocorria o esperado avanço nas negociações. Essa situação ocasionou um desgaste para os envolvidos diretamente e a todos que buscavam respostas, mesmo de modo mais tímido. De acordo com uma matéria publicada na revista *Veja*, “Uma reunião entre os representantes do Ministério do Planejamento, responsável pelas negociações, com os representantes dos docentes estava marcada para o dia 19, mas foi adiada e nenhuma outra data foi agendada.” (MAGGI, 2012, p. 21). A abnegação para a solução do impasse ficou clara, gerando desconforto junto aos participantes do movimento, atingindo toda a categoria de professores. Sem proposta alguma por parte do poder público, a revista *Veja*, de grande circulação e credibilidade no país, divulgou de modo enfático o discurso do ministro, afirmando considerar a greve “[...] precipitada e sem razão de ser” (p. 21).

Com esse discurso de impasse, a greve foi se alastrando por todo o semestre, reforçando o desinteresse pelo problema, afetando as identidades não só pessoal dos docentes, mas de toda categoria profissional. Não poderia deixar de opinar sobre o quanto é lamentável para os docentes brasileiros participarem de uma greve que tenha atingido 95% das universidades e institutos federais de ensino superior, segundo o balanço divulgado pelo ANDES e apresentado na reportagem ser considerada “sem razão de ser” pelo Ministro da Educação, Aluísio Mercadante.

Esse é um exemplo de conjuntura crítica de luta da categoria que pode desencadear uma exaustão emocional, gerando falta de energia e de entusiasmo, esgotamento e diminuição da autorrealização profissional. Diante dessa situação recorrente, o docente recai em uma autoavaliação negativa que acarreta frustração, descontentamento pessoal e profissional. São componentes



que implicam uma confluência de significados que se articulam na vida dos docentes, e esse é o momento em que os papéis sociais se revelam intimamente ligados às questões que envolvem a construção e a transformação nas suas identidades.

Como analista de discurso, procurei reconhecer os possíveis obstáculos afrontados pelos professores como atores sociais da pesquisa para a constituição de suas identidades. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC tem esse caráter porque parte da percepção de um problema que, geralmente, baseia-se nas relações de poder, na distribuição assimétrica dos recursos materiais e simbólicos nas práticas sociais e na naturalização dos discursos que permeiam essas práticas. A ADC que permite ampliar as análises e articular o discurso e outros elementos sociais que contribuem para a concepção de novas práticas que implicam a constituição e reconstituição de identidades. Nesta etapa reflexiva sobre o problema, a conjuntura representa um trajeto específico que faz parte de uma rede de práticas que constituem as estruturas sociais, atentando para a análise de uma prática em particular (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Nessa perspectiva, o foco da análise do corpus da pesquisa se configura não só na descrição da realização linguística de textos que apresentam docentes como atores sociais, mas também dos discursos e dos conflitos de poder em que a instância discursiva se envolve.

De acordo com van Dijk (2008), as formas de poder e de dominação podem ser consideradas uma noção que implica a dimensão negativa de abuso, de injustiça e de desigualdade, isto é, todas as formas ilegítimas de ação e de situações. Para o autor, o interesse dos estudos críticos tem sido mais voltado para os abusos de poder dos políticos do que para o exercício legítimo de poder; mais na maneira como a mídia desinforma do que como informa; ou mais na forma como profissionais e estudiosos abusam do seu conhecimento para perseguir alunos, clientes ou outros cidadãos. Existem, conforme van Dijk, muitos tipos de abuso de poder comunicativo que são de interesse dos analistas de discurso críticos, tais como a manipulação, a doutrinação ou a desinformação. As charges são repletas de exemplos desses usos ilegítimos de

poder que devem ser observados nas análises das representações discursivas que as compõem.

O uso ilegítimo de poder significa a violação de direitos sociais e civis das pessoas como a violação de normas e de valores fundamentais no interesse de quem tem o poder e contra os interesses dos outros. Essa é uma discussão que ocorre sempre que os docentes deflagram uma greve para reivindicar as deficiências do ensino e de salários. Aproveitando o momento de luta e de abusos dos políticos contra os professores, os chargistas inspirados divulgam suas criações. Não há como negar que muitas delas retratam o uso ilegítimo do poder, visto que os conflitos de poder envolvem a luta política e interesses particulares.

Figura 11 - Greve dos professores



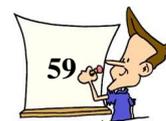
Fonte: foolandfunny.blogspot.com/. Acesso em: 20 jun. 2014.

Na Figura 26, o chargista e jornalista Henrique Terceiro coloca a sua visão da negociação entre o governo e o Sindicato sobre a greve dos professores, depois que a Polícia Militar utilizou *spray* de pimenta e força bruta para apaziguar os ânimos dos decentes. Abaixo, a Figura 27 foi extraída do *Google* Imagens, site de domínio público, e é composta por sete quadros pequenos com imagens que representam a visão de uma luta dos professores universitários que durou mais de 120 dias, sem ganhos significativos.

Figura 12 - Movimento grevista



Fonte: [www.google.com.br/searchsa: greve+dos+professores](http://www.google.com.br/searchsa:greve+dos+professores). Acesso em: 25 out. 2012.



Para as lideranças sindicais e para ativistas do movimento, a greve dos professores por mais de 120 dias, sem ganhos significativos, é indício de uma precarização do ensino. Nesse delineamento, voltado para a luta de classe, de acordo com os estudos realizados, é presumível dizer que se há incertezas em relação à atividade dos docentes, poderá implicar mudanças significativas em suas identidades.

As publicações de notícias sobre a greve estão repletas de ilustrações que representam como se encontram os docentes durante e após a luta sem sucesso. Uma imagem de tristeza e fracasso, vencida pelo descaso político, pode afetar até mesmo os jovens da própria sociedade que poderiam investir na carreira docente e que, ao lerem esse tipo de publicação, passam a recusar a oportunidade de fazer parte desse grupo desprestigiado.

Essas e outras considerações encontram-se centradas nas questões teóricas adotadas para as análises das charges para a compreensão do poder dos discursos sobre docentes que circundam na sociedade em geral. Em razão dessa receptividade pelo público, os discursos não são apenas algumas formas de práticas interacionais ou sociais, mas também são artefatos que apregoam e imprimem sentidos, podendo assim influenciar crenças sobre as escolhas profissionais e produzir expectativas. A afirmação tem como base os estudos da Análise de Discurso Crítica e tem como consequência a construção ou reconstrução de identidades fortalecidas ou enfraquecidas. Em conjunturas específicas, como é o caso dos docentes brasileiros, muitas vezes caracterizam-se como atores sociais sem identidade ou com uma identidade depreciada.

A imagem a seguir sugere a desolação do professor do interior de Minas Gerais diante do momento da carreira docente vivenciado por ele, ainda que disposto a resistir e alcançar as melhorias requeridas pela categoria:

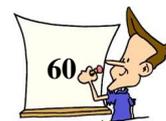


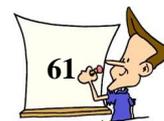
Figura 13 - Não nos curvamos! Nem nos curvaremos!



Fonte: [www.juaranet.com.br/educacao/Conselho-mobiliza-professores](http://www.juaranet.com.br/educacao/Conselho-mobiliza-professores). Acesso em 25 out. 2013

Com base em Kress e van Leeuwen (2006), podemos observar que o olhar absorto do ator social aponta para o infinito, representando uma relação de distanciamento com o interlocutor. O nariz de palhaço usado pelo participante conduz um significado que remete ao papel docente frente às suas lutas. Segundo o discurso grevista do texto ilustrado, o professor não é levado a sério pelas políticas públicas do país.

Apesar de desolador, o ator usa a face para destacar um *slogan* em posição frontal, declarando que não se rende, referindo-se à continuidade da greve dos docentes. Essa imagem para mim representa a marca identitária atual da classe de docentes brasileiros em meio às incertezas, em constante embate entre a realidade e a aspiração de alcançar as melhorias que a categoria considera justa. Dessa forma, a análise discursiva, nesta pesquisa, pode contribuir para a compreensão do modo como os discursos manipulam nossas reflexões.



### **CAPÍTULO 3**

## **REVELANDO IDENTIDADES NO CAMINHO DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: O DESENHO DA PESQUISA**

Este capítulo tem como objetivo detalhar os procedimentos adotados que se adequam mais prontamente à pesquisa de cunho social. Traz uma explanação sobre o paradigma de investigação em Análise de Discurso Crítica (ADC), segundo Fairclough (2001; 2003) e Ruth Wodak & Michael Meyer (2001), além de apresentar as questões inerentes à tese, ao *corpus* e às categorias para o procedimento de análise.

A pesquisa enquadra-se no perfil da investigação qualitativa que demanda uma visão ampla do processo social, e, por isso, a mais apropriada para fins de análise discursiva (FLICK, 2009). A utilização da abordagem qualitativa em pesquisa que envolve estudos das relações sociais é ideal, conforme explica o autor, devido à mudança social acelerada, proporcionando ao pesquisador, ainda no percurso da investigação, a oportunidade de contato com novos contextos sociais.

### **3.1 A pesquisa em ADC**

Os estudos de textos multimodais sob a ótica de teorias linguísticas críticas e, por conseguinte, com abordagens discursivas, deve levar em consideração os significados construídos na interação social, vinculados pela linguagem. As materialidades da linguagem em contextos de charges vão do linguístico ao visual. As abordagens teóricas que utilizo, ou são elas mesmas empreendimentos metodológicos (FAIRCLOUGH, 2003; GUNTHER KRESS & THEO VAN LEEUWEN, 2006; VAN LEEUWEN, 2008), ou remetem a procedimentos metodológicos específicos da Avaliatividade (JAMES R. MARTIN & P.R.R. WHITE, 2005).

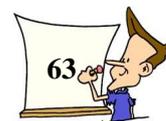


A perspectiva transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica diz respeito à explicitação de vários interdiscursos que habitam o universo das ideias e da existência dos seres humanos. Para Fairclough (2005), a transdisciplinaridade é necessária para os estudos discursivos porque deve tomar a dialética entre os vários momentos da prática social como critério fundamental para o trabalho analítico/interpretativo. Os momentos sociais são complexos e transcendem as questões meramente linguísticas, pois há também as questões sociais, as questões históricas, as questões políticas e as questões profissionais, para citar aquelas diretamente ligadas ao estudo que apresento.

Como paradigma que compreende a articulação de diversos campos de disciplina, a pesquisa de caráter qualitativo consiste em “[...] conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações” (NORMAN DENZIN & YVONNA LINCOLN, 2006, p. 17). Isso significa que, para estudar fenômenos em determinado contexto, é possível entender, interpretar significados das representações discursivas, considerando princípios abstratos, os quais combinam um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como é compreendido e estudado.

A pesquisa na perspectiva da ADC insere-se na postura ontológica por se apoiar na teoria social crítica, preocupada com questões relacionadas ao poder, às ideologias e à construção de identidades. Segundo Fairclough (2003), a ADC ocupa-se dos efeitos ideológicos que os significados que permeiam os textos, como instâncias do discurso, possam ter sobre relações sociais, ações, interações, pessoas e mundo material. Essas preocupações operam-se a serviço de projetos particulares de denominação e de exploração, seja contribuindo para “[...] modificar ou para sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores ou mesmo para alterar relações” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8).

Dessa forma, na busca da análise de representações discursivas pelo viés crítico, a perspectiva adotada se constitui ferramenta útil para investigar identidades, ideologias e relações de poder. A natureza interpretativa atende à intenção de mostrar, nas charges, os modos como são representadas as



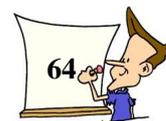
estratégias ideológicas que interferem na construção das identidades. Dada a natureza do estudo, busco estabelecer análises, seguindo a orientação das teorias relacionadas, bem como das intuições que aflorarem no decorrer das interpretações. Uma análise que envolve textos multimodais com imagens de docentes como atores sociais oferece oportunidade de entrecruzamento de outros conhecimentos de mundo e de linguagem que contribuíram e que contribuem para as minhas experiências como linguista.

### **3.2 Pesquisa social e textos multimodais**

As pesquisas qualitativas com textos multimodais têm conquistado espaço no meio científico, e as razões para essa valorização são evidentes, dada a possibilidade de um registro restrito, mas poderoso nas ações temporais e nos acontecimentos reais, concretos e materiais. Além desse caráter da pesquisa social com textos imagéticos, ela pode empregar os dados visuais como dados principais, uma vez que o mundo em que vivemos tem sido crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, repleto de imagens, cujos resultados podem desempenhar papéis importantes na vida social, política e econômica.

As imagens, de fato, merecem lugar de destaque na pesquisa social e não restringem o papel da materialidade linguística. Em muitos casos, no entanto, podem representar fielmente as ideias apresentadas pela escrita e podem também ir além dela, sendo autoexplicativas, e assim, proporcionando, de modo eficaz, o entendimento do discurso nas representações.

Nessa perspectiva, Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que as imagens são muito mais que simples ilustrações, pois elas representam acontecimentos e produzem significados.

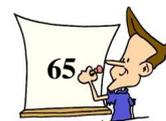


### 3.3 O método e as questões de pesquisa

O método de coleta de dados constitui-se, essencialmente, na busca de charges impressas em sites de livre acesso sobre o tema educação e, em especial, sites relacionados à profissão de docência. Essa captação de dados certamente, não pode ser considerada gratuita, uma vez que a seleção torna-se complexa diante da infinidade de charges disponíveis com traços dos sujeitos que se identificam como fonte divulgadora, apresentando o viés ideológico de suas práticas e crenças. A esse respeito, Fairclough (2003, p. 5) comenta que “Em toda análise, escolhe-se responder a determinadas questões sobre eventos sociais e textos, e não a outras questões possíveis. Há sempre motivações particulares na escolha de certas questões”.

No caso específico desta pesquisa, minha inquietação surgiu da experiência como professora que me sentia ofendida sempre que me deparava com as charges publicadas nos jornais, principalmente em período de greve, devido ao tom depreciativo à identidade dos professores. Diante dessa reação, questionava-me em relação à dimensão ocupada por esse tipo de produção e sobre os efeitos sociais que esse tipo de representação poderia acarretar para a identidade dos docentes. Uma discussão crítica sobre questões de identidade pode ser uma fórmula para inserção efetiva desse profissional à docência com autonomia, conforme os princípios freirianos. Paulo Freire defendia a esperança e o otimismo como necessários para mudanças dentro de determinados contextos e sugere que as pessoas nunca devem se acomodar, pois “[...] somos seres condicionados, e não determinados” (FREIRE, 2003, p. 17). Por isso, devemos ser agentes de mudança e não apenas objeto da história, pois não devemos ver situações como fatalidades e sim como estímulo para mudá-las.

Acrescenta-se o fato de que a charge é dirigida a leitores específicos, no caso, aos professores e a outros produtores do gênero charge, mas devido à sua ludicidade pode se estender a outros agentes sociais, como internautas. A charge tem sido frequentemente destinada à lição nas salas de aula ou selecionada para fazer parte de conteúdo motivador em questões de provas.



Caracteriza-se, portanto, como um texto de grande circulação que cumpre o papel de propagar uma informação crítica sobre determinado assunto e pode construir significados construtivos, ou não, para o imaginário das pessoas.

Discute-se, neste estudo, a tese de que as representações discursivas relacionadas aos docentes brasileiros, em charges, têm caráter ideológico e desempenham significativo papel na construção de suas identidades. Proponho-me a responder às seguintes questões de pesquisa, com base na análise de charges:

1. Como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos?
2. Considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos, que identidades docentes são construídas nas charges?
3. Que ideologias subjazem nas representações docentes nas charges analisadas?

Com a análise dos dados, espero chegar às respostas dessas questões e, para isso, organizo o *corpus* da investigação, especificado no tópico seguinte.

### **3.4 Organização do *corpus* da pesquisa**

A estrutura do *corpus* está alicerçada, conforme já explicitado, em textos do gênero charge. São três textos do gênero charge escolhidos de forma aleatória, em sites e blogs, com o tema educação, professores e professores em greve. Em cada página acessada do domínio *Google* é mostrada uma diversidade de charges, e a escolha foi realizada com atenção àquelas que apresentavam maior nitidez nas imagens, tendo como ator representado o docente, e que traziam estrutura organizada por representações discursivas sobre questões que envolvem a docência.

A análise da charge número um, intitulada “**Docente e classe social**”, pretende responder à primeira questão de pesquisa, que busca saber “Como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos



discursos contemporâneos”. A charge número dois associa-se a um texto escrito de um parágrafo, intitulada **“Ela foi minha professora!!!”**. A análise dessa charge tem como objetivo responder a questão dois: “Que identidades docentes são construídas nas charges, considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos?”. A charge número três é intitulada **“Professor apanha da Polícia”**. A análise tem como propósito responder a questão número três da pesquisa: “Que ideologias subjazem nas representações docentes nas charges?”.

As análises têm o objetivo de desvelar como são construídas as identidades sociais e profissionais de docentes brasileiros e têm como apoio as categorias especificadas a seguir.

### **3.5 Selecionando categorias para análise**

Uma vez estabelecia a metodologia e definido o *corpus*, passo às categorias analíticas. A escolha das categorias para análise pauta-se nas contribuições da ADC (FAIRCLOUGH, 2003) que percebe os três momentos sociais como parte integrante da construção social. O discurso, conforme a concepção de Fairclough (2003), pode ser visto como materialidades textuais, um dos momentos da prática social como campo de saber ou como ordem do discurso, e também de modo mais abstrato, capaz de orientar e de sustentar as diversas ideologias possíveis legitimadoras nos textos. Para efeito da pesquisa, ambos os pontos de vista de Fairclough são necessários para articular as estratégias de representações adotadas na produção das charges.

As representações discursivas compreendem tanto a prática social concretizada nos modos semióticos adotados, quanto o campo de saber como conhecimento do mundo. O discurso, nesse sentido, apresenta-se na relação do texto com suas condições históricas de produção (conhecimento); na inter-relação dos atores sociais nos textos; e na relação dos atores como participantes representados. Concordando com o que alvitra Dina Ferreira (2010), nenhuma linguagem é completa em si mesma, pois se organiza pela



limitação expressiva de seus signos que não apresentam as intenções do autor em sua plenitude. Assim, nenhuma linguagem é suficientemente capaz de expressar tudo o que o autor intenciona, pois cada uma guarda suas particularidades. O que o analista crítico faz é tentar aproximar o máximo dos discursos que submergem das relações semânticas entre as linguagens adotadas para cada evento discursivo e desvelar os significados que contribuem para responder as questões de pesquisa.

A charge aproxima fatos históricos e sociais e compõe-se de mais de um modo semiótico para sua produção, por isso inclui-se na configuração denominada textos multimodais. Por ter essa estrutura multimodal, torna-se viável a metodologia desenvolvida por Fairclough (2003) para analisar as estratégias utilizadas nos textos e desvelar os discursos de dominação e as ideologias que podem interferir nas identidades dos docentes como atores sociais representados nas charges. O enfoque da análise detalha a interioridade e a exterioridade dos textos, elucidando como os discursos são reproduzidos e as identidades dos docentes são legitimadas. Para tanto, as categorias da ADC adotadas encontram – se explicitadas no quadro a seguir.

Quadro 2 - Categorias de análise, segundo Fairclough (2003)

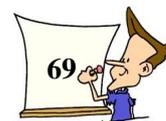
<b>Categorias/aspectos discursivos</b>	<b>Relações observadas na análise</b>
<b>Interdiscursividade</b>	Consiste em observar o modo como os discursos são articulados no texto. Se há mistura significativa de discursos e quais os traços que caracterizam os discursos articulados. Está vinculada às maneiras particulares de representar aspectos do mundo. Os discursos associam-se a campos sociais e interesses particulares de determinadas práticas. “A representação discursiva é relativamente convencional ou relativamente inovadora?” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 283).
<b>Relações semânticas</b>	Diz respeito às relações entre períodos e orações, às partes do texto, e ao léxico para interpretar os significados no uso da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003).
<b>Identificação</b>	Está relacionada ao aspecto discursivo de identidades dos atores sociais. Atenta-se às relações entre os modos de representação articulados no texto como metáforas e as cores (KRESS, 2010; VAN LEEUWEN, 2011).

Fonte: Elaborado para este trabalho, segundo Fairclough (2003).



No aspecto externo, o nível de análise enfoca as relações com elementos de eventos, de estruturas e de prática sociais. A análise das relações dos textos com outros elementos sociais envolve a investigação de como esses elementos se figuram em ações, identificações e representações. Nessa relação externa entre textos, inclui a dimensão que Fairclough (2001, 2003) detalha e explica como princípio da interdiscursividade (ou intertextualidade constitutiva), sugerindo que as ordens do discurso possuem primazia sobre os discursos particulares que são constituídos como configurações de elementos diversos de ordens de discurso. Desse modo, os vários discursos que permeiam a sociedade são incorporados no texto, como elementos de outros discursos para legitimar significados. Segundo Fairclough (2001), as cadeias interdiscursivas podem ser complexas, por exemplo, podemos observar aquelas que incluem textos dos sindicatos dos professores, notícias sobre a negociação da classe com os líderes de governo ou o discurso da presidente sobre um movimento grevista. Todos eles podem ser transformados em outros textos para as diversas mídias de vários tipos, conforme interesses e padrões específicos. Em cada espaço toma um formato, por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso para cada especificidade como reportagens, análises e comentários, artigos acadêmicos, charges como representação dos discursos e, “em outros discursos que o parafraseiam e assim por diante” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 167).

Quanto ao uso do termo representação na Análise de Discurso, Fairclough (2001) explica que ele capta melhor a ideia do que acontece quando se faz uso da linguagem para comunicar certo discurso. Esclarece que, necessariamente, o autor escolhe como representá-lo de um modo ou de outro, logo o que representa não é apenas a fala, mas também a escrita, e, não somente seus aspectos gramaticais, mas também outros elementos da ordem discursiva como suas circunstâncias e o modo como os fatos são expostos. Nesse caráter, sob o olhar da ADC, há diferentes interesses em cada gênero discursivo adotado ao representar o mesmo discurso, dependendo de quem o representa, de quando, como e por que o representa. Na visão faircloughiana, os diferentes modos de representação do discurso desenvolvem-se em conexão com as diferentes



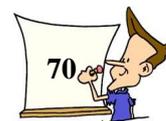
práticas sociais, de acordo com os diferentes significados e com os valores que o discurso sob outro olhar possa ter.

As relações internas do texto lidam com a dimensão ideacional, envolvendo aspectos gramaticais, os processos e os modos pelos quais os elementos são posicionados de acordo com a proeminência informacional. Na dimensão interna, portanto, estão incluídas a análise das relações semânticas, das relações gramaticais e a identificação de traços e estilos articulados no texto, tal como todos os recursos semióticos utilizados na produção das charges, as metáforas visuais e cores usadas nas imagens. Tanto a materialidade linguística quanto as relações discursivas em nível visual que permeiam os discursos são consideradas relevantes para a análise textualmente orientada proposta por Fairclough (2003).

As relações semânticas compreendem análises dos significados e das relações de significado entre as palavras e, no caso deste estudo, realizado com análise de textos multimodais, incluem análises das relações dos significados construídos pelas metáforas visuais. Para esse tipo de análise, aplico a contribuição de Vieira (2010) que, à luz das discussões da Teoria Multimodal de van Leeuwen (2005), faz uma reflexão sobre os significados que se repetem, como em uma redundância, quando o mesmo elemento é representado pelos recursos da linguagem verbal e da visual simultaneamente.

A análise, no sentido definido por Fairclough (2001, 2003), sob a perspectiva da ADC, conforme explica Francisca Cordelia Silva (2009, p. 26), “[...] não é meramente descritiva, porquanto aponta conclusões, recomendações e intervenções práticas e funcionais, tornando o processo viável de investigação social”. Desse modo, as categorias analíticas da ADC (FAIRCLOUGH, 2003), mesmo selecionadas para a sistematização do estudo, conversam com outras categorias de análise em uma dinâmica de reflexão que envolve diferentes estudos e compreensão de outros discursos como práticas sociais para desvelar como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos.

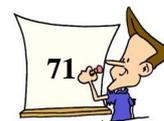
A prática social tem orientações diversas, – econômica, política, cultural e ideológica-, e o discurso perpassa por todas elas, sem reduzir a importância de



qualquer dessas orientações. Essa amplitude justifica a perspectiva do discurso como prática social defendida por Fairclough (2001) a qual foi acatada para este estudo. A prática política e ideológica está ligada às preocupações que contribuem para a justificativa desta pesquisa, uma vez que estabelece, mantém e transforma as relações de poder entre os grupos sociais que estão envolvidos com a educação e os professores como entidade de classe. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações hegemônicas que medeiam as práticas docentes. Ambas, dessa forma, carregam significados gerados pelas relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. O discurso como prática política, além de ser o local de luta pelo poder é também marco delimitador de luta pelo poder. A prática discursiva recorre às convenções que naturalizam as relações de poder e ideologias particulares, juntando às próprias convenções já instaladas para se articularem como focos de luta. Dessa forma, diferentes discursos em diferentes domínios ou ambientes institucionais podem vir a ser investidos de política e de ideologias de maneiras particulares.

Para responder à segunda questão de pesquisa, “Considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos, que identidades docentes são representadas e construídas nas charges analisadas, adoto as categorias, Exclusão e Inclusão, da Teoria de Representação de Atores Sociais de van Leeuwen (2008). As duas categorias apresentadas por van Leeuwen (2008) formam, conforme o autor, uma rede visual e significados que contribuem para a compreensão das representações discursivas dos atores sociais em textos multimodais. Assim, considero que sejam relevantes para a análise dos atores sociais, participantes representados, nas charges. O autor parte de um inventário sociossemiótico para mostrar como as categorias sociais se realizam no campo visual.

A rede de categorias proposta por van Leeuwen (2008) é relevante para que eu encontre respostas aos questionamentos iniciais da pesquisa, considerando os aspectos que um pesquisador social deve considerar, conforme Boyce (2003, p. 467): “[...] ter a segurança de que instrumentos de pesquisa



possibilitam o surgimento das respostas; verificar se a lógica da análise apresentada não é circular”.

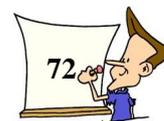
As categorias propostas são Inclusão e Exclusão e se subdividem, em significados, conforme especificado no quadro a seguir.

Quadro 3 - Categorias de análise das Representações de Atores Sociais

<b>EXCLUSÃO</b>	Supressão /Encobrimento			
<b>INCLUSÃO</b>	Ativação-agente			
	Passivação	<b>Sujeição</b>		
	Participação	<b>Circunstância</b>		
		<b>Determinação</b>		
	Personificação	Indeterminação	Categorização	Função
				Identificação
				Avaliação
			Nomeação	Formalização
				Informalização
			<b>Determinação única (docente)</b>	
		Sobredeterminação	Inversão	
			Simbolização	
			Conotação	
		<b>Generalização (classe)</b>		
<b>Especificação (o docente)</b>				
Abstração	<b>Individualização</b>			
	Assimilação	Coletivização		

**Fonte:** Elaborado pela autora, conforme van Leeuwen (2008).

Os significados das maneiras como os atores sociais podem ser representados em textos constituem-se, segundo van Leeuwen (2008), em uma teoria de análise da Representação de Atores Sociais. Consiste de uma análise textual relacionada diretamente ao significado representacional e aos discursos particulares. Para o autor, as representações de práticas sociais são particulares, ou seja, São construídas com base em determinados pontos de vista, e, por isso, representam atores envolvidos em práticas específicas. Por exemplo, atores podem ser excluídos, mas também podem ser incluídos em textos, podendo ter sua agência ofuscada ou enfatizada. Os atores sociais podem ser representados pela sua atividade por meio de julgamento em relação ao que são ou ao que fazem. É nesse sentido que van Leeuwen (2008) propõe



que os atores sociais podem ser representados em textos pelas escolhas sócio-semânticas relacionadas a discursos particulares e, por isso, podem haver implicações ideológicas. Outras categorias escolhidas são as que definem os modos de operação de ideologia de Thompson (2002) que trazem rica contribuição para responder todas as três questões e, mais especificamente, elucidar a terceira questão, “Que a ideologias subjazem nas representações docentes nas charges analisadas?”. As categorias que integram os modos de operação de ideologia propostos por Thompson (2002) são:

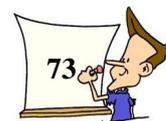
Quadro 4 - Modos de Operação de Ideologia

Modos de operação de ideologia			
MODOS	DEFINIÇÃO	ESTRATÉGIA	Representação
Legitimação	Apresenta situações de representação como legítimas.	Racionalização	Naturaliza as relações sociais
		Universalização	Interesses específicos como gerais
Dissimulação	Ocultamento/negação	Eufemismo, disfarce; Tropo-metáfora	Atributos específicos Relações sociais
Unificação	Construção de forma simbólica	Estandarização/padronização o unidade	Padrão proposto Identificação coletiva/identidade
Fragmentação	Afastamento do coletivo	Diferença Expurgo	Enfatiza as diferenças e a divisão do grupo.
Reificação	Ofuscamento	Naturalização Eternização Nominalização e passivação	Inevitável, imutável permanente, apagamento

**Fonte:** Elaborado pela autora, conforme Thompson (2002)

**Fonte:** Elaborado com base em Thompson (1995, p. 81).

Os modos de operação de ideologias de Thompson (2002) contribuem de forma expressiva, sobretudo para se entender as estratégias aplicadas nas representações que podem ser caracterizadas por marcas de poder e de



dominação. O percurso do estudo considera o olhar voltado aos aspectos das proposições de Fairclough para a Análise de Discurso Crítica, à aproximação dos estudos linguísticos com as Ciências Sociais, à abordagem crítica de ideologia e à pretensão de desenvolvimento de um quadro teórico-metodológico capaz de fundir aspectos de teorias sociais com análise discursiva.

O estudo sobre identidade docente, sobretudo, apoia-se na visão científica transdisciplinar que envolve a crítica social, com o olhar sobre as questões de dominação que envolvem a docência e a relação que a Análise de Discurso Crítica estabelece com a análise de modos semióticos, envolvendo a materialidade linguística e a imagem. A relação pode ser explicitada, por exemplo, pelos elementos que revelam a categoria da Interdiscursividade para a identificação das relações de poder que incluem e excluem e as consequências ideológicas dessas inferências para a valoração ou para a depreciação dos atores sociais aos quais se referem as representações discursivas.

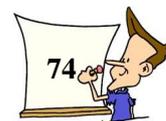
Além das categorias da Análise de Discurso Crítica, das definidas pela Rede Visual de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e dos Modos de Operação de Ideologias de Thompson (1995), as análises apoiam-se na Teoria Social Multimodal, utilizando denominações das estruturas da Gramática de Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), especificadas a seguir.

1. Participantes interativos – são os participantes que produzem e consomem a mensagem.
2. Participantes representados – são aqueles que podem ser chamados de atores sociais, podendo ser ator ou meta.

Quanto à estrutura representacional, Kress e van Leeuwen (2006) adotam os termos.

- A) Estrutura da narrativa; Estrutura Conceitual;
- B) Contato; Distância Social;
- C) Valor da informação; Saliência; Enquadre.

Esses aspectos são valiosos para a análise de textos com imagens, pois a escolha de uma estrutura representacional implica a exclusão de outra e o desvelamento dos significados das representações que revelam as identidades



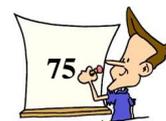
construídas. Os significados composicionais envolvem categorias como valores informacionais, realizados pela posição relativa (centro ou margem), compondo as estruturas dado/novo. **Moldura** – expressa pelos tipos de conexão entre os elementos – e **Saliência** – realizada pelos efeitos do tamanho, das cores e da localização, que se refere à centralidade ou marginalidade, primeiro plano ou profundidade de foco. Assim, a composição de um texto multimodal diz respeito à organização dos elementos – pessoas, coisas, formas abstratas – em um espaço semiótico. Os elementos composicionais de uma imagem ou um texto imagético são equilibrados com base no visual e na relevância dada a cada um deles, e seus significados envolvem os valores informacionais realizados, conforme a posição dos elementos.

As análises recorrem, ainda, às categorias do sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Permite descrever os significados que constroem relações com a **Atitude**, tendo o **Afeto**, o **Julgamento** e a **Apreciação** como categorias relacionadas ao campo semântico que contribuem para a análise linguístico-discursiva. As relações que essas categorias estabelecem com a ADC são apontadas na análise que se refere à Avaliação como categoria de Fairclough (2003) e à questão da valoração positiva ou negativa, desejável ou indesejável, dos valores atitudinais (MARTIN; WHITE, 2005).

É reconhecida a ousadia de uma análise ampla, porém os estudos levam à percepção de que os conceitos adotados navegam entre eles, revelando familiaridade, pois os significados de uma e de outra se apresentam entrelaçados.

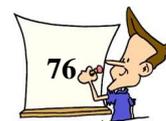
### **3.6 Considerações iniciais**

As ideias até aqui apresentadas delineiam a investigação, a metodologia, as questões e as categorias analíticas com o objetivo de esclarecer a tese de que as representações discursivas relacionadas aos docentes brasileiros, em charges, têm caráter ideológico e desempenham significativo papel na construção de suas identidades.



É preocupação do estudo as mudanças que têm ocorrido, envolvendo as identidades dos docentes brasileiros. Como educadora e pesquisadora tenho observado que as pessoas, em geral, possuem a tendência de menosprezar a profissão docente, em discursos diversos, mesmo que se exponham de forma dissimulada. Atraiu-me as charges porque possuem o caráter de comicidade e, ao mesmo tempo, estendem-se a outros significados para representarem personagens e as identidades de grupos sociais distintos. São significados que devem ser desvendados por meio de análises, pois pressupõe-se que as representações discursivas utilizadas para a composição das charges possam contribuir para a mobilidade das identidades. Eis a questão que me inquieta nesta pesquisa. Acredita-se que a contribuição das charges para a construção de identidades por meio de representações seja relevante, devido ao volume do consumo desse gênero textual. A sociedade contribui, em forma de anuência a certas práticas, e essa é uma forte razão para que suscite a recorrência de representações discursivas com o teor de valorização ou de desprezo por determinados grupos, bem como ocorre com a docência e conseqüentemente podendo legitimar as identidades dos docentes.

No capítulo subsequente, apresento o referencial teórico que ancora a investigação e as abordagens sobre Identidade, Discurso e Representações, associando alguns exemplos voltados à condição dos docentes na contemporaneidade.



## **CAPÍTULO 4**

### **IDENTIDADE, DISCURSO E REPRESENTAÇÃO**

O objetivo deste capítulo é discutir os conceitos teóricos que fundamentam a análise das representações que compõem o *corpus* da pesquisa. Caracterizada pela transdisciplinaridade, esta investigação recorre aos subsídios das outras áreas de conhecimento, especificamente àquelas que dialogam com a Análise de Discurso Crítica (ADC), como a Teoria da Representação de Atores Sociais, a Teoria da Avaliatividade e as Teorias Críticas Sociais, que oferecem contribuições significativas para o conceito de identidade adotado na pesquisa.

O conceito de identidade que orienta a pesquisa enquadra-se na perspectiva da Análise de Discurso Crítica, configurando-se as identidades como associadas às ideologias e que se relacionam à experiência dos atores sociais e sua relação com o mundo, gerando novos discursos. Para a Análise de discurso Crítica, conforme Fairclough (2001), as identidades são constituídas pelos discursos e estão relacionadas à mudança cultural e social. As representações discursivas, portanto, podem trazer balizas de identidades, pois elas são modos de ação, isto é, são modos como as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros.

O tema identidade de docentes escolhido para este estudo deve-se ao reconhecimento da importância de se ter profissionais mais felizes na vanguarda da educação para o avanço das questões que envolvem a cultura do país no contexto social e político contemporâneo. “A docência tem recebido status cada vez mais importante”, defende Tardif e Lessard (2013, p. 28). Porém é preciso ir mais longe, porque as transformações que caracterizam a contemporaneidade, conforme expõem os autores, exigem maneiras mais críticas sobre as práticas de desenvolver pesquisas que envolvem a docência. Por isso, a opção foi feita por um objeto que requer mais sensibilidade, visto que pode inferir até mesmo na prática social do profissional produtor das charges analisadas pelo fato de que eles exercem um poder substancial de convencimento. Um modo diferente

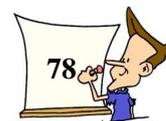


de publicar discursos sobre os docentes, a meu ver, pode contribuir para mudança positiva das suas identidades.

Sabe-se da extensa complexidade e abrangência que envolve estudos sobre identidades, assim acredita-se que uma reflexão que traga à tona uma inquietação, referente às identidades docentes, seja relevante, pois os professores são atores sociais de importância para a sociedade. Acredita-se que o estudo possa oferecer contribuição para possíveis intervenções que promovam mudanças favoráveis à valorização do docente do Brasil.

#### **4.1 Amplitude do tema identidade**

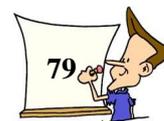
Estudos realizados nas décadas de sessenta e setenta revelam que a identidade estaria ligada às estruturas sociais de classe, não sendo, portanto, algo individual, mas coletivo, intimamente ligado ao fato de um indivíduo pertencer a determinada classe ou grupo social. Ao mesmo tempo em que surgem as mudanças sociais, a alteração de valores e padrões que regem a sociedade e os indivíduos, surge também o poder de moldar as identidades. O dinamismo de sentidos contribuiu para ampliar o interesse de pesquisadores da área de ciências humanas, adotando o uso da expressão “crise de identidade” de origem nos estudos do psicanalista alemão Erik Erikson(1972) com grupos de adolescentes para explicar o momento de incerteza gerado pelas mudanças naquele contexto histórico. A expressão ganhou espaço e contribuiu para a evolução do conceito de identidade, que alcançou outras áreas de estudo como as Ciências Sociais, a Linguística, a Psicologia, a Comunicação, entre outras. O ponto de vista dessas disciplinas contribui para situar a concepção mais adequada aos objetivos propostos, pois grande volume de pesquisas sobre identidades costuma envolver questões culturais como nacionalidade, diferença, gênero e raça, além de temas que envolvem as identidades pessoais e profissionais.



Com a expansão das relações gerada pelo advento da globalização e pelo acesso às tecnologias de comunicação na sociedade moderna, muitos teóricos como Beck (2012), Giddens (2002; 2012), Hall (1997; 2000; 2005; 2009), Bauman (2001; 2004), entre outros, demonstraram preocupação com as bruscas mudanças que simultaneamente ocorrem e interferem na constituição da identidade. Na obra *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*, Giddens, Lash e Beck (2012) indicam as transformações tecnológicas, econômicas e políticas como riscos que podem afetar grupos sociais. Consideram que, por um lado, essas mudanças desempenham papel inovador e, por outro, na mesma proporção, exercem papéis impactantes, ocasionando inquietação nas identidades sociais. De tal modo, nesse fluxo de desenvolvimento, a identidade passa a ser vista como um conjunto de valores flexíveis que define o modo de ser de atores sociais e como os grupos sociais dos quais eles fazem parte se mobilizam na sociedade. Por conseguinte, os estudos que envolvem a identidade ganham fôlego significativo e os conceitos de identidade passam a ser trabalhados com definições menos rígidas, oferecendo abertura a novas possibilidades para se entender as pessoas e o mundo.

Já, na visão de Giddens (2012, p. 89), surge com a modernidade uma nova agenda sob o disfarce de uma sociedade à busca de adaptação para uma vida “pós-tradicional”. Para o autor, nas sociedades modernas (ocidentais), a persistência e a recriação da tradição na modernidade foram inicialmente fundamentais para a legitimação do poder. No entanto, o processo de mudança, chamado pelo autor de “[...] abandono, desincorporação e problematização da tradição” (p. 91), tornou-se intenso na contemporaneidade.

De acordo com a reflexão de Giddens, em nenhum lugar do mundo as pessoas podem continuar sem a consciência do fato de que as suas atividades locais são influenciadas e, às vezes, até determinadas por acontecimentos ou organismos distantes. Sendo a identidade constituída pelo discurso, conforme apontam Fairclough (2001; 2003; 2006; 2010) N. Fairclough e I. Fairclough (2012), Vieira (2002), Silva (2009), ela pode se revelar como uma identificação coletiva em função de um empreendimento de classe ou grupo social.



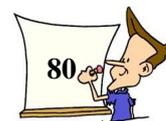
A Análise de Discurso Crítica (ADC) é relevante pela abrangência dos estudos sobre as relações de poder estabelecidas nas práticas discursivas que podem interferir na construção e nas mudanças de aspectos das identidades no cenário de transformações econômicas e sociais. Sob essa visão, Norman Fairclough tem feito indicações em seus estudos de que essas transformações conduzem a uma nova ordem social e afetam profundamente as atividades, as relações sociais e, conseqüentemente, as identidades pessoais, sociais e profissionais. Segundo o autor:

Essas transformações são verificadas por meio do discurso, que é socialmente constitutivo e contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação de mundo, mas também de significação do mundo, constituindo e construindo um mundo de significados (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A concepção de discurso, conforme é apresentada por Fairclough, contribui para a identificação das posições dos sujeitos e suas relações com o outro, oferecendo contribuições para a análise das representações de identidades. Os efeitos constitutivos do discurso atuam conjugados com os efeitos de outras práticas sociais como, por exemplo, daquelas que também foram constituídas por outros discursos e adotadas pelas instituições sociais como a família, a escola e os grupos sociais. Assim, a constituição discursiva de uma sociedade emana de práticas sociais e dos significados cultivados pelas estruturas sociais.

Identidade, nessa perspectiva, é instituída muitas vezes por uma mediação das noções de igualdade e de diferença construídas socialmente. Para explicar esses opostos como unidade, Woodward (2008) utiliza a metáfora da “moeda” no jogo de construção das identidades, devido ao movimento que ocorre de modo dialógico entre símbolos e regras que fazem parte das diferentes culturas.

Sob o ponto de vista de Hall (2009), a identidade é um processo inacabado e multifacetado pelo fato de se constituir em mobilidade contínua. O autor ressalta que o termo identidade tornou-se usual, significando “[...] o ponto de sutura entre os discursos e as práticas que nos tentam interpelar, nos falar ou



nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares” (HALL, 2009, p. 111).

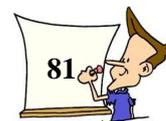
Nessa perspectiva, as identidades são construções socioculturais marcadas pela transitoriedade e pela fragmentação, formadas pela relação com o outro. Para Hall, a concepção aceita é que:

As identidades não são nunca unificadas, que elas são cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p. 106).

O conceito de identidade, na visão de Hall, não pode mais ser pensado como um conceito clássico, ou seja, essencialista, fixo e imutável. Ele deve, sim, ser pensado de forma reconstruída como identificação, o que sugere construção, processo nunca acabado, um eterno porvir. Desse modo, o conceito de identidades, na perspectiva do autor, é visto como processo, como identidades/identificações que se movimentam e, em razão das contingências, elas passam por constantes transformações, conforme os modos que o sujeito é interpelado pelos sistemas sociais em que está inserido.

De acordo com Cláudio Vieira Braga (2013, p. 48), “A noção de identidade como processo, defendida por Hall (1999) é mais bem expressa pela palavra identificação, que assegura o caráter temporário e mutável da identidade cultural”. O uso do termo identificação, segundo Braga, é mais preciso para representar a fluidez e o caráter provisional das características culturais comuns a um determinado grupo. Braga (2013, p. 48) esclarece que as duas ideias – identidade e identificação “[...] são adotadas pelo crítico cultural Kobena Mercer (1990, p. 43)”, visto que considera haver crise de identidades somente quando “[...] algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Para o pesquisador, a crise de identidades é definida por Hall como “[...] parte de um processo mais amplo de mudança, que está (...) abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 1992, p. 7 apud BRAGA, 2013, p. 48). Desse modo, as



identidades são representações construídas por meio de discursos que permeiam a sociedade e, assim, podem ser mobilizadas de acordo com os diferentes momentos da vida.

O indivíduo, sob o ponto de vista desses estudos sobre identidades, é visto como um ser capaz de pensar por meio de grupos engendrados pela vida social, relacionados à ideologia. Nessa perspectiva, Fairclough (2001) integra a questão de identidades em uma relação dialética entre semelhança e diferença e sugere a ideologia como essência da identidade em diversos âmbitos. Para o autor, ideologias são significações da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação.

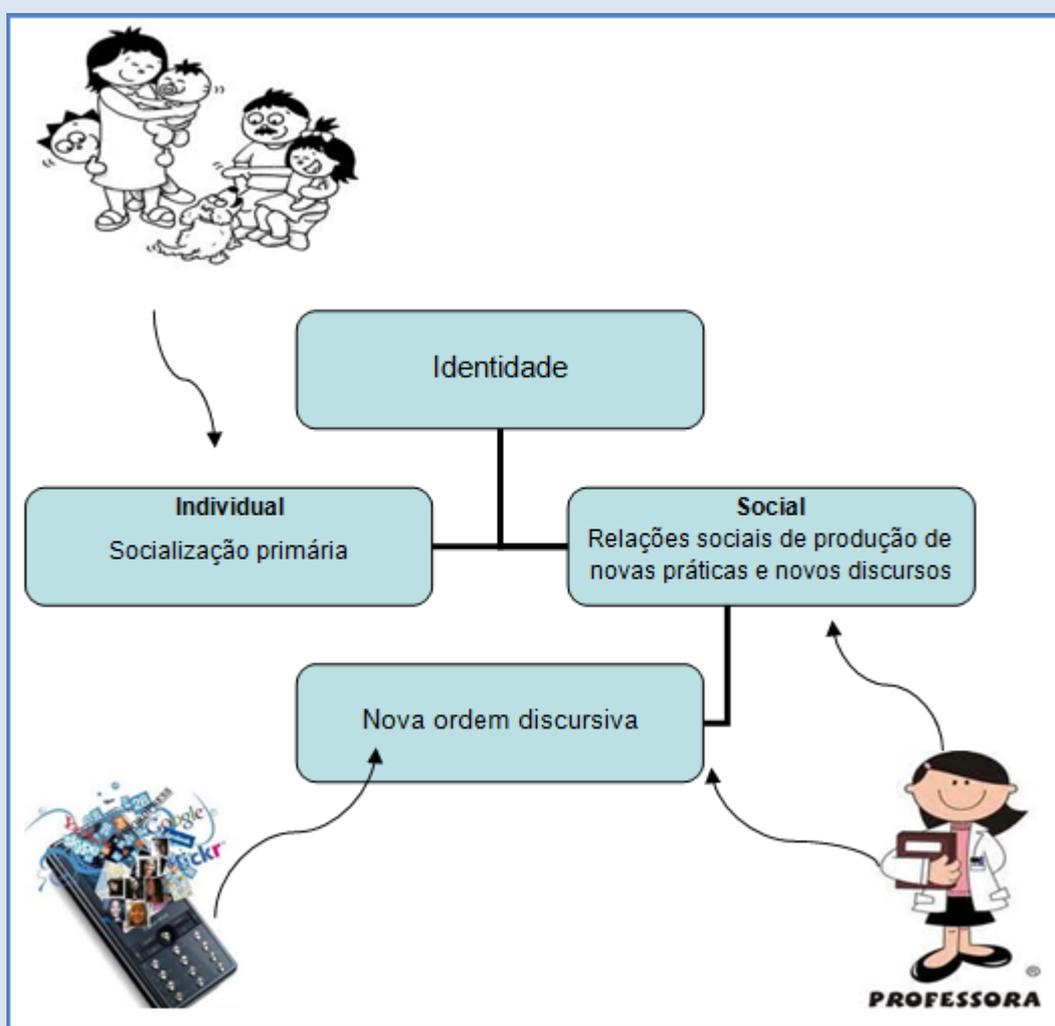
Na perspectiva da ADC, as identidades relacionadas à experiência de atores sociais, vistas como práticas sociais, são associadas às ideologias, ainda que nem sempre haja uma reflexão sobre o conteúdo ideológico dessas práticas. Conforme Fairclough ([1992] 2001), o enfoque da ADC, com ênfase na ideologia, traz uma preocupação com as condições de produção e com a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural. Como as mudanças ocorrem nos eventos discursivos, as origens e as motivações imediatas que geram o evento comunicativo estão nas problematizações das convenções de diversas formas.

O discurso, desse modo, é tanto modo de ação (como as pessoas agem sobre o mundo e sobre as outras) como modo de representação (constitui-se por uma dialética entre ele e a estrutura social). Por conseguinte, é tanto moldado como restringido pela estrutura social.

Para Fairclough (2001, p. 91), “[...] Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural, segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados”. Nessa perspectiva, o discurso é socialmente constitutivo, uma prática de representação e de significação do mundo, constituindo e construindo esse mundo em significado. Nas relações que se estabelecem com as práticas sociais podem incidir transformações nas identidades, o que possibilita um diálogo com a concepção adotada pelos autores citados.

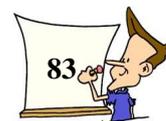
As identidades, como se discute nesta pesquisa, se mobilizam conforme as práticas sociais. Os estudos que conferem o discurso como prática social conduzem ao entendimento de que as práticas discursivas são formas materiais de ideologias (FAIRCLOUGH, 2001) e a ideologia interpela os sujeitos e, - na concepção do analista de discurso crítico -, os discursos podem constituir identidades. É possível visualizar essa relação na ilustração abaixo.

Figura 14 - Mobilização de identidades



Fonte: Elaborado pela autora, com base nos estudos sobre identidade.

De um lado, os aspectos de socialização inicial – a família e a escola –, de outro, os aspectos de socialização secundária constituídos pelas profissões, pela mudança. A ADC induz o olhar do analista para a constituição ideológica de



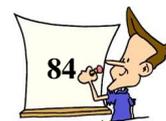
identidades. Assim, ao deparar com práticas discursivas contrastantes em um domínio particular, há probabilidade de parte desse contraste ser ideológico. Os domínios, nesse sentido, se encontram nas convenções sociais que se estabelecem, privilegiando, quase sempre, a reprodução das estruturas e não a transformação. Dessa forma, as interferências sociais que indicam uma nova ordem social precursora de novas práticas discursivas podem carregar teor ideológico, implicando mobilidade para que novas identidades sejam constituídas.

Esse sentido remete, de modo interdisciplinar, aos estudos de Zygmunt Bauman (2008), quando ele diz que a modernidade se especializou em transformar as coisas. Para o autor:

Ao colocar o mundo em movimento, a modernidade expôs a fragilidade e a instabilidade das coisas e abriu a possibilidade e a necessidade de remodelá-las. [...]. A predestinação foi substituída pelo projeto de vida, o destino, pela vocação e, a natureza humana na qual cada um nasceu foi substituída pela 'identidade' que cada um precisa podar e adaptar. (BAUMAN, 2008, p. 181).

O pensamento de Bauman contribui para o entendimento da condição na qual a sociedade se encontra atualmente, atribuindo as transformações às realidades flexíveis, líquidas. Para o sociólogo polonês, a sociedade concebe as identidades como incompletas, sendo necessária a responsabilidade individual para sua conclusão. É uma questão intimamente relacionada a outros aspectos da condição moderna.

Para Josenia Antunes Vieira (2005, p. 208), as transformações “[...] não fazem parte de um complexo singular e único, mas envolvem um complexo de processos que interfere na definição das novas ordens do discurso”. Essa nova ordem discursiva arremetida de recursos tecnológicos tem sido impactante para os professores brasileiros e, em alguns casos, gerando crise nas identidades. A incidência desse impacto decorre da velocidade das mudanças e das novas exigências em relação às práticas didáticas. A transformação é inevitável e, segundo Fairclough (2001), implica luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto das transformações das relações de dominação. E, desse



modo, em meio à mobilidade de modos de agir, há também a mobilidade dos modos de ser.

A ação está relacionada à produção de gêneros discursivos que emergem circulando rapidamente nas mídias impressa e virtual. Entre esses gêneros de caráter contemporâneo encontram-se as charges, que ostentam posição de destaque para fins didáticos por revelarem potencialidades peculiares por meio de apresentação de traços gráficos e imagéticos, ao mesmo tempo em que constroem imagens simbólicas que se tornam representativas de valores sociais em um espaço político e histórico.

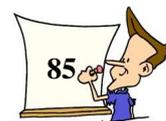
Tomando como base esses estudos, o conceito de identidade que norteia o estudo considera **as identidades como um processo inacabado e multifacetado, constituído socialmente pelo discurso e tendo a ideologia como sua essência**. O discurso é, nessa perspectiva, “[...] modo de ação de uma prática social, não apenas de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significados” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).

O próximo tópico trata das representações discursivas como meio para constituição de identidades.

## 4.2 Representações discursivas e identidades

Os estudos de Fairclough sobre a Análise de Discurso na perspectiva crítica consideram o uso da linguagem não como atividade individual, mas como uma forma de prática social. O entendimento do discurso, desse modo, abrange uma forma de ação e de representação e, ainda que ele seja moldado e cerceado pela estrutura social vigente em sua amplitude, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social.

Segundo Fairclough (2001, p. 91), “os discursos”, ao contribuírem para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, direta e indiretamente, “[...] não só moldam e restringem suas próprias normas e convenções, como



também as suas relações, as identidades e as instituições que lhe são subjacentes”. Desse modo, o estudo sobre identidades nesta pesquisa vincula-se à perspectiva da ADC sugere que as identidades dos docentes têm sido moldadas pelos discursos que circulam em sociedade. Assim, o *discurso* é uma forma de as pessoas agirem sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, por meio de relações sociais, como no caso dos docentes e das instituições de educação.

Uma análise para compreender essas relações precisa ser realizada na perspectiva crítica, segundo Fairclough (2001), porque contribui especialmente para o pensamento crítico por ter um objetivo intervencionista e emancipatório quando propõe desvelar os elementos do sistema de relações sociais presentes no discurso e tentar avaliar os efeitos desses elementos sobre as relações sociais. Quanto a esse aspecto, a ADC, seguramente, é uma teoria viável ao estudo, uma vez que a reflexão indica que os discursos podem posicionar as pessoas ou grupos de diversas maneiras como sujeitos sociais e esses efeitos do discurso são focalizados pela ADC, segundo Fairclough ([1992] 2001, 2003).

Dessa forma, a ADC consiste em discernir relações entre a linguagem e outros elementos da vida social, com atenção às mudanças sociais contínuas, mesmo que tais mudanças inicialmente alcancem apenas contextos menores, ultrapassem fronteiras e afetem as questões que envolvem ideologias, que são marcos delimitadores em luta de classe, perpassam os discursos constroem e reconstroem identidades. Para sustentar essa visão crítica, Fairclough (2001) argumenta que a língua não pode ser identificada apenas como um conjunto de signos abstratos e neutros utilizados pelas pessoas para se comunicar. Isso porque, segundo o autor, a língua é um elemento constituidor do processo interativo e situa-se em um momento histórico socialmente determinado.

Nessa concepção, os sujeitos envolvidos nas situações de comunicação e de interação assumem os seus discursos em consonância com o *status* que lhes cabe e aos seus interlocutores. A ADC, segundo Fairclough ([1992] 2001), permite não só descrever as práticas discursivas, mas também mostrar como os discursos são moldados pelas relações de poder e de ideologias e como podem construir e reconstruir as identidades.



De acordo com o autor, a determinação social do comportamento linguístico gera implicações sociais, sobre os quais ilustro na sequência em um tópico específico sobre os efeitos sociais do discurso. Por essa razão, não se separam as duas dimensões de linguagem e de sociedade. Uma análise de discurso subjacente na interação discursiva ocorre em função de alguns itens propostos na Teoria Social do Discurso em seus aspectos de produção e de interpretação das propriedades formais do texto. Como uma atividade transdisciplinar, conforme Fairclough (2003), a análise discursiva abrange e procura explicar os processos de produção, de distribuição e de consumo textual em seus processos constituídos por uma diversidade de tipos de discurso em consonância com os fatores sociais.

Por conseguinte, defendo aqui a tese de que os sentidos dos discursos veiculados em diferentes contextos das relações sociais sobre docentes têm caráter ideológico, desempenhando papel crucial na construção de identidades – quer sejam fortalecidas e relevantes, quer sejam fragmentadas, enfraquecidas e discriminadas socialmente –, remetendo ao comportamento linguístico-discursivo e aos efeitos sociais que ele gera.

Por meio de análise de amostras discursivas historicamente situadas, segundo Fairclough (2003), é possível perceber a internalização de outros momentos, como as relações sociais e as ideologias do discurso as quais são significações da realidade constituída pelo mundo físico, pelas relações sociais e pelas identidades sociais que são construídas em várias dimensões dos sentidos das práticas discursivas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Sobre a transformação dessas relações, Fairclough (2008, p. 117) argumenta que:

[...] minha referência à transformação aponta para a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação.

De acordo com essa dimensão da Análise de Discurso Crítica defendida pelo seu precursor como teoria e método de análise que conecta a análise textual a contextos sociais e interacionais mais amplos, é possível mostrar a



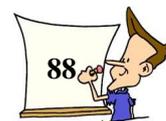
dinâmica da linguagem como participante de processos sociais. Desse modo, a análise na perspectiva crítica oferece condições de mostrar maneiras menos óbvias pelas quais a língua envolve-se em relações sociais e ideológicas de poder e dominação.

Nessa perspectiva, as interações estão vinculadas às formas como as relações sociais são exercidas e as identidades são manifestadas no discurso, mas também, naturalmente, ligadas aos modos como as relações sociais e as identidades são construídas, reproduzidas, contestadas e reestruturadas no discurso. De forma coerente, Fairclough ([1992] 2001; 2003) propõe que analistas críticos de discurso considerem o uso da linguagem como prática social, e não como uma atividade puramente individual ou como reflexo de variáveis situacionais.

A Análise de Discurso, no entanto, constitui-se como crítica e inovadora, não só porque propõe examinar em profundidade o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também nas transformações sociais. Assim, além de contribuir para a mudança nas relações sociais de poder, pode igualmente ampliar a consciência, pois esse é o primeiro passo para a emancipação e transformação.

Essa possibilidade constitui-se porque a ADC implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, na medida em que, por um lado, a estrutura social é moldada pela prática social e, por outro, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social. O discurso, portanto, é o momento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolvem a linguagem em articulação com demais momentos das práticas sociais como fenômeno mental envolvido com as relações sociais e com o mundo material.

A representação do discurso como momento de prática de representação do mundo oferece possibilidades de construir e de constituir os seus significados, o que implica, sobremaneira, uma correspondência do entendimento da dialética entre discurso e sociedade, na perspectiva de que a estrutura social molda o discurso. Essa correspondência possibilita a relação entre discurso, relações sociais, atividade material e fenômeno mental, conforme Fairclough (2003).



Isso significa que a linguagem é parte integrante e irreduzível da vida social, em todos os níveis, ou seja, no nível da estrutura social a linguagem funciona como sistema semiótico; No nível das práticas sociais, a linguagem funciona como nível do discurso; no nível dos eventos sociais, a linguagem funciona como textos (FAIRCLOUGH, 2003). Assim, a linguagem como sistema semiótico apresenta a rede de opções lexicogramaticais; no nível intermediário das práticas sociais temos a linguagem como ordem do discurso que, segundo Fairclough (2003, p. 220), são as “[...] combinações particulares de gêneros, discursos e estilos que constituem o aspecto discursivo de redes de práticas sociais”; por fim, o nível dos eventos, textos, é o mais concreto e o que a Análise de Discurso Crítica considera como o principal material empírico utilizado pelos analistas críticos. Assim, podemos aferir que a ADC apresenta um enfoque amplo, pois privilegia o espaço da ordem do discurso como gerador de conhecimento, visto que os eventos discursivos como o texto, material concretizado pelo potencial funcional do sistema semiótico, é o mais usado nas pesquisas que seguem a vertente das análises discursivas críticas.

Ao fazer uso da linguagem no cotidiano de nossas vidas, recorreremos a maneiras particulares de representar, de agir, de interagir e de identificar o mundo e a nós mesmos. O discurso, portanto, exerce função significativa para a construção das identidades sociais, das relações sociais e de sistemas de conhecimento e de crença.

Esses três efeitos correspondem, respectivamente, a três metafunções da linguagem, denominadas por Halliday e Hasan (1985), preocupados com a língua em uso. Para os estudos na Análise de Discurso Crítica, elas foram renomeadas funções por Fairclough (1992) e pelo mesmo autor, em sua obra de 2003, como significados, conforme esquematizo no quadro a seguir:

Quadro 5 - Funções da linguagem

Metafunções de Halliday e Hasan (1985)	Funções do discurso Fairclough (1992)	Significados do discurso Fairclough (2003)
Ideacional	Ideacional	Representacional
Interpessoal	Identitária	Identificacional
Textual	Relacional	Acional
	Textual	

**Fonte:** Elaborado pela autora conforme estudos de Fairclough (2003).

O quadro representa a correspondência entre as metafunções denominadas por Halliday e Hasan (1985) e as funções denominadas por Fairclough ([1992] 2001). Posteriormente, na obra de 2003, Fairclough os relaciona aos significados do discurso. Mostra os modos como o discurso se configura simultânea e dialeticamente em práticas sociais, como modo de agir, de interagir, de representar e de identificar. A correlação das funções é realizada com os três significados do discurso, ligados aos três elementos da ordem do discurso – gêneros/acional; discurso/representacional; estilos/identificacional –, conforme Fairclough (2003). O autor associa, desse modo, o significado acional à função textual/relacional do discurso, relativo ao modo de interagir discursivamente aos gêneros. O significado representacional, ligado às maneiras particulares de representar aspectos do mundo é associado aos discursos. E o significado identificacional, relacionado às maneiras de se identificar, associa-se a estilos. Assim como os significados, gêneros, discursos e estilos têm suas especificidades e é estabelecida uma relação dialética entre eles. Cada um internaliza traços de outros, de forma que não se excluem.

O texto, para Fairclough, é visto como parte de eventos sociais, uma maneira pela qual as pessoas podem agir e interagir no mundo. São moldados, por um lado, pelas estruturas e pela prática social, por outro, pelos agentes sociais. É nesse sentido que Fairclough (2003, p. 25) avalia que “Os três significados do discurso contribuem para efetivar a relação dialética entre os



momentos semióticos e o sistema social de redes de ordem do discurso”. Isso explica o fato de se definir gêneros, discursos e estilos como modos relativamente estáveis de (Inter) agir, modos de representar e modos de ser (de identificar) em práticas sociais, justificando porque não se molda puramente como categorias linguísticas.

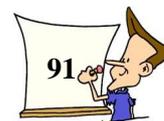
Dessa maneira, as práticas sociais articulam discurso com outros momentos como relações sociais, fenômeno mental, mundo material e, assim, elementos da ordem do discurso são categorias discursivas e sociais que envolvem o discursivo e o não discursivo. Estabelece-se uma conexão entre a relação interna do texto e as suas relações externas a outros elementos da esfera social.

É nesse sentido que a operacionalização dos três significados na análise discursiva crítica sustenta na multifuncionalidade apregoada por Halliday e Hasan (1985) na LSF, o que é confirmado por Fairclough (2003) ao enfatizar o diálogo entre os modos de significados, simultaneamente, relacionados às metafunções. A cada um dos modos de interação entre o discurso e a prática social há uma correspondência de significados.

A organização de Fairclough estabelece-se, então da seguinte forma:

- Na **função ideacional**, o significado representacional enfatiza nos textos a representação dos aspectos do mundo físico, mental e social, seus valores, processos e relações.
- Na **função interpessoal**, o significado identificacional refere-se às identidades sociais, como são construídas e estabelecidas no discurso.
- Na **função textual**, o significado acional focaliza o texto como modo de interação em eventos sociais, aproximando-se da função relacional e considerando que a ação legítima e/ou questiona as relações entre os participantes do discurso.

Outro aspecto lembrado por Fairclough (2003, p. 29) é que o texto está relacionado “[...] à ordem do discurso que tem origem nos estudos de Foucault (1971) e que os três significados do discurso associam aos três eixos nomeados como eixo do poder, eixo do saber e eixo da ética”. Essa relação alcança os



significados do discurso de Fairclough (2003) e está representada no quadro a seguir.

Quadro 6 - Relação entre elementos do discurso, Eixos de Foucault (1994) e os Significados do Discurso de Fairclough (2003)

<b>Elementos da ordem do discurso</b>	<b>Eixos de Foucault (1971)</b>	<b>Significados do Discurso de Fairclough (2003)</b>
<b>Gêneros</b>	Eixo do Poder	Significado acional
<b>Discursos</b>	Eixo do Saber	Significado representacional
<b>Estilos</b>	Eixo da Ética	Significado identificacional

**Fonte:** Elaborado pela autora, baseado em Fairclough (2003).

O quadro, além de mostrar a relação entre os eixos apontados por Foucault, mostra como esses elementos implicam relações com os significados do discurso, pressupondo o potencial de controle sobre as pessoas, coisas e conhecimentos. São dialeticamente articulados, ou seja, o controle sobre as coisas situado no eixo de saber é mediado pelas relações com ou sobre os outros pelo eixo do poder, assim como as relações com os outros pressupõem relações consigo via eixo da ética, e assim por diante (FAIRCLOUGH, 2003, p. 30).

Nesse sentido, Fairclough (2003) lembra que os discursos particulares vistos como representação do saber são mediados por gêneros como ação e poder, assim como gêneros pressupõem estilos como identificação e ética. As representações particulares são discursos que podem ser legitimados por maneiras particulares de ação e por meio de gêneros, podendo ser inculcados em maneiras particulares de identificação/estilos, dando origem às identidades.

Assim, a ADC constitui-se como a teoria adequada para este estudo, uma vez que tem como objetivo mostrar a construção de identidades dos docentes nos discursos e, mais particularmente, identificar os modos como os discursos contribuem para os processos de mudança social e cultural e para a



reconstrução de identidades pessoais e profissionais em textos do gênero charge.

Para a interpretação do *corpus*, a ADC propõe um rico arcabouço de categorias linguístico-discursivas de análise textual. São essas categorias que auxiliam o mapeamento de relações entre o social e o discursivo, permitindo identificar os efeitos constitutivos de textos em práticas sociais. As categorias analíticas são, portanto, significados textuais associados aos modos particulares de representar, de interagir e de identificar em práticas sociais situadas, relacionadas, assim, ao gênero, discurso e estilo. É por meio das categorias que podemos analisar os textos e mapear os significados dos discursos e seus efeitos sociais. A escolha das categorias a serem utilizadas para análise aqui empreendida é consequência do texto – charge – como *corpus* das questões e do interesse da pesquisa.

De forma resumida, apresento, com base em Fairclough (2003, p. 191), o quadro das categorias analíticas recomendadas pelo autor para realização da análise textualmente orientada.

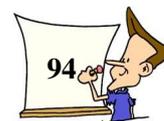
Quadro 7 - Categorias de análise, segundo Fairclough (2003)

Categorias/aspectos discursivos e textuais (FAIRCLOUGH, 2003)	Aspectos observados na análise
Estrutura genérica	Características do texto/gênero
Intertextualidade	Observar as vozes incluídas no texto.
Interdiscursividade	Observar os discursos que se articulam no texto
Relações semânticas	Refere-se às relações de significados predominantes nos usos da linguagem.
Presunção	Relaciona-se aos valores ideológicos que emergem no texto.
Representação de eventos/atores sociais	Elementos multimodais/saliência/espço/relações; Ver os processos (Sistema de Transitividade - LSF); Observar se há Metáforas; Conforme a categorização de Representação de Atores sociais, ver como os atores são representados.
Modalidade	Procurar perceber o nível de comprometimento do autor do texto em relação à informação/afirmação/negação; Marcadores modais como verbos modais, advérbios modais.
Identificação	Procurar perceber os traços de estilos articulados no texto, imagem corporal, metáforas, cores.
Avaliação	Identificar como os valores são realizados. Avaliações afirmativas, positivas, negativas; processos afetivos valores presumidos.

**Fonte:** Elaborado pela autora, segundo Fairclough (2003).

O quadro oferece contribuição para as análises e apresenta caráter abrangente. Conforme apresentei na escolha das categorias, nem todas essas categorias apresentadas no quadro integram o rol proposto para as análises aqui empreendidas. No entanto, as coloquei no quadro acima para que possa ser percebida a familiaridade entre as teorias adotadas.

Em termos de análise, fica difícil definir o que fazer primeiro, se a análise textual, se a discursiva, se a social, pois essas três dimensões vão sempre estar superpostas na prática, conforme Fairclough (2001; 2003). Dessa forma, o autor sugere que adotar uma sequência é sempre útil para coordenar o resultado.



Corroborando essa mesma posição de Fairclough, no capítulo de análises estabeleço uma ordem, especificando o percurso de análise do *corpus*.

O próximo tópico apresenta a ideologia como categoria discursiva por considerá-la como parte essencial do aporte teórico que circula por todas as análises, contribuindo para desvelar as identidades dos docentes e como essas identidades são construídas nas representações discursivas das charges. Isso ocorre porque os efeitos sociais que tais representações visuais impregnam contribuem para desvelar ideologias.

### **4.3 A ideologia como categoria discursiva**

A definição do termo ideologia sempre suscitou nas mais diversas áreas de conhecimento o interesse por um campo inesgotável de abordagens, em que muitos caminhos podem ser seguidos. Nesta pesquisa, faz-se necessária a abordagem acerca da ideologia e de suas contribuições, em suas diversas formas de sentido, relações com o poder, e, portanto, como a ideologia pode agir em todos os contextos da vida cotidiana e dos docentes brasileiros. O enfoque escolhido aclara ainda mais o meu interesse determinante na relação entre discurso e identidade, poder e ideologias.

Para isso, como analista do discurso, demonstro meu interesse pelo entendimento do texto não apenas como estrutura linguística, mas como processo da vida social, uma vez que a intenção, a coerência e a visão de mundo que “[...] o autor e o receptor trazem para o texto são igualmente essenciais como são as estruturas linguísticas” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 59).

Nesse sentido, o autor argumenta que “nossas palavras nunca são neutras, elas carregam o poder de refletir os interesses de quem fala ou escreve” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 61).

Por essa razão, pode-se observar que líderes de opinião, editores de revistas e programas de mídia desempenham papel crucial para moldar as práticas discursivas na sociedade e estabelecer os limites de escolher quais e

como são usadas. A televisão é conhecida por liderar a iniciação do discurso sobre questões de toda natureza, por ela exibir declarações e ações de diferentes personagens, vida de celebridades e acontecimentos em torno da nação para expor e convencer seus seguidores.

A promoção e a sustentação do discurso por esses meios de comunicação são, muitas vezes, ampliadas por detalhes que determinam o ângulo da história, refletindo crenças e ideologias. Esse fato é evidente na charge a seguir.

Figura 15 - Professor deve trabalhar por amor



Fonte: <http://filadelfiaovivo.blogspot.com.br/2012/12/>. Acesso em: 25 out. 2013.

Está evidente como a linguagem é usada no texto para refletir ideologias sociais específicas e relações de poder. O papel desempenhado pelas linguagens visual e escrita constitui-se como precursor de uma criação construída de tal forma que evoca emoções nos leitores. Isso ocorre com a maioria dos editores para garantir que a escolha de expressões reflita os sentimentos, as opiniões e as atitudes das pessoas sobre questões que



envolvem o contexto social. A charge foi divulgada nas redes sociais após 24 dias de greve dos professores do Brasil, quando o Governador do Ceará, Cid Gomes, respondendo às reivindicações da categoria, deu a seguinte declaração, veiculada nas redes de televisão brasileira e sites da internet, conforme reportagem do site de notícias “Último Segundo” (ADERALDO, 2011, s.p.):

Eles querem aumento de salário, mas quem entra em atividade pública, deve entrar por amor, não por dinheiro. Quem quer dar aula, faz isso por gosto, e não pelo salário, se quiserem ganhar melhor, peçam demissão e vão para o ensino privado.

Permeiam, no discurso do governador, significados que podem ser considerados como ideológicos e que podem causar efeitos constitutivos nas identidades dos docentes. Como agentes sociais participantes diretos do contexto social, os docentes brasileiros foram alvo da satirização negativa, materializada no primeiro balão da charge, por meio do comentário feito pelo governador. O exemplo pode mostrar como a ADC, na qualidade de teoria e método de análise do discurso, revela a maneira como os discursos são usados para significação, relações de poder e de desenvolvimento de novos conhecimentos.

Segundo van Dijk (2008), a análise da linguagem usada nos discursos é preocupação da ADC por revelar fontes de poder, abuso, dominação, desigualdade, preconceito. Essas fontes podem dar início a alguma manifestação de poder, mas também podem contribuir para sua reprodução ou para a transformação dentro de contextos específicos, seja o social, o econômico, o político ou o histórico. O fato de a linguagem ser considerada elemento de manifestação da realidade e de todas as suas possibilidades é relevante no contexto desta tese, visto que a pesquisa abriga o propósito de analisar os sentidos dos discursos veiculados em diferentes contextos e o papel que exercem na identidade dos docentes.

Os discursos refletem normas e crenças da sociedade, ou seja, nós dizemos as coisas em conformidade com a maneira que normalmente devem ser ditas em nossa sociedade. Há certas coisas que não devem ser ditas porque a sociedade convencionou a não dizê-las. Da mesma forma, as identidades, na



estrutura social, são mostradas conforme a forma de pensar, de agir e de falar. Um texto é um registro de comunicação que envolve a apresentação dos fatos e crenças que constroem as identidades dos participantes. É produzido por falantes socialmente situados. Portanto, é mais do que apenas palavras faladas ou escritas, pois diz respeito a como essas palavras são usadas em particular contexto social.

Um domínio do discurso ao qual a ADC tem sido muito aplicada nos últimos tempos é a mídia. O uso crítico da Análise do Discurso em Linguística está levando ao desenvolvimento de uma abordagem diferente para a compreensão de como as mensagens da mídia são usadas para servir ao interesse das forças dominantes na sociedade, como os produtores adotam especial estrutura ideológico-discursiva para expressar os valores de um sistema ideológico. Neste caso específico, permite compreender como a educação e os docentes do país são retratados na mídia, conforme vimos nessa charge que foi veiculada repetidas vezes nas redes sociais.

Alguns estudos a que tive acesso abordam o conteúdo de reportagens de determinadas revistas. No entanto, meu interesse maior é pelos textos de fontes diversificadas que trabalharei no capítulo dedicado às Matrizes Analíticas. Eles foram escolhidos porque me oferecem condições de observar as várias posturas ideológicas sociais existentes e relações de poder que contribuem para a constituição de identidades dos docentes.

O *corpus* selecionado permite ver representações ideológicas de diferentes ângulos, com sobreposição de significados. É preciso, no entanto, definir o termo ideologia dentro do contexto da relevância para o uso da linguagem. Ideologia, conforme Thompson (1995), se refere a atitudes, conjunto de crenças, valores e doutrinas com referência à vida religiosa, política, social e econômica, que moldam o indivíduo e a percepção do grupo e por meio da qual a realidade é construída e interpretada.

Entendo que a multiplicidade de conceitos de ideologia perpassa as diferentes relações das pessoas com as sociedades. Assim, na abordagem desta pesquisa em relação às identidades que são reconstruídas em representações veiculadas em contextos diversos, a ideologia pode permear as



relações conflitantes que se estabelecem nas polêmicas vivenciadas pelos professores do Brasil.

Para Fairclough (1995, p. 71):

A ideologia investe a linguagem de várias maneiras e em vários níveis, e nós não temos de escolher entre diferentes localizações possíveis de ideologia, todas são parcialmente justificáveis e nenhuma inteiramente satisfatória.

Como uma propriedade das estruturas e dos eventos, tal abordagem é ampla e rica, portanto, devemos estar atentos a análises que privilegiam uma em detrimento de outra e vice-versa. É importante observar todos os aspectos que viabilizem uma abordagem dialética entre estrutura e ação.

De acordo com Olowe (1993), o editor, os repórteres e seu público constituem um império ideológico. Para o autor, os jornais divulgam todos os assuntos acontecimentos importantes que constantemente surgem na vida social, trazendo manipulação linguística rigorosa para fazê-los se adequarem à expectativa ideológica do público.

Aspectos regulares de mensagens da mídia, tais como notícias, manchetes, anúncios e editoriais são muitas vezes sujeitos a manipulações linguísticas.

No mesmo empreendimento, repórteres, editores, redatores, escritores e cartunistas caracterizam seus trabalhos sobre os valores da sociedade, concepções do mundo e de sistemas simbólicos, a fim de criarem suas mensagens de modo que estas possam trazer projeções de seus pontos de vista ideológicos. Esses profissionais costumam chamar a atenção para algumas questões sociais prevaletentes, como desequilíbrio de poder, desigualdades sociais, práticas não democráticas e outras injustiças. Por exemplo, à vista de muitos docentes, o governo é autoritário e não oferece diálogo com os representantes da categoria. Entretanto, mesmo assim, eles mantêm um discurso retórico de crença na força de uma governança em um ambiente democrático. Isso é muitas vezes reforçado pela imprensa brasileira através de suas manchetes, textos e ilustrações. Configuram-se como rico material que trago nos textos selecionados para a presente pesquisa, mostrando como



posturas ideológicas em diferentes contextos retratam o poder e a insensibilidade às necessidades dos docentes, afetando suas identidades.

Isso ocorre, segundo Fairclough (2001; 2003), porque em determinados discursos as presunções sobre o que é necessário, possível, desejável, ou que já existe em suas particularidades podem ser escolhas ideológicas, posicionadas, ligadas a relações de poder. Tais relações têm uma sustentação maior, pois seus significados são legitimados e a concepção de representações particulares buscam por um equilíbrio.

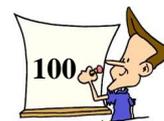
Fairclough (2001), em sua abordagem sobre discurso e ideologia realizada na obra de 1992, traduzida em 2001, faz menção ao conceito de Althusser, que implica duas acepções significativas e contributivas às reflexões feitas pela Teoria Social de Discurso, conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 - Ideologia, segundo Althusser (2007)

Acepção	Domínio
<b>Aparelhos Ideológicos do Estado (AIEs)</b>	São instituições tais como a educação ou a mídia, que atuam como marcos delimitadores na luta de classes que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele.
<b>Interpelação dos sujeitos</b>	Ao interpelar os sujeitos, a ideologia conduz à concepção de um dos mais significativos efeitos ideológicos que é a constituição identitárias.

Fonte: Elaboração da autora, conforme Fairclough (2001).

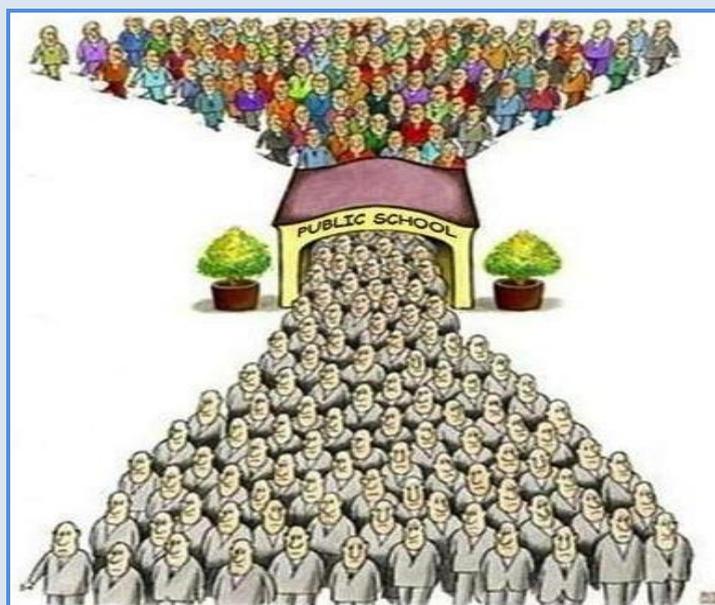
O conceito de ideologia em Althusser (2007) está ligado às instituições de sujeição e é desenvolvido pelos discursos institucionais. Essa concepção de ideologia se associa, em parte, aos estudos da ADC e à representação discursiva de atores sociais, para os quais a ideologia permeia os discursos nos mais variados modos de produção, interferindo na constituição das identidades. Nesse sentido, as duas visões de ideologia se interagem, pois ainda existe na sociedade uma preocupação em assegurar a coesão social de seus atores, regulando o vínculo que os une às respectivas ocupações. Isso ocorre por meio dos regimentos institucionais vigentes. Bárbara Freitag (1980, p. 147) lembra que:



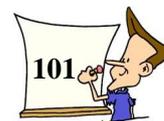
A escola atua no interesse da estrutura de dominação estatal tendo por finalidade a dominação da classe operária, sua condição e a inculcação das ideias burguesas. Essa dominação, por sua vez, não se dá de maneira direta, através da aplicação explícita da violência como no Aparelho Repressivo de Estado, mas de maneira disfarçada, indireta, ideológica, por meio de uma ação pedagógica.

A autora reforça a ideia de que a escola não é um espaço neutro e é nesse espaço que se encontram os docentes em pleno processo de modificação do existente, tanto das práticas sociais, quanto de suas identidades. O convívio com uma ideologia voltada para os índices estatísticos é uma prática que passou a fazer parte da educação do país, mas em contrapartida cultiva o desencanto de muitos professores. A figura abaixo retrata o tubo estreito por onde deve passar muito mais alunos do que é possível, a escola é representada como instituição ideológica. Revela a necessidade de maior rapidez nessa passagem, visto que ainda muitos outros passarão pelo mesmo lugar, mesmo que de modo desconfortável, as estatísticas mostrarão um quadro de destaque.

Figura 16 - Ideologia



**Fonte:** [www.google.com.br/+alienação-educação+no+brasil+alienação](http://www.google.com.br/+alienação-educação+no+brasil+alienação). Acesso em: 13 out. 2013.



A teoria sobre ideologia, para Thompson (1995) traz contribuição para a compreensão do papel dos discursos veiculados pela mídia nas sociedades modernas. O autor ressalta que os sentidos e, mais exatamente, os sentidos das representações dos discursos são ideológicos. As ideias de Thompson alinham-se ao pensamento de Fairclough (2001), que também considera ideológicos os sentidos que permeiam os discursos, como, por exemplo, quando se referem aos aspectos semânticos, tais como as pressuposições, as metáforas e a coerência.

De acordo com Fairclough (2003), ao se falar dos efeitos de sentidos dos textos, alcançando os aspectos formais, é preciso visualizar que as representações em textos têm caráter ideológico e podem trazer efeitos sociais e exercer papel categórico na construção de identidades dos docentes.

Esses recortes foram apresentados para que se possa acompanhar a linha de raciocínio proposta por Fairclough nos estudos da ADC. O autor chama a atenção para que o olhar do analista não se volte somente para os aspectos ou níveis do texto ou do discurso separadamente, mas que atente para todos os aspectos sociais e contextuais por se investirem de ideologia e, igualmente, causarem efeitos sociais.

#### *4.3.1 O olhar sobre os efeitos sociais: processos de produção de significado*

Visto como uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir e interagir, no curso de eventos sociais, o texto faz com que a linguagem seja considerada como um sistema aberto, que percebe os textos como estruturados no sistema e, ao mesmo tempo, inovadores do sistema. Esse caráter ocorre, justamente, pela capacidade de a linguagem estar aberta às mudanças advindas da sociedade e, de construir, desse modo, outros significados, como afirma van Dijk (2012). Segundo o autor, isso ocorre pelo fato de a língua ser considerada como inerente à experiência do que é, de modo geral, vivido pelos membros de uma sociedade ou de uma cultura.

Quanto a essa percepção, Vieira (2002) indica a necessidade de um entendimento do conteúdo semântico de algumas formações discursivas e da ideologia presente nas escolhas linguísticas. Para a pesquisadora, isso somente será possível se considerado o universo social e discursivo que envolve os atores envolvidos.

A análise de um texto, portanto, envolve tanto a habilidade de lançar um olhar sobre os seus efeitos sociais e saber se esses efeitos dependem de processos de produção de significado, quanto observar as formas linguísticas e as suas relações nos diferentes contextos.

Diante do detalhamento do contexto social e histórico discutido nesta pesquisa, especificamente no Capítulo 3, é possível considerar a razão de nortear a análise dos dados em sua associação entre os efeitos sociais com a produção de significado e com as formas linguísticas utilizadas em cada um dos textos. Acredito que essa perspectiva seja elucidativa para o foco que atribuí à pesquisa, pois o interesse central da análise discursiva está no processo de produção de significados produzidos na interação entre as funções discursivas que conduzem aos efeitos sociais.

Assim, segundo a ADC, diferentes discursos revelam perspectivas diversas do mundo, associadas às relações que as pessoas têm com ele, dependendo de suas posições, identidades e das relações sociais com o outro. Discursos, portanto, não apenas representam o mundo como ele é (ou como é visto): são projetivos, imaginários, prospectivos. As relações entre diferentes discursos são componentes das relações entre pessoas, que podem complementar-se ou competir para mudar os modos como se relacionam.

Ao falar de discursos como diferentes modos de representação, Fairclough (2003) sugere um grau de repetição, uma vez que eles são divididos por grupos de pessoas e pela estabilidade social ao longo do tempo. No caso dos docentes, no Brasil, há uma frequência que pode ser caracterizada como constante de representações depreciativas. Essa depreciação ocorre em textos diversos ao fazer referência à falta de interesse dos jovens pela profissão, devido aos salários pouco atraentes, às mudanças na modalidade presencial

pelo uso de plataformas virtuais, à desatenção das políticas públicas em relação ao atendimento das necessidades físicas.

Recentemente, o Fantástico, programa da TV Globo, apresentou um retrato do abandono do ensino público no Brasil. São escolas sem água potável, sem banheiro e até sem sala de aula. A reportagem especial mostrou a dura realidade da educação no Brasil. Esses discursos circulam pela sociedade, passam a fazer parte de diferentes contextos e, com efeito, as pessoas acabam produzindo outros discursos com o mesmo princípio, de piedade e de compaixão, como ocorre no exemplo:

Figura 17 - Efeitos sociais nos textos



Fonte: <http://propagativoeducacional.blogspot.com.br/charges-sobre-educacao>.

Acesso em: 25 out. 2013.

Na fala da aluna, pode ser percebido o modo como o autor se compromete com a informação que passa. Inicia a interação assimétrica, mas com certa familiaridade, usando a forma reduzida “sora”; em seguida, enfatiza com uma negativa “não vou mais trazer maçã” para chegar à informação contundente e afirmativa “vou trazer uma cesta básica!!!”. Percebe-se a

modalização do discurso marcada pela negação e pela afirmação (FAIRCLOUGH, 2003).

A posição da professora revela a sua centralidade no processo como uma Reificação, representando um aspecto ideológico marcado pelo lugar [mesa] tradicionalmente ocupado pela docente na sala de aula. Há interação entre as duas participantes representadas e o distanciamento social parece mostrar a professora como excluída. Essa análise suscita da atitude da aluna (oferecer ajuda), demonstra seu entendimento da greve como um momento de necessidade de ajuda. O título da charge, “Aumento dos professores”, sugere um momento de luta de classes. A nominalização do processo material “aumentar” revela a modalização, uma vez que falar sobre o “ato ou efeito de melhorar o salário” é mais ameno do que dizer “é preciso aumentar o salário dos professores”. Em relação ao olhar das duas participantes, pode ser observado a surpresa da professora com a sagacidade da menina. Será que houve contribuição dos discursos que engendrou tais representações?

Os discursos transcendem as representações concretas e locais, produzindo várias representações específicas, conforme Silva (2009). Elas são transportadas para as práticas discursivas que circulam na sociedade por meio das interações sociais e, ao serem recebidas, tornam-se motivadoras de novas representações. Representações que denigrem as identidades dos docentes e causam efeitos irreparáveis. Os discursos são vistos como combinações de outros discursos articulados de maneiras particulares. No entanto, novos discursos emergem da combinação dos discursos existentes em maneiras particulares. O caráter negativo, nas representações que compõem a charge, está explícito e revela a relação que os participantes têm com a instituição e com a comunidade, bem como evidencia aspectos de suas identidades. Os discursos, portanto, representam como os atores veem o contexto social e as relações que são estabelecidas.

Representações ideológicas reforçam relações de poder e de dominação e, por isso, a análise textual é também social, ao considerar os textos e seus efeitos nas relações de poder. As ideologias são postas em ação nas encenações sociais e inculcadas nas identidades dos agentes. Elas têm

durabilidade e estabilidade que transcendem textos individuais ou estruturas de texto.

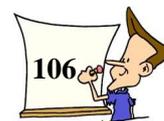
Em uma análise discursiva, segundo Fairclough (2003), devemos considerar posição institucional, interesses, valores, intenções, desejos dos produtores, relação entre os elementos em diferentes níveis de texto, posição institucional, conhecimento, propostas e valores dos receptores. Por essa razão, ao analisar a charge – que, por seu caráter, consiste em um gênero textual revestido de crítica social – os problemas ampliam-se, devido à diluição do sentido. Além disso, o texto publicado costuma ser recontextualizado em diferentes processos de produção de significado, possibilitando interpretações diversas. Dessa maneira, a produção de significado depende do que está explícito e do que pode estar implícito.

A seguir, uma síntese sobre os pressupostos de Thompson (1995) e sua contribuição para as análises empreendidas neste estudo.

#### *4.3.2 Representações de identidades docentes: o discurso e os modos de operação de ideologias*

As charges, nesta pesquisa, são analisadas sob tais considerações e de acordo com o contexto ideológico em que foram produzidas, o que é fundamental para defender a tese de que as representações linguístico-discursivas sobre docentes, veiculadas em diferentes contextos, têm caráter ideológico e desempenham papel crucial na construção de identidades que podem ser fortalecidas, fragmentadas ou discriminadas socialmente.

John Thompson ([1995], 2002), estudioso inglês, defende que a cultura moderna, encontra centralidade nos meios de comunicação, sendo esses vitais para o controle de poder na sociedade. Nessa perspectiva, toda e qualquer análise social deveria passar necessariamente pela análise da indústria midiática, expressa na relação entre ideologia e meios de comunicação. O autor defende uma concepção crítica de ideologia, compreendendo-a como o uso de ideias, estratégias, formas simbólicas que, em determinados contextos, servem



para estabelecer (produzir, criar, instituir e sustentar, manter e reproduzir) sistematicamente desigualdades sociais, entendidas como relações de poder ou de dominação. O autor destaca, no entanto, que as formas simbólicas não são ideológicas *per se*, mas dependem do contexto em que estão inseridas.

Segundo a Teoria Social Crítica de Thompson ([1995] 2002), não há neutralidade ao se caracterizar a ideologia e os fenômenos a ela relativos, pois eles são considerados sempre relacionados a interesses particulares e utilizados para manter relações de dominação, o que implica a reprodução da ordem social no favorecimento de grupos dominantes. Dessa forma, o autor destaca que a posição e a localização das pessoas em determinado contexto social serão determinantes no tipo de informação ou recurso que terão à disposição para, desse ponto, exercerem ou não o seu poder de decisão, a capacidade de organização e, até mesmo, a capacidade de realização. Nessa perspectiva, ao referir-se ao termo “dominação”, Thompson (2002, p. 80), destaca que:

As relações de poder são estabelecidas sistematicamente assimétricas, isto é, quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito.

Essa relação assimétrica abrange os efeitos causais e se apresenta como pano de fundo para o conceito de ideologia. Traz significados para estabelecer e para sustentar o poder de dominação. Para contribuir com as pesquisas que envolvem ideologias, Thompson (2002) elaborou um quadro com os modos de operação de ideologias, o que viabiliza a análise dos aspectos ideológicos nas charges. O autor assegura que esses modos não são as únicas maneiras de observar como a ideologia opera. Eles são independentes um do outro, podendo sobrepor-se e reforçar-se mutuamente, ou ainda, se manifestar de forma simbólica.

Nessa perspectiva, Thompson defende que uma análise deve estar amparada em um tripé: análise social e histórica, análise formal ou discursiva e a interpretação. A análise social e histórica centra-se, conforme o autor, nas “[...] condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2009, p. 34). Com isso, o contexto e suas influências

sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas são fundamentos da análise discursiva, com suas características estruturais, padrões e relações.

Thompson (1995) apresenta 5 modos de operação da Ideologia: Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação e suas respectivas estratégias de operação ideológica, conforme o quadro abaixo.

Quadro 9 - Os modos de operação da ideologia

Modos de operação de ideologia			
MODOS	DEFINIÇÃO	ESTRATÉGIA	Representação
Legitimação	Apresenta situações de representação como legítimas.	Racionalização	Naturaliza as relações sociais
		Universalização	Interesses específicos como gerais
Dissimulação	Ocultamento/negação	Eufemismo, disfarce; Tropo-metáfora	Atributos específicos Relações sociais
Unificação	Construção de forma simbólica	Estandarização/ padronização unidade	Padrão proposto Identificação coletiva/identidade
Fragmentação	Afastamento do coletivo	Diferença Expurgo	Enfatiza as diferenças e a divisão do grupo.
Reificação	Ofuscamento	Naturalização Eternização Nominalização e passivação	Inevitável, imutável permanente, apagamento

**Fonte:** Elaborado com base em Thompson (1995, p. 81).

Esses modos de operação da ideologia e as estratégias de construção, segundo Thompson (1995), são instrumentos com os quais as formas simbólicas demonstram o modo como interagem o sentido e o poder, no estabelecimento e na sustentação das relações de dominação. Dessa forma, o estudo da ideologia deve, de fato, interessar-se por formas simbólicas contestatórias, críticas, pois poderão ajudar a realçar aquelas que servem para estabelecer e para sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder. Vista nessa concepção, a ideologia é por natureza hegemônica, no sentido de que ela serve para reproduzir a ordem social, favorecer indivíduos e grupos dominantes.

As formas simbólicas, conforme Thompson ([1995] 2002), podem ser desafiadas, criticadas, e contestadas por meio de ataques implícito e explicitamente articulados. A ADC estabelece um diálogo fundamental com essa abordagem crítica de ideologia de Thompson porque, para Fairclough (2003), as questões ideológicas são objetos de preocupação daquelas representações particulares que podem contribuir para a distribuição desigual de poder. Desse modo, a ideologia é vista pela ADC como hegemônica. A concepção dos autores consiste em valiosa contribuição para este estudo, pois as representações de identidades docentes nas charges analisadas podem estar perpassadas de ideologias parcialmente sustentadas pelo discurso.

#### **4.4 Análise de Discurso Crítica e sua relação com as teorias do visual**

Na perspectiva sistêmico-funcional, segundo Michael Halliday (1989), o texto é uma instância de uso da linguagem viva que desempenha um papel em um contexto da situação. A linguagem é vista por um ponto de vista sociosemiótico, ou seja, não se restringe às estruturas linguísticas porque abrange as condições sociais de produção de significados em que texto e contexto se inter-relacionam (HALLIDAY, 1998). A linguagem é assim considerada um sistema de criação de significados que fazem parte da cultura de uma sociedade. Os significados são criados a partir de escolhas motivadas socialmente. Por isso, na perspectiva hallidayana, todo texto possui uma configuração contextual que permite aos interlocutores reconhecer as condições em que o texto foi produzido e as relações que se estabelecem entre os interlocutores. As estratégias linguísticas utilizadas na produção da linguagem são denominadas Modos.

Assim, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) lança o olhar sobre os múltiplos sistemas semióticos que compõem os textos. É com base nesse conceito da LSF que surge a Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (1996,

2006). Os autores buscam adaptar as categorias da LSF de Halliday e propõem uma ferramenta de análise de textos multimodais.

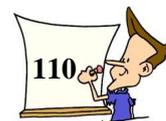
Os autores Kress e van Leeuwen (1996) partem da perspectiva funcional da linguagem, especificamente das três metafunções descritas por Halliday (1989; 1994): a ideacional, a interpessoal e a textual. Cada uma dessas metafunções possui um sistema que viabiliza a realização simultânea de seus significados:

- A metafunção **ideacional** refere-se ao nível da representação do mundo e de tudo que há nele;
- A metafunção **interpessoal** investiga o nível das interações e as identidades possíveis;
- A metafunção **textual** refere-se ao nível da organização dos elementos que compõem o texto a fim de mostrar como esses elementos interagem a fim de criar um todo coerente.

O trabalho de Kress e van Leeuwen (1996; 2006) mostra que os textos, ainda que utilizem apenas a linguagem visual, formam uma unidade significativa e, ao articularem os recursos visuais com a linguagem verbal, constituem um texto **multimodal**, cujos recursos estão explanados na sequência.

#### *4.4.1 Representações visuais como recursos multimodais*

Torna-se cada vez mais relevante o papel dos meios de comunicação como extensões contemporâneas de representação visual, o que historicamente foi entendida por muito tempo como uma capacidade natural de todo ser humano. Os recursos visuais utilizados na produção de textos multimodais trazem significados importantes para a interpretação crítica das representações discursivas. Por isso, pesquisadores da linguagem buscam apoio nos estudos da comunicação para interpretação de imagens, uma vez que é um tipo de análise que está intrinsecamente relacionada ao letramento visual e que surge ao lado da tendência chamada multimodalidade.

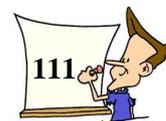


Para Gunther Kress (2010), a multimodalidade é responsável por identificar os modos de representação utilizados nos textos, mas não pode diferenciar o estilo de cada modo, pois não dispõe de recursos para esse fim. Portanto, é preciso buscar uma teoria que lide com o significado em todas as suas instâncias, em todas as situações sociais e em todos os contextos culturais.

Para solucionar essa questão, o pesquisador denominou a Multimodalidade de Teoria Semiótica Social Multimodal. Essa é a contribuição de Kress (2010) como inovação em relação à abordagem da Semiótica Social para estudos da Comunicação Contemporânea, já apresentada na obra de 2001 em coautoria com van Leeuwen. Os autores enfatizam que o significado é sempre construído de diferentes maneiras, em diferentes modos e mídias presentes em conjunto comunicacional, centrado nos recursos semióticos de Comunicação e nas práticas comunicativas. A abordagem ampliada por Kress (2010) é uma contribuição para que o analista de discurso amplie a compreensão de como as estratégias utilizadas na comunicação contemporânea podem ser relevantes para as análises das representações discursivas que envolvem classes sociais.

O teor da perspectiva multimodal, segundo Kress, é relevante para as análises discursivas críticas porque abre espaço para se discutir a abordagem ética da comunicação. Esse é um campo de interação no qual os meios para a produção de significados e os meios para efetivação da comunicação desses significados são moldados primeiramente pelos fatores econômicos e sociais. Nesse aspecto, a visão do autor esclarece que a Teoria da Semiótica Social Multimodal motiva à pressuposição de que as tecnologias culturais de representação, de produção e de disseminação, bem como suas possibilidades e potencialidades, são usadas com o foco no que é socialmente possível em qualquer situação pelos produtores de significado.

Por esse caminho, a Teoria Semiótica Social da Multimodalidade, segundo Kress (2010), mostra a evolução de uma teoria linguística para uma teoria Semiótica Social Multimodal do significado e da comunicação. Como afirma o autor, é uma teoria que está interessada no significado em todas as



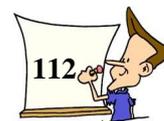
suas formas, pois o significado surge em contextos de interações sociais. Desse modo, pode-se dizer que os significados são sempre motivados e reproduzidos em situações específicas.

Nos estudos filiados à Teoria Semiótica Social Multimodal, o autor teoriza o significado por três perspectivas.

- A primeira diz respeito à produção de significado e às categorias empregadas em todo tipo de representação, de comunicação e de recursos de comunicação;
- A segunda refere-se à Multimodalidade que lida com questões comuns a todos os modos de representação e com as relações existentes entre eles;
- A terceira e última perspectiva diz respeito a um modo específico, focalizando em categorias que descrevem formas e significados que são apropriados às especificidades de determinado modo, (o significado de uma cor, por exemplo).

Assim, a Teoria Semiótica Social Multimodal lida com entidades em que o significado e a forma aparecem como um todo integrado, no qual os significados são sempre reproduzidos de acordo com os interesses de seus produtores em situações particulares. Nessa perspectiva, Kress (2010, p. 12) afirma que “Todos os signos são metáforas e as metáforas como signos são sempre reproduzidas em ambientes específicos para tornarem públicas com objetivos também específicos”. Nesse sentido, Dina Ferreira (2010) lembra que pela imagem se alcança outra seara crítica à normatização da diferença. Enquanto o desenho de uma charge sobre a temática da docência, delinea traços gráficos – cores, vestuários, feições dos rostos, posições de enquadre –, vão se construindo imagens simbólicas que se tornam imagens representativas de valores sociais em um espaço político cultural.

Uma charge, por exemplo, que reproduz os discursos da sociedade, seguramente contribui com os recursos semióticos utilizados para a construção de representações discursivas, que passam a se manifestar em outros contextos. Isso porque é natural que os significados tomem dimensões amplas e



duráveis, uma vez que não são dissolvidos imediatamente. Eles são duráveis e é nesse patamar que muitos interesses individuais ocupam lugar do coletivo e uma figura individual muitas vezes representa o coletivo.

Acatar a teoria de Kress como enriquecedora deste estudo deve-se à tese ser voltada para a análise de textos que vão além da escrita – os multimodais – e que trazem representações com imagens em sua composição. Analisar textos multimodais – charges – nesta pesquisa, é interpretar como os modos de representação trazem significados que contribuem para a constituição das identidades dos docentes.

Nesse tipo de análise, a noção de Modo da obra – *Reading Images* – (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), é importante, tanto que foi retomada por Kress (2010) para assegurar a cumplicidade da Teoria Semiótica Social Multimodal com as categorias de análise utilizadas em textos com imagem. Modo é visto como recurso semiótico que é modelado cultural e socialmente para a produção de significado. Uma imagem, um *layout*, uma música, um gesto, um ato de fala, uma posição, uma cor, um evento escrito, entre outros, portanto, são exemplos de modos usados na representação e na comunicação. Para o autor, modos diferentes oferecem potenciais diferentes de produção de significados. Eles diferem na representação de cultura para cultura, pois diferentes sociedades e seus membros têm diferentes exigências, modeladas de modo diferente. Assim, como um modo semiótico, uma imagem em determinada cultura pode não ser idêntica à imagem representada em outra, pois o alcance dos modos varia de cultura para cultura.

Nas abordagens que envolvem a Análise de Discurso Crítica e análise de textos multimodais, a Semiótica Social Multimodal tem papel importante, pois os modos de representação têm, em princípio, o mesmo valor significativo, tanto na representação quanto na comunicação, assim como todos os modos têm potenciais para o significado na representação discursiva. Esses modos e significados são nomeados com termos específicos chamados de categorização. É dada ao analista de discurso a tarefa de descobrir os significados que podem estar implícitos nos modos de representação. Embora isso não seja uma tarefa

fácil, pois os discursos que circundam na sociedade recebem influência do contexto social e cultural de produção do qual eles fazem parte.

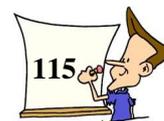
Para aplicar a teoria em um estudo relacionado à identidade, Kress (2010) enfatiza que a multimodalidade sempre esteve presente em nosso mundo e esse reconhecimento leva-nos a refletir sobre as formas de comunicação e, portanto, esses processos invocam teorias da comunicação e do significado. Em razão disso, o autor considera que a **identidade** é o resultado do engajamento transformativo constante do indivíduo com o mundo. É um conceito que não distancia dos conceitos de Fairclough (2001; 2003) e de Hall (2002; 2009), adotados neste estudo, que defende a volatilidade ou a mobilização das identidades, conforme as circunstâncias sociais, ou seja, as identidades são constituídas pelos discursos que permeiam a sociedade. Nessa perspectiva, a Teoria Semiótica Social Multimodal, assim como a ADC, traz características que podem ser vistas como positivas ou negativas, conforme os contextos sociais.

A disposição multimodal envolve letramento visual que por sua vez, envolve atividades, funções e atitudes que compreendem o olhar sobre o texto, constituído de elementos verbais e não verbais. A análise de imagens requer habilidades para perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar. Essas habilidades de leitura parecem, a princípio, naturais e simples, porém, como a visão é um dos sentidos diretamente responsável pela informação, elas indicam a complexidade da inteligência visual. Da mesma maneira, Kress e van Leeuwen (1996; 2006) argumentam sobre a necessidade do letramento visual, elaborando uma perspectiva teórico-analítica para textos multimodais. Para os autores, as estruturas visuais realizam significados tanto quanto as estruturas linguísticas, ainda que de maneira distinta. Desse modo, a leitura dos textos não verbais determina algumas regras e estruturas formais para formulá-los e interpretá-los. Para essa leitura, a Gramática de Design Visual contribui para a avaliação de aspectos frequentes nas charges impressas, sendo responsáveis pela persuasão do leitor, com as denominações chamadas de aspectos ou categorias de análise.

Um dos aspectos de análise é o valor informativo dos elementos que compõem as charges e que pode ser carregado de significados. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), o **lado esquerdo** da página de um texto multimodal traz geralmente as informações já conhecidas ou pressupostas, que são denominadas de elemento **Dado**, já o **lado direito** é considerado de maior evidência, apresentando o elemento **Novo**.

A **saliência** é outro fator que atrai o olhar do leitor ou *viewer* para um ponto específico da imagem. Os elementos mais salientes destacam-se geralmente por fatores como tipo de imagem, o tamanho, as cores ou a perspectiva. Além disso, quando o elemento está posicionado no centro da página, é denominado elemento **Central**; nas margens, o elemento é **Marginal**. O posicionamento da imagem nos eixos superior e inferior da página também produz significados, discriminados pelos autores como **Ideal** e **Real**. No eixo superior as informações são normalmente **generalizadas**, denominadas de **Ideal**; já no eixo inferior está o item informativo mais específico, denominado de **Real** (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Há também a classificação da imagem quanto aos **processos narrativos**, que é outra categoria útil para a análise visual. Kress e van Leeuwen (2006) consideram que aquilo que na linguagem verbal é realizado por verbos de ação, na imagem é realizado pelos **vetores**, que são as linhas que esboçam uma ação, conectando um participante, o **Ator**, a outro participante, a **Meta**. Nesse processo de ação, o ator poderá estar em uma proposição narrativa visual transacional ou não transacional. A estrutura **transacional** ocorre quando o Ator está ligado por um vetor à Meta. Já a estrutura **não transacional** apresenta um Ator e vetores, não havendo Meta representada, ou seja, a ação não se dirige a algo visível na imagem. A **distância** social e a **perspectiva** também agregam significados igualmente relevantes. Conforme a Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (2006), o que determina a **distância social** é proximidade do participante representado em relação ao ponto de vista do leitor. Essa distância pode ser **íntima** (distância de proximidade), **pessoal** (distância média) ou **social** (distância longa). Também relacionada à distância, a **perspectiva** da imagem



diz respeito ao ângulo pelo qual o participante é mostrado, podendo ser **frontal**, **oblíquo** ou **vertical**.

Ainda com base na Gramática Visual, podem ser citadas como exemplos de multimodalidade as ações – gestos, falas, feições do rosto, cores e posturas. Esses aspectos podem demandar conhecimento dos significados das cores, pois a cor revela informações culturais, como costumes, crenças, religião, simbolismo histórico, mitos, ritos etc. O conhecimento sobre as cores demonstra, além dos significados culturais, a influência que elas exercem sobre o indivíduo.

Em uma charge, as cores presentes podem ter o objetivo de cativar e de estimular o leitor. As cores e os traços evocam sentimentos e sensações como amor, calor, saudade, suavidade, calma, entre outros. Assim, esses recursos são organizados para a composição do texto multimodal, conforme o propósito comunicativo do seu produtor, no caso da charge, o chargista ou o jornal ou revista para o qual a charge foi criada, assina a produção visando estimular o consumo. A articulação dos elementos visuais com os verbais na composição global da charge, ou seja, o arranjo de todos os elementos e códigos é fator responsável pela produção de sentidos em um contexto determinado.

A seguir, encontra-se uma síntese da relação entre os significados Sociossemióticos e a Representação de Atores Sociais.

#### **4.5 A Teoria de Representação de Atores Sociais e o Sistema de Significados Sociossemióticos**

Conforme já foi dito, esta pesquisa tem como base a ADC – campo de estudos interessado na conexão entre as relações de poder, linguagem e ideologias – e um dos seus objetivos primordiais é entender como as identidades de docentes como atores sociais são representados em textos. Por isso, recorro também ao ferramental teórico oferecido pela Teoria de Representação de Atores Sociais, que toma como base a noção de que as realizações linguísticas

e visuais são fruto de um sistema de escolhas e apresenta categorias para a sua análise.

A Teoria de Representação de Atores Sociais foi desenvolvida por Theo van Leeuwen, publicada primeiramente em 1996 e reeditada em 2008. O autor apresenta um inventário sociossemântico por meio de uma rede de sistemas de categorias semióticas, para representar pessoas nos textos. São categorias, conforme explica o autor, criadas para interpretar significados em relação à cultura, visto que não é apenas a materialização linguística que corresponde à representação do papel social dos atores nos textos.

O trabalho de van Leeuwen (2008) é útil para as análises desta pesquisa devido à adequação da referida teoria para a análise das realizações linguísticas relativas a cada categoria sociossemântica criada por ele e para a análise dos recursos visuais usados para representar pessoas em textos multimodais. O ponto de partida dos estudos do autor sobre a representação visual dos atores sociais é uma referência à obra de Berger de 1972. Segundo van Leeuwen:

Em muitos contextos de comunicação a divisão do trabalho entre palavra e imagem é mais ou menos assim: as palavras fornecem os fatos, as explicações, as coisas que precisam 'ser ditas em tantas palavras'; as imagens fornecem as interpretações, os ângulos coloridos ideologicamente – e elas o fazem não explicitamente, mas por sugestão, por conotação, por apelação ao conhecimento não muito consciente, meio esquecido (VAN LEEUWEN, 2008, p. 136).

Se o significado dos usos dos recursos semióticos não pode ser negado ou desconsiderado, o autor sugere que devemos expandir as análises às posturas ideológicas nos textos de acordo com os diferentes contextos nos quais são produzidos. O visual também retrata o poder e as ideologias, e isso pode não aparecer explicitamente. Para enfatizar essa expansão para o olhar, van Leeuwen (2008, p. 137) acrescenta que “[...] se as imagens parecem apenas aludir às coisas e nunca dizê-las explicitamente, precisamos tornar essas alusões explícitas”. Com a perspectiva na rede de sistemas de categorias criada por van Leeuwen, torna-se possível a interpretação do modo como identidades dos docentes são representadas em textos. Da rede de van Leeuwen, destaco a categoria de **exclusão**, que possibilita o diálogo com a **fragmentação**, termo

cunhado por Thompson (1995) para discutir os modos de operação de ideologias.

Em primeiro momento, segundo a rede de representações de atores sociais de van Leeuwen, a exclusão se refere à pessoa que não alcança uma representação em contextos em que está presente. Já segundo os modos de operação de ideologias, a exclusão ocorre pela fragmentação, pelo expurgo do outro, de acordo com os estudos de Thompson, estabelecendo uma organização de significados encadeados pela particularidade do léxico (exclusão - fragmentação) e pela visão subjetiva de cada analista. Dessa forma, torna-se salutar o diálogo entre a teoria de atores sociais, a identidade e a ADC.

A Inclusão é uma categoria que gera as subcategorias como participantes ou agentes envolvidos em ações que podem ser avaliadas de modo negativo como de baixa estima ou subserviência, desinteresse, ações de manifestação e de luta. Os agentes são **incluídos** de modo específico ou genérico, muitas vezes por questões culturais com conotação negativa. São incluídos como indivíduo ou como grupo social, por diferenciação ou por homogeneização, o que pode resultar em negação às pessoas de suas características pessoais, sociais e profissionais e subsequente atribuição a elas de uma única identidade.

Como a ADC ancora-se na definição do uso da linguagem como forma de “[...] prática social constitutiva dos sujeitos e relações sociais, contribuindo para a sua reprodução e mudança” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90), a rede de categorias sociossemânticas de van Leeuwen (2008) traz contribuição para as análises realizadas neste estudo. As categorias sociológicas basilares na teoria de van Leeuwen (2008) são a exclusão e a inclusão, dentro das quais as outras categorias são reconhecidas. Elas representam aspectos que interferem nos discursos que constroem identidades, no caso deste trabalho.

É o que ocorre na frase ‘professor ganha pouco’, comumente pronunciada nas práticas discursivas da sociedade, gerando outras práticas depreciativas em relação ao docente como produções de charges de conteúdo negativo, representado na figura que se segue.

Figura 18 - Charge de caráter extremamente negativo



Fonte: <http://soseducaoemcampos.blogspot.com.br//vida-de-professor-e-assim>.

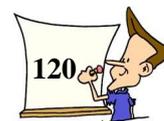
Acesso em: 25 out. 2013.

Esse é um discurso que exclui o professor de determinado meio social e, ao mesmo tempo, o inclui em outro de modo negativo. Nesse caso, as categorias de atores sociais contribuem para mostrar o espaço de **inclusão** do ator social, identificado como PROFESSOR. A caixa alta nas letras sugere **generalização** do grupo social, merecedor de pena até mesmo de um bandido. Assim, as categorias **inclusão** e **generalização** de van Leeuwen (1997; 2008) revelam como esse modo de representação dos atores sociais (professor e bandido) se realiza na linguagem e pode ter relevância sociológica e crítica e contribuir para a construção de identidades dos docentes. O exemplo mostra também que as formas como os atores sociais são representados em textos visuais podem indicar posicionamentos ideológicos em relação às suas identidades.

Se, na sociedade, os discursos recorrentes sobre o profissional docente são de pobreza, a imagem construída no imaginário de todos é de um profissional fracassado, uma vez que vivemos em um mundo capitalista. Nessa ordem social e cultural, aquele que não tem bens é alvo de preconceito e de discriminação por qualquer outro ator que se considere em uma situação econômica melhor. Apesar da incoerência de valores, na figura, as representações discursivas evidenciam caráter negativo em relação ao professor; já em relação ao bandido, suscita uma espécie de bonança, o que parece revelar que ele desempenha papel de um ator mais bem sucedido do que o professor. Os discursos, entendidos não como um momento de práticas sociais, mas como um momento semiótico de práticas sociais, constituem maneiras particulares de representar aspectos do mundo: as relações sociais, o mundo material, as crenças, e assim por diante. Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, suas identidades pessoais e sociais, e as relações sociais que estabelecem com outras pessoas.

Fairclough (2003) explica que, por meio da fala e da escrita, agimos e interagimos; logo, o discurso figura primeiro como parte da *ação*. Diferentes gêneros correspondem, então, a diferentes modos de (Inter) agir discursivamente. Em segundo lugar, o discurso figura na *representação* do mundo material, de outras práticas sociais ou em representações autorreflexivas da própria prática particular, que se realizam discursivamente e que variam conforme as diferentes perspectivas ou posições dos sujeitos nas práticas sociais. Em terceiro e último lugar, o discurso figura na *identificação*, na constituição de modos particulares de ser, ou seja, identidades sociais ou pessoais particulares, que se relacionam ao estilo. Embora esses significados sejam dialéticos e irredutíveis, para fins analíticos, focalizo a perspectiva representacional do discurso.

Atores sociais envolvidos em eventos e práticas sociais e as relações estabelecidas entre eles podem ser analisadas, em textos e interações, de um ponto de vista representacional. As diferentes realizações linguísticas a que os produtores recorrem para representar atores sociais em textos podem indicar



posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades. Por isso, a análise das representações pode ser útil no desvelamento de ideologias em textos e interações. A descrição sociossemântica de van Leeuwen (2008) apresenta minuciosa descrição dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados. Cada uma das escolhas representacionais propostas pelo autor está ligada a realizações específicas. Para analisar a maneira como as representações discursivas sobre docentes interferem na constituição das identidades desse profissional faço um levantamento, com base em Leeuwen (2008) de alguns recursos que sua teoria oferece e que são adequados para a análise das charges.

Com base nas definições de van Leeuwen, de Jodelet e de Fairclough, defino para o estudo o conceito de **representações** como modos diferentes de mostrar versões da realidade condensadas por meio de imagens ou palavras carregadas de significações que ocasionam discursos capazes de interferir na construção de identidades específicas do participante representado. Nesse sentido, Jodelet (2001) explica que compartilhar uma ideia ou uma linguagem significa afirmar um vínculo social e uma identidade.

A língua como um sistema de escolhas, conforme os sistemicistas, constitui um potencial de significados e, dependendo dessas escolhas, atores sociais podem ser incluídos ou excluídos nos discursos de diferentes formas, segundo van Leeuwen (2008). As representações, no sentido da teoria de van Leeuwen, podem incluir ou excluir atores sociais, contribuindo para as análises, conforme interesses e propósitos em relação à identidade dos docentes brasileiros.

O quadro a seguir traz a síntese das categorizações e denominações para análises indicadas por van Leeuwen (2008).

Quadro 10 - Categorias para análise da Representação de Atores Sociais

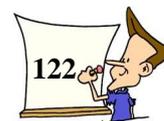
<b>EXCLUSÃO</b>	Supressão (apagamento – voz passiva – oração infinitiva)			
	Encobrimento – (segundo plano)			
<b>INCLUSÃO</b>	Ativação (agente)			
	Passivação (paciente)	<b>Sujeição</b>		
		<b>Beneficiação</b>		
	Participação	<b>Circunstanciação</b>		
		<b>Possessivação</b>		
	<b>Personificação (Humano)</b>	<b>Determinação</b>	<b>Categorização</b>	Funcionalização
				Identificação
				Avaliação
			<b>Nomeação</b>	Formalização (titulação - Dr.)
				Informalização
			<b>Determinação única (o professor)</b>	
		<b>Sobredeterminação</b>	Inversão	
			Simbolização	
			Conotação	
		Destilação (conexão de várias práticas- professor, psicólogo).		
	<b>Indeterminação</b>			
	<b>Generalização (cultural ou biológica)</b>			
<b>Especificação</b>	<b>Individualização</b>			
	<b>Assimilação</b>	Coletivização		
Agregação				
<b>Impersonalização</b>	<b>Abstração (Problema)</b>			
	<b>Objetivação (referência- o governo)</b>			

Fonte: Elaborado com base em van Leeuwen (2008).

A primeira subdivisão dentro da exclusão refere-se ao apagamento de papéis sociais, podendo ocorrer pelo uso da voz passiva com o verbo no infinitivo, pela materialidade linguística ou pelo posicionamento do ator no segundo plano em textos visuais. Pode, portanto, ser uma categoria de análise, tanto de atores sociais, quanto visual.

A **ativação** também pode realizar-se pelo uso de sintagmas preposicionais, por circunstancialização ou pela modificação por meio de nominalização com uso de possessivos. A **apassivação** ocorre quando os indivíduos recebem a ação, sendo beneficiados positiva ou negativamente, ou se submetem a ela, sendo tratados como objetos nas representações (sujeição).

A segunda subdivisão a ser considerada é a diferença entre a **personificação** (atores representados são seres humanos) e a



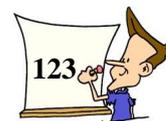
**Impersonalização.** A **Impersonalização** pode ocorrer por **abstração**, quando os indivíduos são representados por meio de uma qualidade dada a eles, ou por **objetivação**, quando são representados pelo lugar com que são **identificados**. Segundo van Leeuwen, deve-se observar também se os **atores sociais** são nomeados ou categorizados. Os atores são nomeados quando representados em termos de identidade única ou são **categorizados** quando identificados em termos de função ou **identidade** que partilham com outros. Essas nomeações ou categorizações são escolhas linguísticas que determinam aspectos ideológicos dos discursos.

Quanto à **generalização**, os atores sociais são representados de modo indistinto. Já na **especificação**, eles são representados como indivíduos ou como grupos **identificáveis** e podem ser apresentados por **individualização** (pelo uso de pronomes pessoais no singular), ou por **assimilação**, que pode se dar por **coletivização** ou por **agregação** e, nesse caso, o grupo é quantificado como dados estatísticos para regulamentar a prática e para produzir consensos.

Os atores sociais incluídos como ativos são representados como forças dinâmicas por meio de estruturas de transitividade. Dessa forma, são nomeados da seguinte forma: **ator participante** em **processos materiais**; **experienciador** em **processos mentais**; **portador** em processos **relacionais**; **comportante** em processos **comportamentais**; e **dizente** em processos **verbais** (FUZER; CABRAL, 2010).

#### *4.5.1 A representação visual dos atores sociais nos textos multimodais*

As imagens, do mesmo modo que a escrita, também são escolhidas para mostrar certo ponto de vista e são, portanto, componentes essenciais na negociação de significados com o leitor observador. O sistema de representação visual reflete o que as imagens parecem aludir de modo implícito, possibilitando uma análise por meio das categorias de inclusão e exclusão. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), qualquer tipo de imagem pertence à esfera das realizações



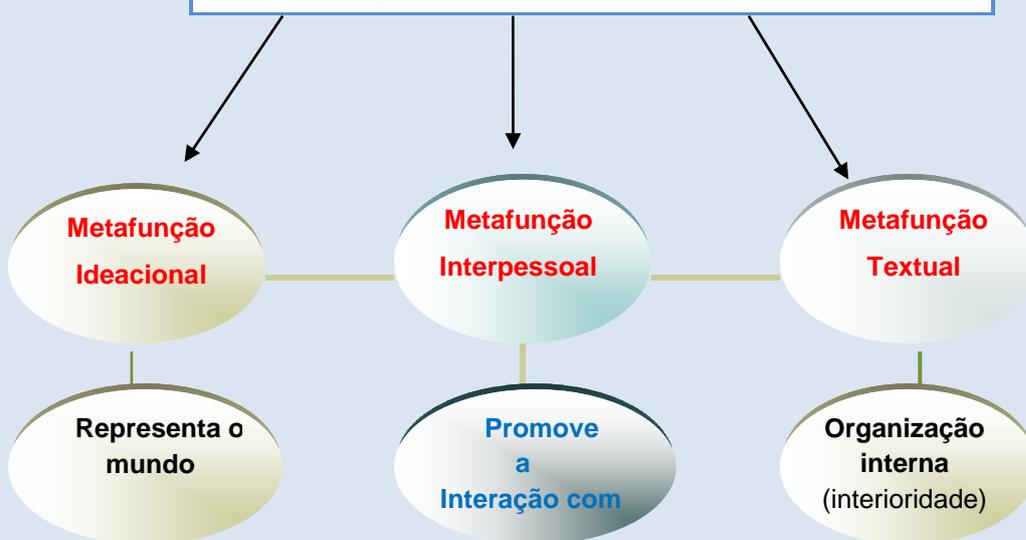
e instanciações da ideologia e há uma necessidade urgente de tornar disponíveis os meios para se entender as articulações do poder em qualquer lugar, em qualquer forma. Esses autores, seguindo a perspectiva hallidayana, afirmam que o uso de imagens tem três funções principais.

Explicam os autores que a metafunção ideacional se ocupa das representações do mundo à nossa volta; a metafunção interpessoal serve para estabelecer modos de relação com o leitor, contribuindo para maior aproximação ou afastamento do mesmo e para a identificação das identidades; e a metafunção textual serve para se organizar de forma coerente – tanto internamente, quanto externamente – com seu contexto de produção.

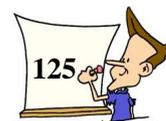
Para a análise, são utilizadas referências à metafunção ideacional pela relação com o significado que fortalece a proposta, que tem como foco investigar as representações de identidades dos docentes como atores sociais em um *corpus*, mas também aplica-se a metafunção interpessoal pela relação que estabelece com a identificação e, conseqüentemente, com as identidades. Entretanto, isso não me impede de citar a metafunção textual como contributiva na escolha do gênero adotado para alcançar o objetivo deste estudo.

A Figura 12, a seguir, esquematiza como se dá a relação entre o uso da imagem e as funções supracitadas:

Figura 19 - As funções e o uso da imagem



Fonte: Elaborado pela autora com base em van Leeuwen (2008).



A Teoria da Representação de Atores Sociais de van Leeuwen (2008), portanto, contribui para as pretensões da pesquisa porque fornece ferramentas para a análise de atores participantes e de imagens, dos modos de significar e de interagir, possibilitando a compreensão de seus possíveis significados e fornecendo subsídios para identificar aspectos das identidades dos docentes.

As estruturas sociais definem possibilidades, ao passo que os textos, como eventos sociais, constituem o que é real, estabelecendo uma relação entre essas duas vertentes: o evento e a realidade mediada pelas práticas sociais. Fairclough (2003) explica a importância da análise social e de situar os textos, suas funções como elementos de eventos sociais. Nesse sentido, a charge se constitui como um gênero que requer do seu leitor o entendimento do contexto histórico-social no qual foi criada.

Ferreira (2013) apresenta a charge como um tipo de registro da história que necessita estar relacionada aos eventos políticos culturais de seu tempo para a interpretação. Marques de Melo (2003) complementa que a charge é capaz de influenciar um público maior do que aquele dedicado à leitura atenta a outros gêneros opinativos convencionais (artigos editoriais). Para o autor, “A imagem motiva de tal modo o leitor que produz uma percepção tão rápida na opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão” (MELO, 2003, p. 166).

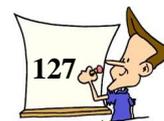
Segundo van Leeuwen (2008), as características mais gerais em textos imagéticos são exclusão e inclusão de indivíduos ou grupos sociais, devido à aptidão que os produtores ou autores têm de privilegiar a presença de alguns elementos e de apagar ou desprezar a existência de outros. Isso porque cada aspecto ocupa um espaço e desempenha certo papel em determinado momento histórico, e as imagens podem representar uma forma de inclusão ou de exclusão social.

Com o objetivo de exemplificar a extensão de charges criadas com o tema professores neste contexto atual, na sequência apresento o recorte de uma página do *Google* Imagens. A Figura 13 nos oferece modelos da diversidade de papéis representados pelos docentes nas imagens encontradas mediante busca virtual com as palavras “charges sobre docentes”.

Figura 20 - Conjunto de charges sobre docentes



Fonte: <https://www.google.com.br/professor/>. Acesso em: 16 set. 2013.



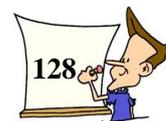
O *Google* Imagens é um espaço de milhões de acessos e, por isso, o que ali é publicado é passível de avaliação. Por meio de *links*, encontra-se à disposição do usuário da internet um arsenal de representações depositadas pelos seus produtores, tornando-o público. As representações merecem a atenção de pesquisadores da linguagem, não só pelo caráter ideológico que move a criatividade, mas também por constituírem excelentes fontes de dados de pesquisa.

#### **4.6 O Sistema de Avaliatividade como recurso para análise discursiva**

Neste tópico é apresentado o Sistema da Avaliatividade, no qual se encontram os fundamentos e a metodologia para as análises textuais empreendidas nesta tese.

Os estudos iniciais sobre o sistema de Avaliatividade foram marcados por um grupo de pesquisadores de Sydney, Austrália, liderado por Martin, que começou a desenvolver pesquisas sobre os recursos interpessoais “[...] que fossem capazes de analisar a avaliação no discurso” (MARTIN, 2003, p. 171). Os estudos sobre a avaliação foram ampliados a cada dia, abrangendo vários campos de conhecimento, resultando no surgimento de pesquisas sobre avaliação como recurso interpessoal no discurso em contextos variados. Para tanto, eles adotaram o termo *Appraisal* como referência à avaliação, ou seja, para nomear os recursos interpessoais que pesquisavam, argumentando a amplitude do Afeto como um amplo valor semântico.

A preocupação desses pesquisadores, no entanto, não estava apenas nas suas negociações sociais do cotidiano, mas também na identificação das expressões de sentimentos como função social desses recursos interpessoais, possibilitando a construção e a reconstrução de identidades, de forma a ajudar os falantes ou escritores no entendimento de quem eram os atores sociais com os quais se interage nos textos. E assim, o grupo de Sydney formado por



Lemke, Martin, White, Thibault entre outros, desenvolveram pesquisas qualitativas com representações em textos.

Na visão de Martin, a Avaliatividade é um sistema que explora, descreve e explica a forma pela qual a linguagem é utilizada para avaliar. Dessa forma, ela está diretamente centrada no falante, escritor, o qual exerce muitas vezes o papel de avaliador. No entanto, pode também estar na voz do ator que exerce o papel de autoavaliador.

Sobre o termo Avaliatividade – em português, relacionado à tradução de *Appraisal* – o pesquisador Vian Jr. (2009) defende que essa é a melhor opção, uma vez que outras sugestões ou traduções atribuídas reduziram a abrangência avaliativa que o sistema propõe.

A linguagem da Avaliatividade possibilita um número ilimitado de recursos por meio dos quais a opinião pode ser expressa em termos de emoção, atitude, certeza ou dúvida. Biber et al. (1999, p. 996) afirmam que “Além do conteúdo proposicional comunicativo, falantes e escritores também expressam sentimentos, atitudes, julgamentos, avaliações; ou seja, eles expressam uma opinião”. Esses significados envolvem mais diretamente a metafunção interpessoal (HALLIDAY, 1994).

Devido a essa constatação foi que Martin e White (2005), especialistas em discurso midiático, desenvolveram a teoria e a denominaram de *Appraisal System*, baseada na semântica do discurso. No Brasil, adotamos o termo Teoria da Avaliatividade e tem sido muito utilizada para análises que envolvem discurso com elementos constitutivos de aspectos de identidades das pessoas e coisas. A análise nos termos dessa teoria indica também, segundo Martin e White (2005), o uso de recursos que preveem mudança semiótica por meio da criatividade dos usos do sistema linguístico, isto é, pela diversidade de discursos que a abrangência avaliativa e o sistema alcançam. Por considerar que a Avaliatividade traz categorias que contribuem para a identificação das identidades de docentes que costumam ser representadas nos textos, não poderia excluí-la das análises aqui propostas.

Para melhor compreensão, apresento alguns conceitos importantes da Teoria da Avaliatividade indicados por Martin (2005) e que servirão de ponto de

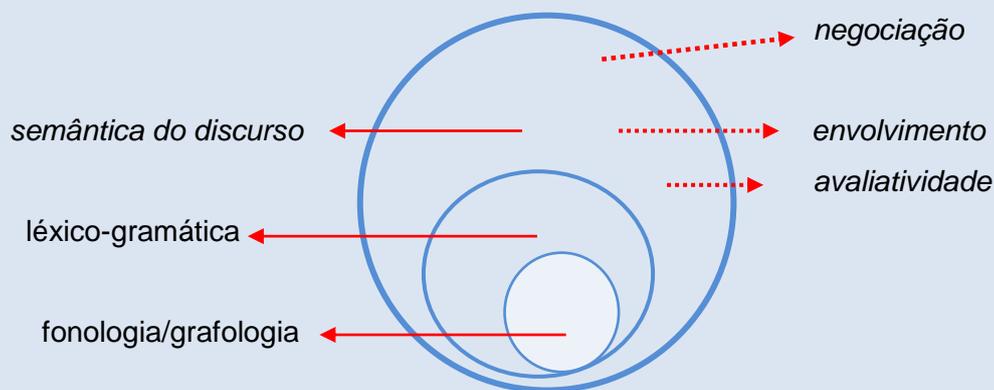
partida para o exame dos discursos que permeiam os textos em análise. Para tal, considero relevante situar os estudos de Avaliatividade dentro da Gramática Sistêmico-Funcional e apresentar um breve histórico das pesquisas das quais derivou a teoria de Martin e White (2005), inserindo-a no campo da semântica do discurso, indicando-a como área na qual incidem os marcadores de avaliação nos discursos que contribuem para a identificação das identidades de docentes.

#### 4.6.1 Situando a Avaliatividade

Martin e White (2005) perceberam que os itens lexicogramaticais, por si só, nem sempre dão conta de todos os significados de um texto em um determinado contexto. Muitas vezes, torna-se necessário também analisar a relação que tais itens mantêm entre si em um texto, de modo que o foco da análise incida sobre porções maiores da oração, especialmente na combinação que apresentam entre si e entre os significados que envolvem o discurso. Por exemplo, nem sempre o Julgamento do produtor de um texto se expressa através de adjetivos, como em 'O professor é **esforçado**', mas muitas vezes através de processos como em 'Alexandre **virou** o professor do ano de Flórida' ou mesmo por meio da colocação dos outros termos na oração: 'Alexandre disse que aceitou o desafio'.

Dessa forma, foi necessário eleger a instanciação proposta por Martin e White para a análise dos aspectos avaliativos presentes nos eventos comunicativos escolhidos para a tese. A proposta, conforme já foi dito, denomina-se *Appraisal System* e está localizada em um terceiro ciclo de codificação que abrange a Semântica do Discurso, conforme a ilustração:

Figura 21 - Os ciclos de codificação da linguagem

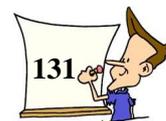


Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

Martin e White argumentam que é possível encontrar, no texto, elementos que comprovem sentimentos e valores adotados por uma comunidade, de modo a demonstrar emoções, gostos e avaliações normativas.

A Avaliatividade, segundo Martin e White (2005) complementa a negociação entre os participantes ao focar aspectos interativos do discurso e a estrutura de troca. A negociação diz respeito a proposições ou a propostas (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) utilizadas pelos participantes. Já o envolvimento diz respeito ao terceiro aspecto que envolve a Semântica do Discurso, “[...] ao focar recursos não graduáveis para negociar as relações interpessoais” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 33), especialmente a solidariedade e os recursos lexicais que sinalizam afiliação a grupos como gírias, linguagem técnica, entre outros.

O enfoque da Avaliatividade ajuda a explorar, a descrever e a explicitar a forma como a linguagem é usada para aferir, ajuizar as posturas adotadas que constroem identidades dos atores sociais, e assim, gerir posicionamentos e relacionamentos interpessoais.



Avaliar por meio da linguagem, para Martin e White (2005), conforme apresentação do site do grupo de pesquisa, visualizado no endereço [www.grammatics.com/appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal), cumpre três funções principais:

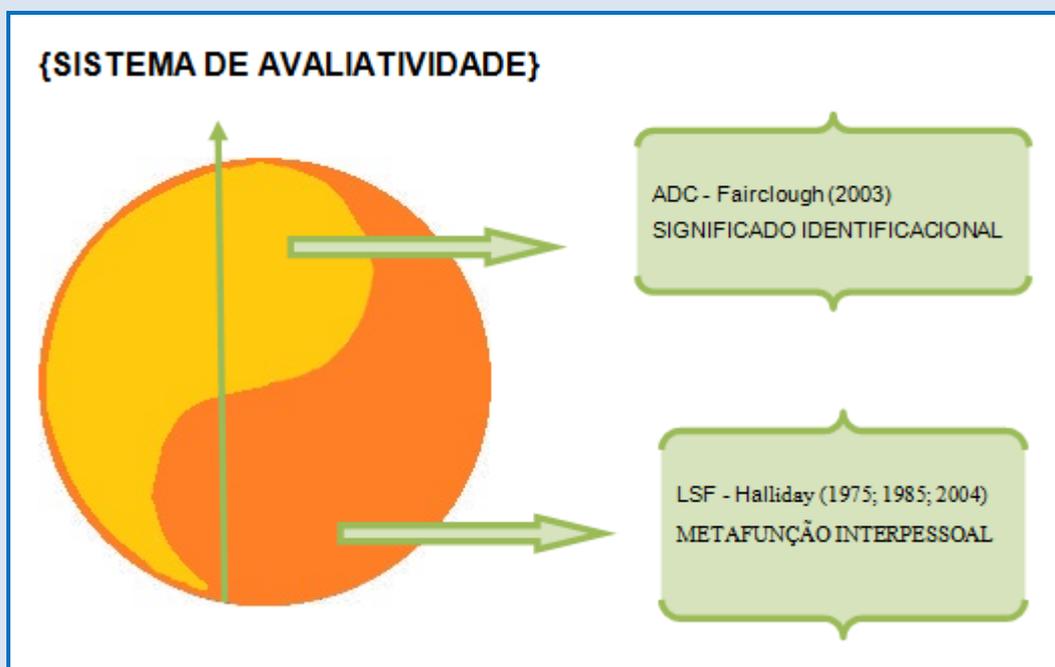
- Demonstrar o posicionamento atitudinal do autor/falante frente a comportamentos e eventos/coisas concretas, através do elogio ou da censura.
- Explicar, através da aceitação do posicionamento de outrem ou mesmo da contraposição a ele (procedimentos de ordem intertextual), seu próprio posicionamento, ou mesmo manter-se neutro.
- Explicitar os recursos dialógicos utilizados para estabelecer as relações interpessoais entre autor e leitor, por meio da antecipação ou da resposta a indagações do leitor/ouvinte.

Esses objetivos da Avaliatividade surgem da relação existente entre os participantes do evento comunicativo e da manifestação da opinião, do sentimento, do posicionamento do autor e do leitor em relação ao outro. Aos fatos, aos objetos do mundo, ao estado de coisas, Martin e White (2005) situam a Avaliatividade como um sistema que tem sua origem dentro da metafunção interpessoal, conforme Halliday (1994), e dentro do significado identificacional, conforme Fairclough (2003). Assim, a Avaliatividade pode ser esquematizada da seguinte forma.

- a) ADC - Análise de Discurso Crítica – SIGNIFICADO IDENTIFICACIONAL – relacionado ao aspecto discursivo de identidades, à identificação de atores sociais em textos.
- b) LSF (HALLIDAY, 2004) – SIGNIFICADO INTERPESSOAL – Sistema de Avaliatividade.

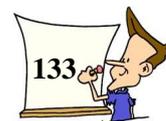
O esquema pode ser ilustrado da seguinte forma:

Figura 22 - O Sistema de Avaliatividade



**Fonte:** Elaborado pela autora, com base nos estudos de Fairclough (2003) e Martin e White (2005).

A figura mostra a relação que existe entre o significado identificacional dos discursos, indicado por Fairclough (2003) e a metafunção interpessoal, proposta por Halliday. O sistema de Avaliatividade, além de oferecer subsídios para interpretar as experiências dos atores sociais, pode indicar, por meio dos componentes linguísticos materializados no texto, os modos como se estabelecem e desenvolvem os papéis sociais e as identidades. Essa relação é realizada pela linguagem, podendo negociar relações e expressar opiniões e atitudes, construindo significados em textos. Esses significados, segundo Martin, são influenciados pela gravidade semântica (*semantic gravity*), que por sua vez é influenciada pela condição contextual. A realização ocorre, segundo Halliday, pela função interpessoal, o que Fairclough (2003) chama de significado identificacional. Assim, é plausível que o sistema de Avaliatividade traga valiosa



contribuição para análises linguístico-discursivas que podem mostrar aspectos de identidades.

O sistema de Avaliatividade caracteriza-se como um sistema interpessoal no nível discursivo que se articula em três domínios interacionais: aos subsistemas de **atitude**, **engajamento**, **gradação** e, em um nível maior de abstração, está relacionado aos significados que se realizam por meio dos recursos lexicogramaticais adotados como elementos da ordem do discurso.

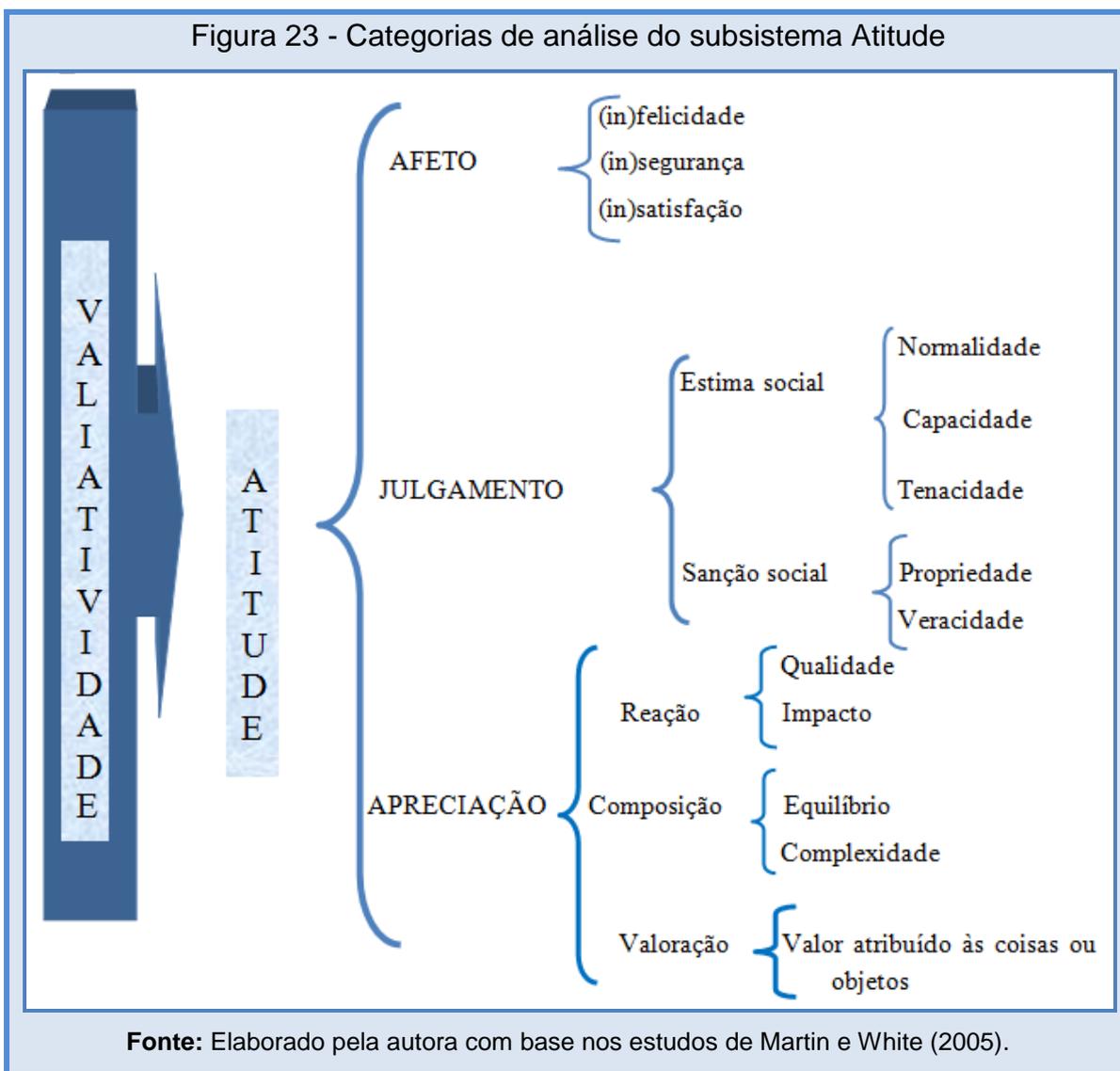
Desse modo, Martin (2007) sugere uma gama de realizações que podem ser modificadas pelos atores sociais como participantes, pelos processos e pelos adjuntos em diferentes instâncias. Elas podem configurar-se no texto como qualidades, por meio de epítetos, atributos e circunstâncias, como diferentes processos, principalmente os processos comportamentais e mentais, ou como comentários, ao se realizarem em adjuntos modais como elementos circunstanciais.

Essa configuração mostra a interface entre os significados do discurso constituídos semanticamente pelo léxico escolhido, isto é, os recursos disponíveis impregnam os significados no texto e estes constroem discursos que, ao serem analisados, podem revelar avaliações proeminentes para a construção de identidades.

#### 4.6.2 O subsistema Atitude

O subsistema Atitude congrega as categorias que, em forma de avaliação, se referem às emoções e aos sentimentos dos atores, ao comportamento humano, aos objetos, coisas e produtos. Esse subsistema se realiza em forma de categorias que incorporam os significados de avaliações positivas ou negativas. A atitude é uma “[...] dimensão do significado interpessoal que contempla os sentimentos, já que uma perspectiva interpessoal nos posiciona a sentir e através de sentimentos partilhados e nos posiciona a pertencer” (MARTIN, 2004, p. 326). Nesse sentido é que a Avaliatividade nos textos negocia a relação entre os participantes.

O subsistema Atitude mostra que os sentimentos podem ser expressos em forma de respostas emocionais, revelando a identidade do falante ou do escritor ou as formas institucionalizadas de avaliar. Assim sendo, é dividido em três campos semânticos. O primeiro deles é o **Afeto**, que se ocupa das respostas e disposições emocionais; o segundo é o **Julgamento**, que contempla avaliações normativas sobre o comportamento humano; e o terceiro é a **Apreciação**, que diz respeito aos valores endereçados às qualidades estéticas de objetos e situações. O subsistema Atitude e as categorias que o compõem podem ser visualizados na ilustração seguinte:



Conforme mostra a figura, o sistema de Avaliatividade que se refere aos posicionamentos atitudinais, ou seja, o subsistema Atitude diz respeito aos campos semânticos configurados como o **Afeto**, o **Julgamento** e a **Apreciação** que os atores sociais fazem em relação ao mundo que o cerca ou sobre eles mesmos. Cada um desses campos semânticos exerce uma função que contribui para a construção de significados na organização textual discursiva, compreendendo as regiões semânticas da emoção, da ética e da estética, conforme o Quadro 10 que se encontra na sequência.

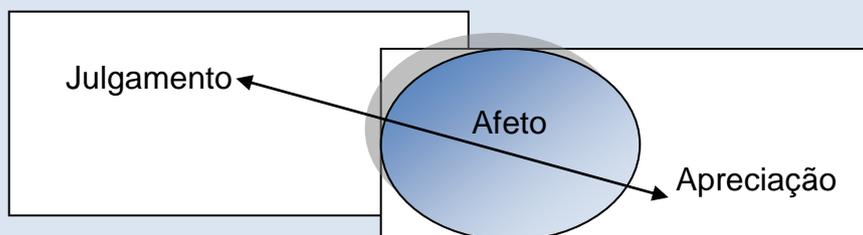
Quadro 11 - O subsistema Atitude e seu campo semântico

SUBSISTEMA ATITUDE	
CAMPO SEMÂNTICO	A QUE SE REFERE
<b>Afeto-emoção</b>	Diz respeito aos sentimentos; caracterizam-se pelos fenômenos em relação à emoção.
<b>Julgamento-ética</b>	Diz respeito à avaliação sobre o caráter de alguém; caracterizam pela avaliação do comportamento humano em relação às normas sociais.
<b>Apreciação-estética</b>	Diz respeito à atribuição de valor às coisas e produtos em relação aos princípios estéticos e a outros sistemas de valor social.

**Fonte:** Elaborado pela autora conforme estudos de Martin e White (2005).

Ao expressarmos nossas atitudes, conforme o quadro acima, podemos vislumbrá-las como sentimentos institucionalizados, sendo que o Afeto refere-se às emoções e sentimentos que envolvem atores sociais, o Julgamento refere-se a um universo de propostas sobre o comportamento e a Apreciação refere-se ao universo de proposições sobre o valor das coisas. Assim, segundo os autores, os recursos linguísticos para a realização da avaliação são as primeiras práticas linguísticas apreendidas. Martin e White (2005) indicam que o **Afeto** é o centro do subsistema **Atitude**, já que as três categorias que o compõem expressam, de algum modo, sentimento, seja de forma pessoal ou institucionalizado. Para ilustrar essa centralidade do Afeto e a inter-relação entre os três tipos de atitudes – Afeto, Julgamento e Apreciação – incluo a tradução da figura apresentada pelos autores.

Figura 24 - A inter-relação entre o Afeto Julgamento e Apreciação



Fonte: Martin e White (2005).

Podemos dizer, assim, que o subsistema **Atitude** diz respeito aos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamento do comportamento e avaliação de objetos e situações. Esses três campos semânticos apresentam o Afeto como elemento central das atitudes que expressamos porque ele estabelece uma relação próxima com as outras duas categorias da Avaliatividade. Assim, oferecem sustentação teórica para a indicação das identidades dos docentes constituídas nas análises das charges.

Dessa forma, a atitude diz respeito aos sentimentos, incluindo reações emocionais, julgamento de comportamento e avaliação de objetos e situações. “O **engajamento** trata das fontes de atitude e o papel das vozes sobre as opiniões no discurso e a **gradação** tem a ver com a intensificação ou a mitigação dos significados manifestados nos outros dois subsistemas” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 35).

Conforme os autores, a atitude abrange a avaliação e o papel das vozes sobre as opiniões no discurso. Isso mostra que o subsistema Atitude é responsável pela expressão linguística da avaliação, devendo ser positiva ou negativa, e que abrange as três regiões semânticas: emoção, ética e estética. A questão do endereçamento e da identificação da fonte da avaliação é central para a delimitação das categorias atitudinais. Para isso, é preciso observar quem está avaliando e quem ou o que é avaliado.

Desse modo, a categoria **Afeto** requer a presença de um participante consciente, que seja afetado emocionalmente por uma entidade ou fenômeno, responsável por desencadear a emoção. No caso do **Julgamento** e da



**Apreciação**, o mais importante é identificar para quem é endereçada a avaliação, se para um participante humano ou para uma entidade ou processos semióticos (MARTIN; WHITE, 2005).

É importante a compreensão de que esses subsistemas estão relacionados entre si, uma vez que um sustenta e explica o outro, isto é, a atitude abrange as avaliações, o engajamento contempla as origens da atitude e a gradação focaliza a intensificação positiva ou negativa para mais ou para menos das avaliações. São subsistemas que exercem a função de avaliar e, sobretudo, indicam categorias de análise que irão contribuir para a identificação das identidades dos atores sociais, no caso desta tese, dos docentes nas representações em charges.

Dessa forma, o sistema de Avaliatividade exerce a função de realizar significados no discurso, os posicionamentos avaliativos do autor, do falante ou do ator representado em imagens. Assim, a avaliação é realizada pelos recursos utilizados para suscitar opiniões e valores sobre alguém ou sobre alguma coisa. Esses posicionamentos fazem parte de todo o processo de avaliação, desde o momento da sua construção, passando pela interpretação dos valores atribuídos pelas pessoas até à constituição de uma identidade.

#### **a) AFETO: Primeira categoria semântica do subsistema Atitude**

O Afeto, segundo Martin (2000, p. 148), é “[...] um recurso semântico para construir emoções”. Desse modo, pode-se dizer que diz respeito a uma avaliação pautada nos sentimentos do falante ou do autor de um texto, indicando o comportamento emocional em relação às pessoas, às coisas, aos objetos e aos acontecimentos.

A identificação do Afeto em uma realização léxico-gramatical implica a compreensão de significados avaliativos de representação positiva ou negativa.

Para clarificar minuciosamente sobre o Afeto, Martin e Rose (2007, p. 25) explicam que “As pessoas possuem bons (positivo) e maus sentimentos (negativo) que podem ser manifestados de forma implícita e explícita”. A análise da Avaliatividade nos textos considera, além de itens pontuais como estruturas

gramaticais, as informações presentes na exterioridade do texto, as quais propiciam que um determinado item se torne avaliativo. A seguir, o quadro apresenta exemplos de possibilidades de realização do Afeto.

Quadro 12 - A realização do Afeto nos textos

Afeto	Realizações
Afeto como qualidade	<b>Epíteto</b> ou qualidade nominalizada <b>Atributo</b> a um participante <b>Circunstância</b> de modo (como?)
Afeto como processo	<b>Mental:</b> relacionado à percepção, à emoção, à cognição e ao desejo (o que sente, pensa, percebe, deseja). <b>Relacional:</b> representam seres no mundo, suas características e identidades. <b>Comportamental:</b> representam o comportamento humano sob o domínio da consciência como experiência (com frequência aproximam-se dos mentais, manifestando estado de consciência).
Afeto como comentário	Realiza-se pelos adjuntos modais, ou seja, por meio de elementos circunstanciais.

**Fonte:** Elaborado com base em Cabral e Fuzer (2010) e Martin e White (2005, p. 45).

A fim de delinear as características do Afeto, Martin e White (2005, p. 47-49) propõem “um sistema de pares de oposição”, estratégia que será estendida para as outras categorias atitudinais. Ao lado dessa estratégia, eles também estabeleceram alguns fatores que possibilitaram classificar as manifestações do Afeto, os quais já haviam sido apresentados por White (2004). De forma didática, estes fatores são organizados da seguinte forma:

- Os sentimentos são construídos pela cultura popular como positivos (agradáveis) ou negativos (desagradáveis).
- ✚ **Afeto positivo** – O professor estava feliz.
- ✚ **Afeto negativo** – O professor estava desancorado socialmente.

- Os sentimentos são representados como uma onda de emoção envolvendo algum tipo de manifestação como, por exemplo, choro ou tremores, ou são representados como experiências internas, na forma de um estado emotivo ou de um processo mental em andamento (contínuo).
  - ✚ **Onda comportamental** – O docente chorou.
  - ✚ **Processo/estado mental** – O docente não gostou do resultado e se sentiu triste.
- Os sentimentos são representados como voltados para, ou como resultados de algo específico, ou direcionados a, ou como resultado de algum estímulo emocional específico, ou como um estado de espírito geral.
  - ✚ **Reação a um estímulo** – O resultado agradou o docente.
  - ✚ **Modo indireto** – Ele estava feliz.

A última variável que se inclui na categorização do Afeto, proposta por Martin (2000) e revista por Martin e White (2005) agrupa as emoções ligadas à (in) felicidade, (in) segurança, (in) satisfação.

A variável **(in) felicidade** cobre as emoções ligadas à tristeza, à raiva, ao amor; a variável **(in) segurança** cobre as emoções ligadas ao bem-estar econômico social, à ansiedade, ao medo e à confiança; à variável **(in) satisfação** cobre as emoções ligadas à busca dos objetivos, ao tédio, ao desprazer, à curiosidade, ao respeito.

- ✚ **(In) felicidade** – O docente se sentiu triste/feliz.
- ✚ **(In) segurança** – O docente se sentiu ansioso/seguro.
- ✚ **(In) satisfação** – O docente se sentiu aborrecido/absorvido.

Essa delimitação e classificação, conforme Martin e White (2005), podem ser simplificadas com alguns exemplos do tipo reais e do tipo irrealis, conforme os quadros que se encontram na sequência.

Quadro 13 - Classificação das categorias do Afeto do tipo reais (realis)

REAIS	VARIAÇÃO (COMPORTAMENTO)	DISPOSIÇÃO (DE ÂNIMO)
<b>[IN]FELICIDADE</b> Infelicidade Tristeza (estado)	Choramingar Chorar Aos prantos	Desanimado (baixa intensidade) Triste (média intensidade) Inconsolável (alta intensidade)
<b>Felicidade</b> Alegria Afeição	Sorrir Rir Gargalhar Aperto de mão Carinho Abraço apertado	Contente Animado Radiante Afetuoso Amoroso Apaixonado
<b>[IN]SEGURANÇA</b> Insegurança Preocupação Surpresa	Inquieto Nervoso Desancorado Sobressalto Grito Desmaio	Inseguro Ansioso Desorientado Surpreso Abalado Pasma/ perplexo
<b>Segurança</b> Autoconfiança Crédito	Mencionar Afirmar Declarar Delegar Incumbir Confiar	Tranquilo Seguro Assegurado Responsável Confiante Completamente confiante
<b>[IN]SATISFAÇÃO</b> Insatisfação Aborrecimento Desprazer	Bocejar Dar as costas Resmungar Reclamar Abominar/execrar	Entediado Impaciente Decepcionado Insatisfeito Irritado Desamparado
<b>Satisfação</b> Interesse Admiração	Atender Concentrar Abstrair Elogiar Recompensa Premiação	Atento Curioso Absorto Satisfeito Impressionado Orgulhoso

Quadro 14 - Classificação das categorias do Afeto do tipo irrealis

IRREAIS	VARIAÇÃO (do comportamento)	DISPOSIÇÃO DO ÂNIMO
<b>(DES)INCLINAÇÃO</b>		
<b>Medo</b>	Tremor Calafrio	Cauteloso Temeroso Aterrorizado
<b>Desejo</b>	Sugerir Solicitar Exigir	Inclinado Desejoso Determinado

Fonte: Martin e White (2005, p. 48).

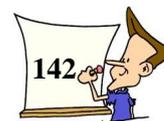
As especificidades do Afeto referem-se às emoções e aos sentimentos reais e irrealis. Elas podem ser manifestadas pela expressão corporal e, conforme Martin e White (2005), é possível avaliar esse fenômeno também nas imagens ou em textos multimodais. Os atores envolvidos demonstram suas emoções pela expressão facial.

**b) JULGAMENTO: segunda categoria semântica do subsistema Atitude**

A categoria Julgamento refere-se ao posicionamento atitudinal relativo ao comportamento humano, no que diz respeito a normas pré-estabelecidas do que é certo/errado, adequado/inadequado, aceitável/inaceitável.

Assim como o Afeto, também essa categoria é polarizada em avaliações positivas e negativas, sendo que os Julgamentos podem ser de ordem pessoal (admiração ou crítica) ou de ordem moral (mérito ou condenação). Disso decorre a delimitação de dois grandes grupos de Julgamento: **estima social** e **sanção social**.

O primeiro grupo de Julgamento, o de estima social, envolve avaliações que podem aumentar ou diminuir o prestígio da pessoa avaliada dentro de sua comunidade social. No entanto, julgamentos desse tipo não têm implicações morais ou legais.



O segundo grupo, o de sanção social, contempla avaliações que se referem à moralidade e à legalidade do comportamento da pessoa avaliada, traduzindo o que é considerado dentro dos contextos em que vivem as experiências, as expectativas, as pretensões e as crenças, moldadas por culturas específicas e situação ideológica.

Nesse sentido, em termos gerais, podemos dizer que problemas com estima social requereriam a ajuda de um analista, por estarem relacionados à questão de ética e comportamento humano, baseados em admiração, e devido aos padrões morais e convenções sociais sem implicações legais. Já os problemas com sanção social requereriam o auxílio de um advogado, por exemplo, por estarem relacionados às regulações e leis que implicam penalidades e punições para quem quebrar o código.

O grupo da estima social é dividido em três subtipos de Julgamento: normalidade, capacidade e tenacidade. O primeiro tipo de Julgamento, de *normalidade*, constitui-se de uma avaliação sobre o que é considerado dentro do que é normal ou anormal, do que é comum ou incomum, isto é, refere-se ao comportamento que merece destaque por algum aspecto – quer seja positivo, quer seja negativo.

O Julgamento da *capacidade* refere-se à competência, às habilidades e às capacidades do indivíduo avaliado. O terceiro tipo de Julgamento, na esfera da estima social, o de *tenacidade*, refere-se à disposição e à persistência da pessoa avaliada para alcançar seus objetivos.

O grupo da sanção social é ramificado em duas formas de julgar, por veracidade e por propriedade. *Veracidade* diz respeito à quão honesta, confiável e verdadeira é a pessoa sob avaliação, enquanto a *Propriedade* refere-se à quão ético e acima de qualquer reprovação é o ator avaliado.

Tendo em vista essas estratégias de delimitação e de classificação, Martin e White (2005) condensam e exemplificam as características do Julgamento, como mostrado no quadro a seguir:

Quadro 15 - Tipos de Julgamento

<b>ESTIMA SOCIAL</b>	<b>POSITIVO (ADMIRAÇÃO) (Exemplos)</b>	<b>NEGATIVO (CRÍTICA) (Exemplos)</b>
<b>Normalidade</b> 'Quão especial?'	sortudo, privilegiado/abençoado, normal, comum, mediano na moda, moderno, avançado	desprezível, infeliz diferente, peculiar, excêntrico. cafona, antiquado, retrógrado...
<b>Capacidade</b> 'Quão capaz?'	forte, poderoso, robusto... criterioso, inteligente, talentoso... firme, tranquilo, sensato...	débil, fraco, inapto... lerdo, estúpido, bronco... inexperiente, neurótico, demente...
<b>Tenacidade</b> 'Quão seguro? '	corajoso, bravo, valente... confiável, incansável, perseverante, decidido...	imprudente, covarde, pessimista... indigno de confiança, inseguro, triste, fraco, desatento, vagabundo...
<b>SANÇÃO SOCIAL</b>	<b>POSITIVO (ELOGIO)</b>	<b>NEGATIVO (CONDENAÇÃO)</b>
<b>Veracidade</b> [verdade] Quão honesto?	sincero, honesto, fidedigno... real, autêntico, verdadeiro... franco, sem meias palavras...	desonesto, corrupto... fingido, falso... enganador, manipulador...
<b>Propriedade [Ética]</b> 'Quão irrepreensível	bom, moral, ético... cumpridor da lei, justo, imparcial... sensível, gentil, atencioso...	mau, imoral, corrupto, desleal, injusto... insensível, mesquinho, cruel...

Fonte: Martin e White (2005).

Observa-se, no quadro, que o Julgamento pode ser realizado por meio de advérbios, atributos, epítetos, grupos nominais ou pelas formas de verbos ou processos. Pode estar claramente no texto, de modo explícito, ou ser identificado de modo implícito, como ocorre normalmente em charges.

A título de exemplo, a avaliação como Julgamento de estima social negativa pode ser visualizada na representação dos atores sociais escolhidos para a charge a seguir, na qual os atributos são visualizados na postura

corporal, nos aspectos faciais, nas ações presumíveis que o texto imagético proporciona.

Figura 25 - Fazendo as Contas



Fonte: <https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educação>.

Acesso em: 22 mai. 2014.

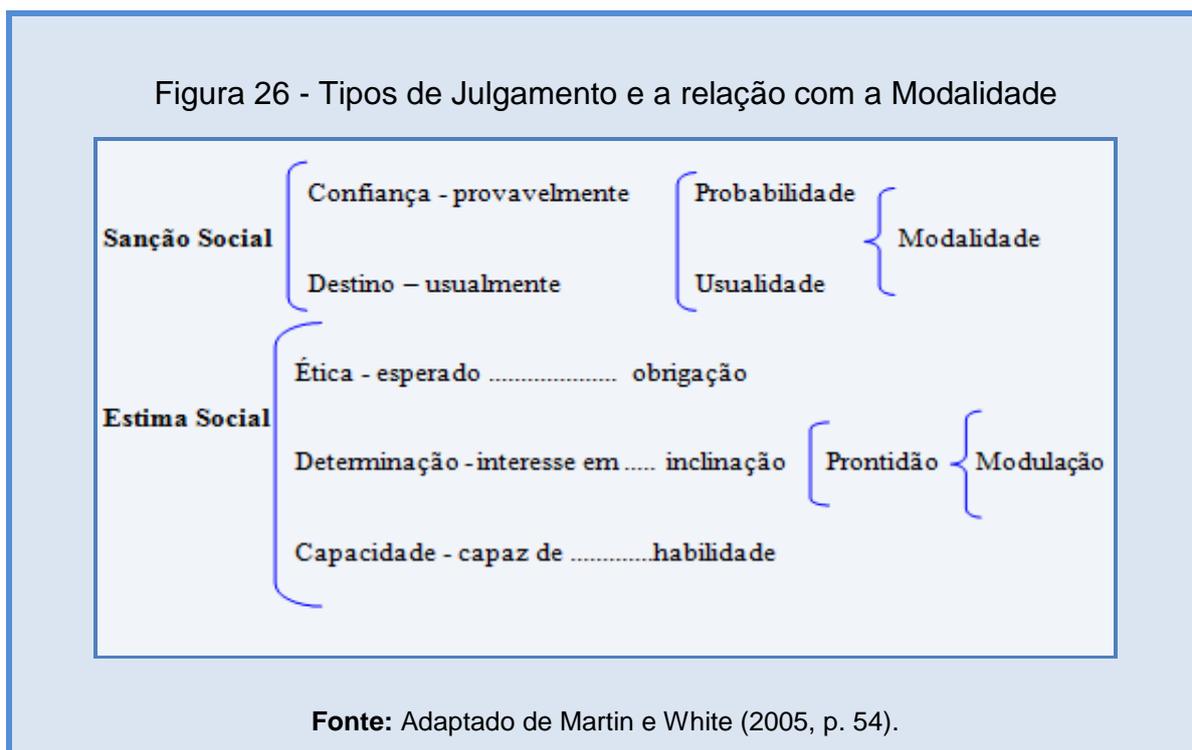
Martin e White (2005) apresentam um refinamento das explicações sobre a realização do Julgamento – como sanção social e como estima social –, fazendo uma correlação com as categorias do sistema de Avaliatividade.

Na figura acima, é possível visualizar a **estima social** afetada de modo **negativo** pela força do processo “**está tremendo**”, dito pela aluna e pela postura **cabisbaixa** da professora e pela representação do movimento no desenho.

A professora cabisbaixa, fazendo a lista de suas dívidas no quadro, significa estima social negativa com normalidade esperada. O “estar tremendo” indica estima social negativa com tenacidade, pois a professora parece sentir-se

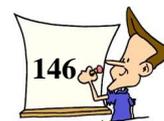
fraca, deprimida, triste. São atributos de uma identidade que, nesse contexto de análise do contracheque, sente-se afetada pela política salarial à qual está vinculada.

Os tipos de Julgamento proporcionam uma avaliação relacionada à modalidade, pela possibilidade de atribuir valores, como na ilustração abaixo:



A figura mostra que modalidade é relacionada ao Julgamento como subsistema da Avaliatividade pelo fato de ser considerada uma avaliação do falante, ou autor, ou mesmo um pedido (demanda) de Julgamento do ouvinte ou leitor. Na modalidade, tal como no Julgamento há um posicionamento, uma expressão de opinião, evidenciando o que o produtor ou o leitor pensam e o que o ator participante realmente é.

Para Eggins (1994), ao trocarmos informação, “[...] questionamos se algo é ou não é, e se tal informação pode ser negada ou afirmada”. Sob um olhar crítico, é possível entender que entre ser e não ser há uma série de possibilidades, tanto prováveis, quanto esperadas, que podem ser inseridas ora no Julgamento, ora como elemento modal.



### c) **Apreciação: terceira categoria semântica do subsistema Atitude**

A terceira e última categoria semântica do subsistema Atitude é a **Apreciação**. Por meio dela é possível contemplar “[...] os recursos para construir avaliações sobre coisas, fenômenos naturais e outros semióticos, sejam como processos ou como produtos” (MARTIN, 2005, p. 273).

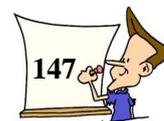
A avaliação realizada pela Apreciação significa atribuir valor a coisas, considerando suas qualidades estéticas ou a relevância social em termos de utilidade. Essa categoria é dividida em **reação** (diante das coisas ou fenômenos), **composição** (dos elementos avaliados) e **valoração** (o valor atribuído a esses elementos). Assim como as outras duas categorias atitudinais, a **Apreciação** gera avaliações **positivas** ou **negativas**.

A Apreciação pode ser manifesta como um impacto, referente a quão intensamente o objeto ou fenômeno pode cativar, fascinar ou repugnar; ou ainda, como é possível reagir por causa de uma qualidade, isto é, se o item avaliado agrada ou não agrada ao consumidor ou ao leitor, observador. Desse modo, abrange as crenças e ideologias construídas por meio de avaliação de objetos em situação de realidade.

A Apreciação é dos maiores recursos atitudinais disponíveis em atividades de linguagem, uma vez que se refere à maneira pela qual se avalia um texto ou um fenômeno. Diz respeito à avaliação de objetos, shows, filmes, livros, CDs, obras de arte, casas, recitais, espetáculos ou performances, relacionamentos, qualidade de vida, incluindo aqui as conquistas pessoais ou de um grupo.

Martin e White (2005, p. 56) subdividem a Apreciação em “reação, composição e valoração”, sugerindo as observações:

- 1) A **reação** corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas e, sendo assim, são divididas em **impacto** e **qualidade**.
- 2) A **composição** refere-se às percepções de proporcionalidade e detalhes em um texto. Nesse tipo de Apreciação concentram-se os



sentimentos que dizem respeito à organização, à elaboração e à forma pela qual as coisas e objetos foram construídos ou elaborados.

- 3) A valoração refere-se à avaliação da significação social do texto. Corresponde ao valor que se atribui às coisas e objetos. Está relacionada às nossas considerações.

Martin e White (2005) mostram que os subtipos de Apreciação são gramaticalmente relacionados aos processos mentais, isto é, à maneira particular com que as pessoas olham as coisas, os objetos naturais, os objetos manufaturados, textos, bem como construções mais abstratas, tais como planos e políticas.

Assim, a Apreciação é relacionada à emoção, à afeição; a composição é relacionada à percepção; e a valoração, à cognição. Dessa forma, a Apreciação é um subsistema pelo qual as avaliações são feitas de produtos e processos. Ela engloba valores que caem sob o título geral de estética, bem como a categoria de valorização social, que inclui significados positivos e negativos (ou prejudiciais).

Valores de apreço podem se concentrar nas qualidades de **composição** do objeto avaliado como é formado (*design*), por exemplo, observar se é harmonioso, simétrico, equilibrado, complicado. Desse modo, a Apreciação é formulada em termos de impacto estético de algum objeto ou entidade – por exemplo, se prende a atenção, é cativante, chato, triste, bonito etc.

Tal como o Afeto e o Julgamento, os valores de apreço também apresentam *status* harmonioso ou uma relação discordante como positivo e negativo etc. O Quadro 15 mostra a relação dos tipos de Apreciação e seus significados:

Quadro 16 - A relação dos tipos de Apreciação aos significados

APRECIAÇÃO	SIGNIFICADO ATITUDINAL	SIGNIFICADOS (ADC)
Reação	Afeto	Identificacional
Composição	Percepção	Acional
Valoração	Cognição	Representacional

Fonte: Elaborado com base em Martin e White (2005).

A seguir, com base em Martin e White (2005), trago outro quadro que contém exemplos dos subtipos de Apreciação e os respectivos valores negativo e positivo, com exemplificação.

Quadro 17 - Tipos de Apreciação e valores

TIPOS DE APRECIAÇÃO		POSITIVO	NEGATIVO
<b>Reação</b>	<b>Impacto</b>	Interessante, cativante, encantador, fascinante, excitante, emocionante.	Maçante, tedioso, monótono, árido, estressante.
	<b>Qualidade</b>	Bom, lindo, esplendoroso, encantador.	Ruim, feio, sujo, grotesco, repulsivo.
<b>Composição</b>	<b>Proporção</b>	Harmonioso, merecido, uniforme, equilibrado, simétrico, proporcional.	Desequilibrado, irregular, falho.
	<b>Complexidade</b>	Simples, puro, elegante, claro, preciso, detalhado.	Complexo, extravagante, excessivamente enfeitado.
<b>Valoração</b>	<b>[vale a pena?]</b>	Criativo, saudável, benéfico, profícuo, Inovador, original.	Superficial, insignificante, ilusório, convencional.

**Fonte:** Elaborado com base em Martin e White (2005).

O Quadro 16 traz uma lista de possibilidades de valores atitudinais que podem compor um texto como recurso de Avaliatividade, significando que podem inferir na construção de avaliação sobre coisas ou artefatos. O leitor ou observador pode observar e fazer a Apreciação, conforme os tipos de Apreciação indicados no quadro (reação, composição e valorização), e expor um arsenal de outros recursos, como adjetivos do léxico da língua portuguesa, para compor a análise sob o olhar da Apreciação do objeto observado.

A análise do objeto de uma imagem, assim como em um texto multimodal, pode ser efetuada em compartimentos e os espaços do positivo e negativo podem ser preenchidos com a observação do analista, por exemplo.

Quadro 18 - Exemplo de análise de Apreciação

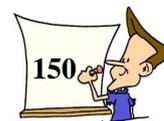
APRECIÇÃO	SIGNIFICADO ATITUDINAL	SIGNIFICADOS (ADC)	Positivo	Negativo
REAÇÃO	Afeto	Identificacional	Fascinante	Sombrio
COMPOSIÇÃO	Percepção	Acional	Elegante	Antigo
VALORAÇÃO	Cognição	Representacional	Precioso	Sem importância

**Fonte:** Elaborado com base em Martin e White (2005).

#### 4.6.3 As categorias atitudinais

A dimensão afetiva, conforme já mencionado, é a essência do sistema atitudinal. Isso porque, muitas vezes, é difícil determinar a fronteira entre as categorias por se tratar de um mesmo fenômeno, ou seja, do sentimento.

No subsistema Atitude, o lado emocional é visto sob três referenciais diferentes, por isso, é possível observar a semelhança da Apreciação e do tipo reação à categoria Afeto. Ocorre da mesma forma quando o enfoque está no



Julgamento, principalmente quando o olhar do analista deseja identificar o negativo e o positivo no *corpus* em análise.

Entretanto, Martin e White (2005, p. 57-58) mostram que “É importante distinguir entre construir as emoções que alguém sente (Afeto) e atribuir o poder de ativar tais sentimentos a coisas”. Por essa razão, os autores recomendam a importância da indicação das categorias.

Admitindo essa fluidez semântica entre as categorias atitudinais, podemos recorrer a alguns critérios para tentar delimitar as diferenças. Contudo, em certos casos é a posição do leitor que irá determinar a interpretação, segundo Martin e White (2005).

O primeiro critério para distinguir entre as categorias, segundo os autores, é a base gramatical, uma vez que a realização da atitude é por meio de adjetivos. Desse modo, a categoria é associada à estrutura considerada como típica de um processo relacional atributivo com um participante consciente envolvido, isto é, alguém sente “**Afeto**” sobre alguma coisa.

No caso da categoria **Julgamento**, a estrutura básica contém um processo relacional atributivo relacionado a uma atitude referente ao comportamento de alguém. Por exemplo, “Foi tão generoso da parte dele fazer isso!”.

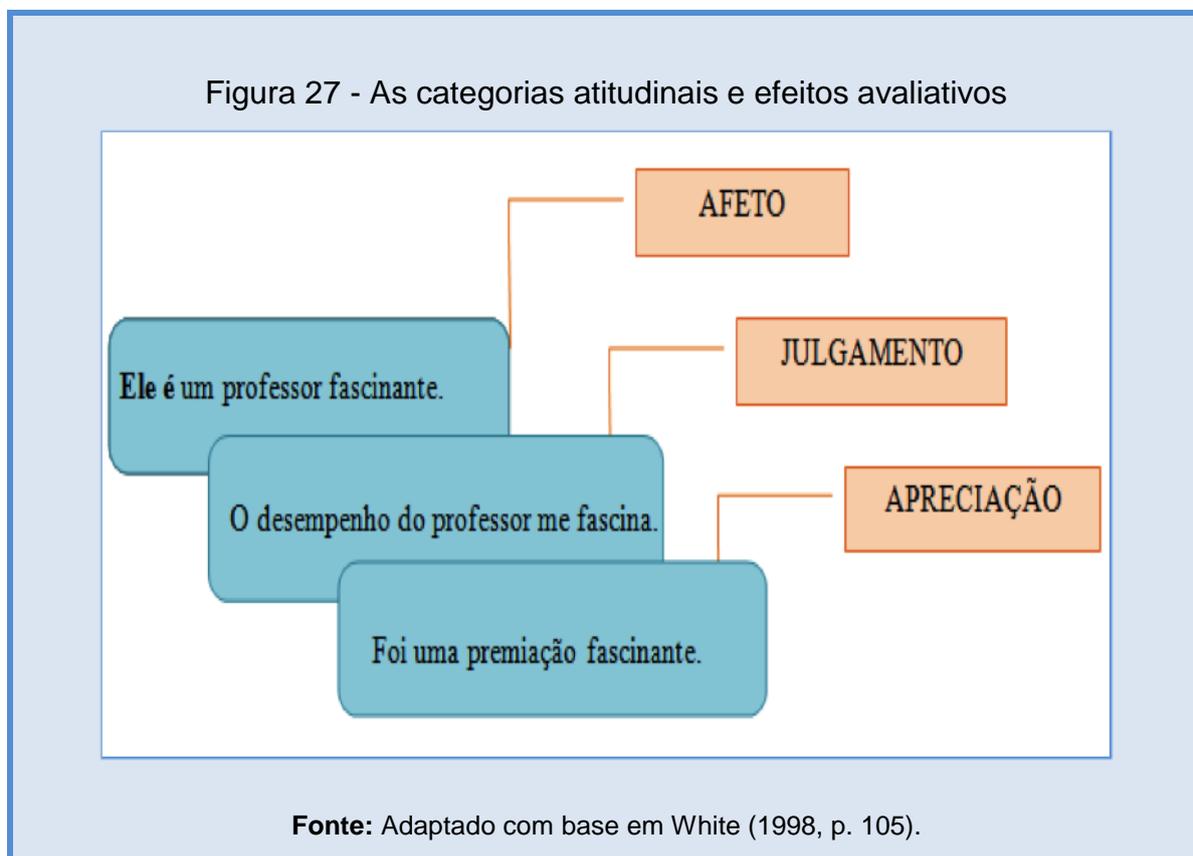
A categoria **Apreciação**, por sua vez, contém um processo mental (conhecimento) atribuindo uma atitude a alguma coisa, isto é, alguém considera alguma coisa apreciável.

Desse modo, há uma explicação, a partir de critérios semânticos, para fazermos essa diferenciação. Segundo White (2004, p. 183),

No que concerne ao Afeto, os sentimentos são apresentados como reações incidentais e personalizadas de sujeitos humanos a algum estímulo. No caso do Julgamento e da Apreciação, esses sentimentos são de alguma forma institucionalizados e representados como qualidades inerentes ao fenômeno avaliado em si.

Em outras palavras, é preciso verificar se as qualidades atribuídas ao que é avaliado são próprias dele ou se são características transitórias para observar a inter-relação entre as categorias atitudinais.

Para mostrar essa característica, utilizo o exemplo de White, associando o diagrama que ilustra a inter-relação entre as categorias atitudinais:



Na primeira frase da ilustração, um agente humano é o alvo da avaliação; na segunda, o ator social inscreve que a avaliação é a manifestação de sua opinião, ou seja, não necessariamente será compartilhada; e na terceira frase é o produto da ação humana que está em destaque. Assim, observamos que a principal diferença está na forma da realização do discurso de avaliação. Dessa forma, os efeitos de um comportamento são os elementos apreciados.

Esse é um exemplo de análise com foco na Avaliatividade, sistema que oferece argumentos e categorias que contribuem para a identificação de aspectos significativos das identidades dos docentes brasileiros.

Observando um texto multimodal, uma charge, as categorias atitudinais podem se encontrar na materialidade linguística no modo escrito e também nos

aspectos visuais das representações dos atores sociais envolvidos, incluindo as relações com o contexto sociocultural, como no exemplo a seguir:

Figura 28 - Escola Pública



Fonte: <https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educação>. Acesso em: 22 mai. 2014.

As representações na materialidade linguística na charge oferecem subsídios para efeito avaliativo com base nos valores atitudinais dos atores sociais. O ponto de interrogação remete a uma Apreciação com impacto negativo como Apreciação. Em “a escola é boa”, o adjetivo “boa” é positivo, inclui-se na categoria Apreciação com reação positiva, mas refere-se à escola não pública e à negação da escola pública representada pela interrogação que se refere ao aposto de “boa”. A afirmação modalizada pela interrogação traz um efeito dissimulado e, portanto, ideológico. Conforme Thompson (2002), a dissimulação é sustentada pela ocultação da negação. Na charge é atribuída uma valoração positiva ou negativa a uma instituição.

No próximo capítulo, a atenção volta-se às análises do *corpus* selecionado e à aplicação das teorias e categorizações levantadas durante a pesquisa.

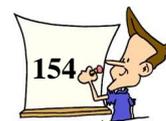
## **CAPÍTULO 5**

### **REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NAS CHARGES E IDENTIDADES DOS DOCENTES BRASILEIROS**

Neste capítulo, o objetivo é aplicar as teorias apresentadas à análise dos textos. A proposta é empreender uma análise nos três focos primordiais da pesquisa: discurso, ideologia e identidade, sem privilegiar um deles. Desse modo, as categorias da ADC, são utilizadas em diálogo com outras teorias de modo transdisciplinar. A análise de textos conforme as categorias da ADC, segundo Fairclough (2003) apresenta enfoque no significado representacional, por meio das categorias interdiscursividade e representação de atores sociais, no significado identificacional, por meio das categorias identificação e avaliação.

A análise das charges tem como objetivos: identificar que discursos sobre os docentes permeiam a sociedade contemporânea; desvelar ideologias que subjazem às representações dos docentes; mostrar que identidades são construídas pelas representações de atributos dos docentes brasileiros em charges; e refletir sobre as representações discursivas adotadas nas charges analisadas, procurando revelar como essas representações podem interferir na construção das identidades dos docentes. No desenvolvimento da análise, são relacionados os significados à categoria correspondente.

Para a análise das representações visuais, são utilizadas as categorias da Teoria de Atores Sociais de van Leeuwen (2008), conforme já especificado no referencial teórico, relacionadas à Exclusão e Inclusão. A Exclusão significa a não representação de atores em contextos específicos em que eles estão presentes; a Inclusão é uma categoria que gera subsistemas, com pacientes ou agentes envolvidos. Refere-se também às ações e podem ser avaliadas como de baixa estima ou desvios, como subservientes ou não, incluídas de modo **genérico** ou **específico**, como **individual** ou do **grupo**, resultando no apagamento ou na negação das pessoas com características e diferenças



individuais e profissionais. Consequentemente, essas categorias mostram como ocorre a representação dos atores sociais envolvidos no processo e indicam a imputação de uma identidade a esses atores.

Por meio das categorias dos atores sociais, aplicadas nas análises, são mapeadas as conexões entre as representações nas charges, tendo em vista os efeitos sociais dos textos, voltadas ao desvelamento das identidades dos docentes como atores envolvidos. E, assim, como em uma tecelagem, ponto a ponto, as análises das charges buscam responder às questões propostas no início da pesquisa.

Apresento, na sequência, a análise dos textos do gênero *charge*, aplicando as categorias de Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003), em diálogo com as categorias da rede visual de significados representacionais, conforme a Teoria de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e as categorias do Sistema da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005).

### **5.1 Análises, na perspectiva da ADC: buscando respostas**

O primeiro texto a ser analisado é uma charge publicada em um portal virtual, de domínio público, destinado a publicação de temas relacionados à educação. Intitulada *Docente e Classe Social*, é assinada por Samuca, cartunista pernambucano.<sup>10</sup>

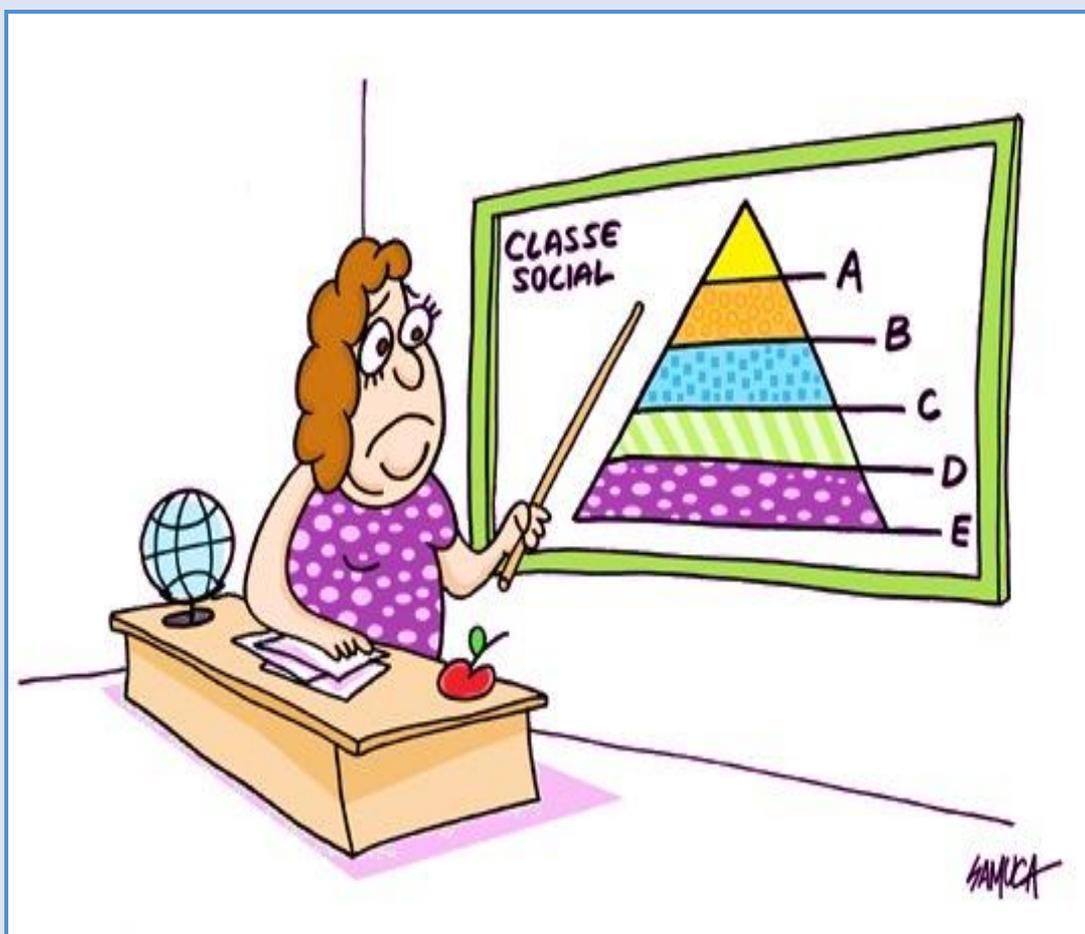
---

<sup>10</sup> Cartunista, começou a carreira em 1984, publicou o livro *A Vida Por Uma Linha*, premiado na categoria melhor livro de cartum no HQ MIX - 1999. Em Abril de 2009, lançou seu segundo livro de cartum "Sem Palavras"; publica charges na página de Opinião do Diário de Pernambuco desde 2005. Em 2011 foi premiado em 1º lugar na categoria cartum no World Press Cartoon - Sintra.

### 5.1.1 Docente e classe social

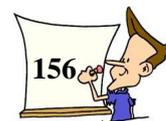
A análise da charge “**Docente e classe social**” tem como objetivo responder à primeira questão de pesquisa, que busca saber como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos.

Figura 29 - Docente e classe social



Fonte: <http://www.rizomas.net/charges-sobre-educacao.html>.

Acesso em: 25 out. 2013.

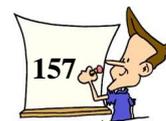


As representações discursivas da charge em análise são ricas em detalhes visuais relacionados aos aspectos culturais, políticos e sociais, devido às várias semioses que fazem parte da composição do texto. Ressalto que esse modo de representação faz parte do caráter do gênero charge. Além de dar aos atores participantes uma feição caricata, apresenta maior carga de atributos para torná-la cômica.

Essa peculiaridade, para Maringoni (1996, p. 85), está relacionada a sátira que o autor demarca, em seus estudos, como “a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional que fazem parte da prática do chargista”. Sabendo dessa peculiaridade, entende-se que produzir charge está intimamente vinculado à capacidade do autor em fazer críticas, às vezes cômicas, ao sistema no qual se encontra inserido, e, especialmente, no que diz respeito àqueles atores que detém o poder político e econômico.

O termo charge, conforme mencionado na parte inicial do trabalho, vem de *charger*, termo que em francês significa carregar, exagerar. Essas características fazem parte dos aspectos considerados nas análises, porém elas não impedem de manifestar-me que a inquietação levantada na pesquisa não se encontra na questão do humor e nem na questão do exagero, mas sim, nos modos de representações dos docentes que, costumam ser impregnados de aspectos negativos. Sendo assim, são modos de representar que podem interferir na constituição e na transformação das identidades dos docentes como atores representados nas charges.

A charge Docente e Classe Social foi escolhida como objeto de análise, nesta pesquisa, por mostrar-se carregada de valores representacionais com traços que demonstram exterioridade discursiva de modo transdisciplinar. São aspectos que revelam a interdiscursividade no texto em análise como categoria de relevância da Análise de Discurso Crítica. Refere-se à forma como diferentes discursos se articulam na charge. Situa-se a análise linguística e as várias formas de análise social dos eventos e de práticas sociais (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999). A charge foi localizada em um ambiente virtual de domínio público, sem a presença de texto escrito, contextualizando a sua



criação. É uma charge de impacto combativo das condições sociais, e charges desse tipo ocupam lugar de destaque em jornais ou revistas. Após a exposição prevista, cumprindo o objetivo da criação, charges costumam ser depositadas em sites ou blogs na Internet. Ademais, charge como qualquer outro texto que envolve questões sociais constitui-se como importante material de análise e demanda leitura interpretativa crítica pela presença de representações discursivas revestidas de ideologias.

Percebe-se que as charges sobre docentes ganham mais espaço quando a entidade da classe enfrenta conjuntura de lutas políticas, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista (cartum) tece sua crítica por meio de um texto multimodal.

Muitas vezes é aparentemente despretensioso, mas as charges são criadas para satirizar e criticar os traços frágeis de pessoas que se destacam na sociedade. Os participantes representados são expostos, bem como suas condições sociais e políticas. Os assuntos atuais servem de inspiração para novas histórias que são transformadas em figura ou charge com teor humorístico. Sabe-se, desse modo, que o humor não é a questão que inquieta. No caso da charge “Docente e classe social”, não foi encontrada a identificação do contexto de produção e não há humor em evidência.

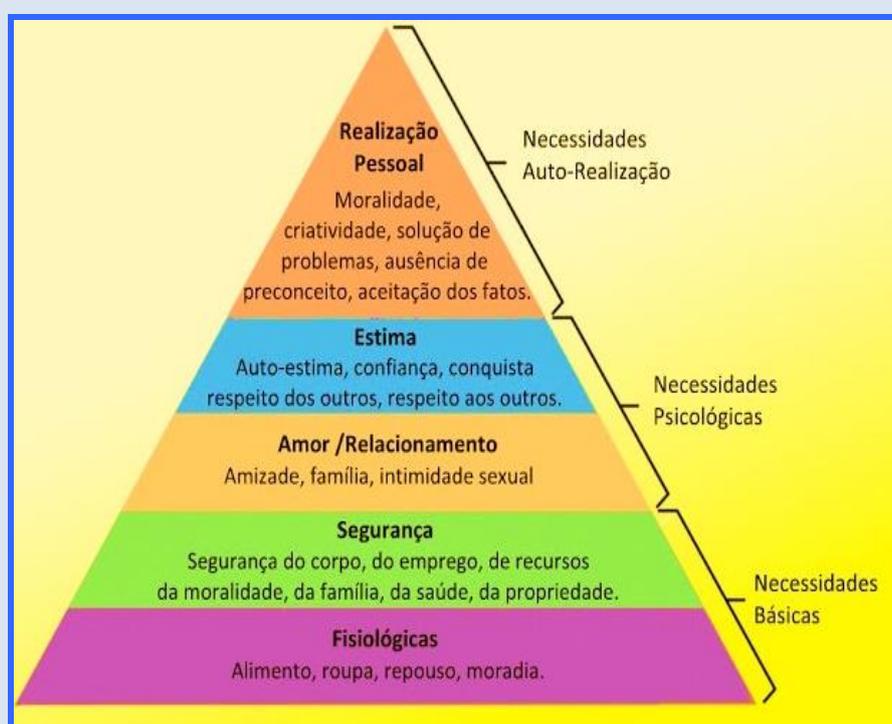
O ator social envolvido no processo de análise da charge é a docente, denominada como **participante representada**, conforme a Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (2006); a pirâmide social pode ser identificada como outro participante com quem a docente interage.

Quanto à composição, a charge apresenta como elementos centrais a docente e o quadro com a pirâmide. Ambos se destacam pela centralidade que ocupam no texto. À primeira vista, a pirâmide remete às necessidades essenciais adotadas por Maslow, que explica ser a camada mais baixa, marcada pela letra “E” como a camada das *necessidades* básicas. Assim, a docente estaria no mesmo nível das necessidades vitais (fisiológicas), pois, conforme explica os estudos sobre motivação, desenvolvidos pelo psicanalista não seria possível chegar a qualquer outro nível de necessidade como segurança, social,

estima ou à autorrealização, sem passar pela necessidade básica, conforme explica Jáder Sampaio (2009).

Essa forma de olhar a pirâmide social como, segundo estudos da psicanálise, pode ser visualizado na imagem a seguir.

Figura 30- A Pirâmide de Maslow



Fonte:

<http://fatorquantico.blogspot.com.br/2013/10/capitalismo-poderia-ser-pior.html>

Acesso em: 12 de julho de 2014.

A análise realizada, por esse viés, mostra a docente situada na posição de maior necessidade humana, a posição vital (necessidade básica), conforme indica a pirâmide desenvolvida por Maslow. Essa é uma interpretação positiva para a docente representada na charge. É caracterizada pelo interdiscurso, constituído pelo discurso da educação, da sociologia e da psicologia. A interpretação **positiva** é de que a professora situa-se na posição das principais necessidades, indispensáveis à vida, chamadas de necessidades primárias, como a satisfação de necessidades fisiológicas básicas do corpo físico

(respiração, comida, água etc.). Dessa forma, a categoria que se destaca é a **interdiscursividade** (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) que pode ser evidenciada pela necessidade da educação como essencial para o ser humano. O interdiscurso, segundo Fairclough (2003) refere-se à forma que diferentes gêneros e discursos são articulados em um texto. Nesse caso da charge Docente e Classe Social, além da representação em nível linguístico, na frase título “Classe social”, na parte superior do quadro, há **interdiscursividade** nos aspectos que se referem aos estudos da psicologia e da sociologia. Pode ser evidenciado também o interdiscurso entrelaçado nos discursos da prática docente, observado no espaço representado, - espaço que reproduz as práticas tradicionais como uma sala de aula, uma mesa, uma maçã, um globo, uma palheta, os papéis. Revela também a **reificação** como categoria de Thompson (2002) que demonstra o caráter ideológico naturalizado, há esvaziamento do caráter sócio histórico da docência, apresentando um estilo de sala de aula como imutável. No quadro, uma pirâmide e um texto escrito que possibilita desvelar um discurso que contribui para a fragilização da identidade docente, por meio do uso do recurso das cores e da categoria da interdiscursividade.

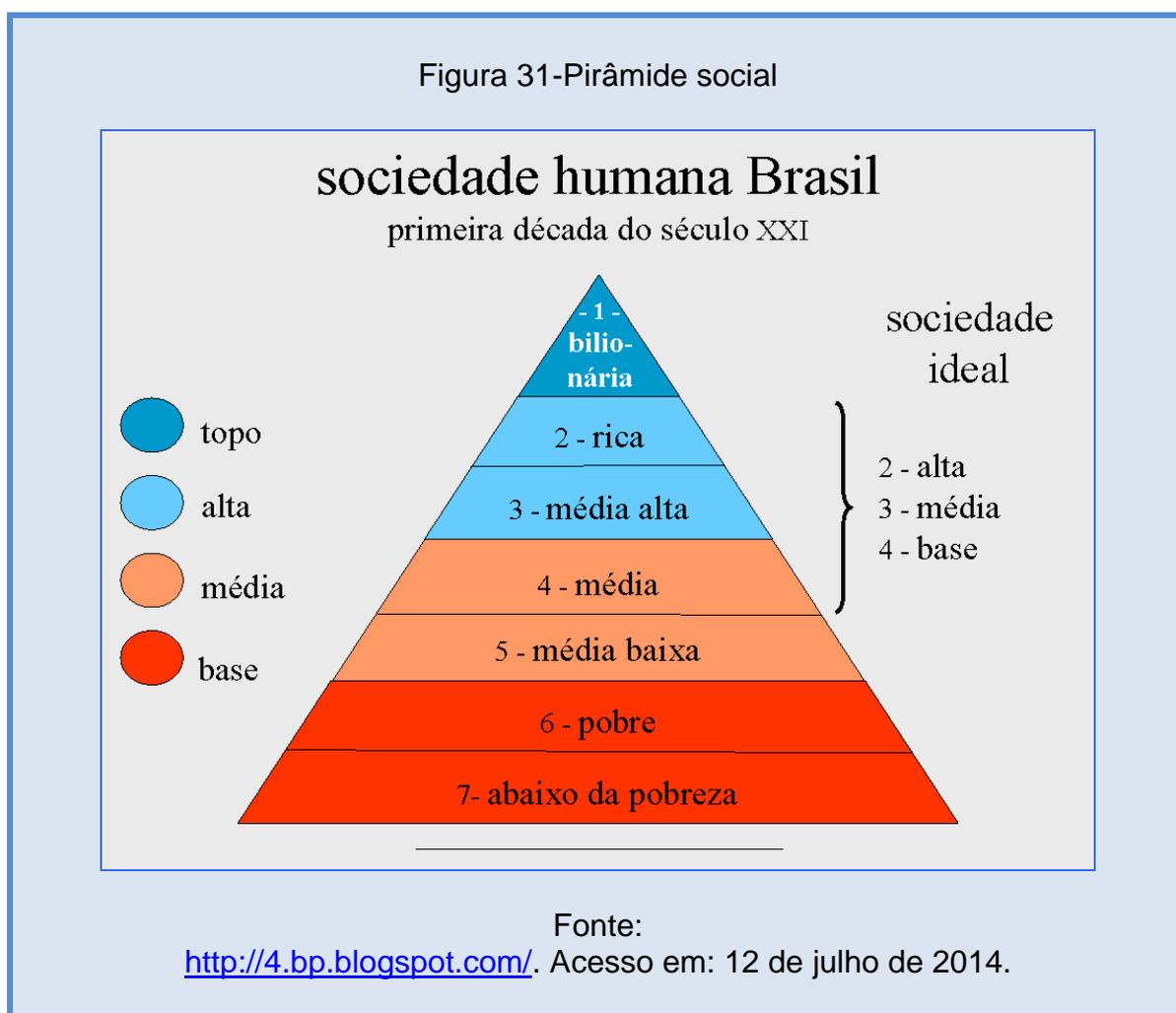
A charge em análise demonstra a intenção de representar todos os docentes, conforme discursos que permeiam e se reproduzem nos contextos sociais da contemporaneidade: o declínio da prática docente. De modo extremo, a charge representa, por meio da cor do último degrau da pirâmide e da cor do vestido da professora, a classificação atribuída a profissão docente.

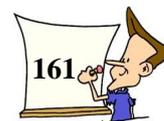
Assim, o chargista reproduz, nas representações da cor em destaque na composição da charge, os discursos daqueles que acreditam que a docência seja uma profissão que se encontra na posição mais baixa, em declínio. Com a prática adotada pelo autor da charge, evidencia-se que as representações discursivas, assim reproduzidas, reforçam o imaginário das pessoas para a prática discursiva e a legitimação desse discurso depreciador.

A estratégia visual da **cor (roxa)** foi usada de modo proeminente e esse recurso contribui de modo lúdico, além de burlesco para a retenção da informação obtida. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), a **saliência (proeminência, destaque)** é uma categoria utilizada para atrair o olhar do leitor

para um ponto específico da imagem. O elemento **saliente** que se destaca na charge é a professora, pelo **tamanho**, pela **centralidade** e pelas **cores**, mas a pirâmide também se destaca tal como a professora, facilitando a visualização da informação chave do texto: a cor da camada mais baixa é a cor do vestido da docente.

A legenda, “classe social” no canto esquerdo do quadro indica que a pirâmide representada é a social, e, assim, a primeira interpretação da pirâmide de Maslow fica descartada. Na representação discursiva da charge, portanto, a professora está, sem dúvida, representada, conforme o modelo marxista, na classe mais baixa, no nível social abaixo da pobreza, nível dos excluídos. Essa relação é observada na imagem da pirâmide social apresentada abaixo.





Na interpretação, a representação da docente na charge pode ser classificada **negativa** e revela ser uma representação que pode comprometer as identidades dos docentes.

Na interação entre os participantes representados de maior evidência, a professora e a pirâmide, é possível destacar o olhar **oblíquo** da docente. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), é no modo de olhar que o participante indica a interação ou não com o *viewer*, o observador, leitor da charge. Com o auxílio de um bastão, no entanto, a docente interage com a pirâmide, apontando o vetor (bastão) e assumindo a posição que representa a sua prática de sala de aula. Assim, chama a atenção dos alunos, “nesse caso”, imaginários, porque não são participantes do processo visual da charge.

O contexto é uma sala de aula tradicional, que traz detalhes de uma decoração pouco usuais atualmente. O que mais destaca é a cor do vestido da docente que traz a mesma cor de uma camada social, a camada inferior, marcada pela letra “E”, representada na pirâmide social como a camada social que se encontra abaixo da pobreza. Nesse aspecto, a cor do vestido da docente evidencia-se a caracterização do **interdiscurso**, realizado pela situação econômica da classe social representada, arrebatando o imaginário do leitor a construir uma imagem da docente e de todos os docentes.

O autor da charge usa as cores para relacionar, por meio da assimilação, a posição da docente à classe social da pirâmide. Incide assim, a categoria da **identificação** que, na perspectiva da ADC, é realizada pela linguagem corporal, pela **avaliação** e por outras afirmações que acionam o processo mental afetivo de valores presumidos (FAIRCLOUGH, 2003) Na perspectiva de van Leeuwen (2008), as cores são fontes semióticas multimodais com a função comunicativa de representar ideias, atitudes e de estabelecer coerência. Assim, o significado das cores pode ser ideacional – sugerindo alguma ideia; interpessoal – promovendo uma interação maior, expressando atitudes como, por exemplo, é triste, é sério, é formal e muitos outros, estabelecendo harmonia, coerência entre os elementos. As cores, segundo van Leeuwen (2011), têm significados e

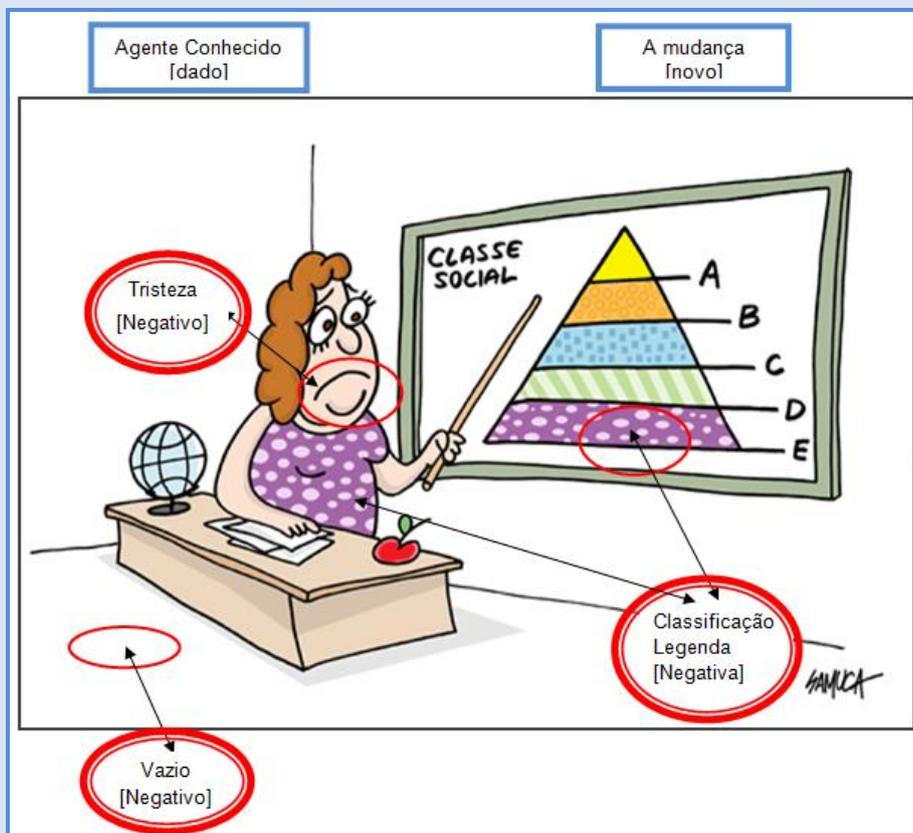
exercem papel importante para as identidades<sup>11</sup>. Para o autor, a cor tem duas escalas de valores, uma de valor direto que é o efeito físico sobre quem olha e uma de valor associativo que deriva da associação que fazemos de fenômenos de alto valor simbólico culturalmente, historicamente e emotivo. Dessa forma, qualquer instância específica de uma cor pode ser analisada como uma combinação de valores específicos dentro de uma cadeia de escalas que vão desde os tons claros aos tons escuros, escala de saturação, modulação, diferenciação, luminosidade etc., convergindo para um complexo de composição de significados potenciais. A cor roxa, por exemplo, equivale ao pensamento reflexivo e, ao mesmo tempo pode promover sensações de tristeza e de melancolia, de piedade e de transformação. Na charge analisada, a cor roxa é interpretada como representação simbólica que classifica a docente e que corrobora com a classe social. Demonstra o discurso adotado pelo produtor do texto, inserindo o ator social representado em um plano excludente [exclusão] das classes sociais mais promissoras, incluindo-o na classe menos favorecida [inclusão], conforme Van Leeuwen (2008).

Para prosseguir a análise faz-se necessário retomar a charge na sequência para marcar as categorias DADO, NOVO, observando a relação de estabelecida, em conformidade com as teorias adotadas:

---

<sup>11</sup> “Colour has, of course, always played an important role in signifying identity. [...] in short, colour provided what we now call demographic information, to kind of information you have to fill in on forms: age, gender, place of domicile, marital status, profession etc. But alongside this kind of social identity, there is also individual identity - the unique identity of each individual and colour can play a role here as well.” (VAN LEEUWEN, 2011, p. 85).

Figura 32 - O olhar voltado para a imagem



Fonte: Análise elaborada pela autora.

Conforme a Teoria de Atores Sociais de Leeuwen (2008), a charge apresenta os elementos depreciativos de identificação da profissão docente. A identificação ocorre por meio da especificação de elementos que revelam a solidão e a depreciação da profissão de docência. Há também ocorrência da destilação que envolve o uso de recursos composicionais como cores, que podem acionar o imaginário do leitor. Devido ao processamento da informação perceptível, a representação das cores, segundo Kress e van Leeuwen (2006), funcionam como um dispositivo semiótico formal capaz de representar ideias, atitudes, ressaltar informações e estabelecer coerência e coesão nos textos, ou seja, carregam significados ideacionais, interpessoais e textuais.

De acordo com Kandinsky (1977), a cor tem duas escalas de valores, uma de valor direto que é o efeito físico sobre quem olha e uma de valor associativo

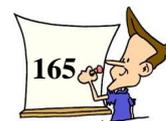
que deriva da associação que fazemos aos fenômenos de alto valor simbólico cultural, histórico e emotivo. Para Kress e van Leeuwen (2002), qualquer instância específica de uma cor pode ser analisada como uma combinação de valores específicos dentro de uma cadeia de escalas que vai desde os tons claros aos tons escuros, escala de saturação, modulação, diferenciação, luminosidade etc., convergindo para um complexo de composição de significados potenciais.

Dessa forma, a cor é associada a outros fatores como um desvio de papel [assimilação], antes valorizado socialmente, passando a promover a construção de uma identidade deflagrada e excludente [avaliação], conforme Van Leeuwen, (2008).

Do ponto de vista discursivo, sabemos que uma pessoa, mesmo pouco letrada, perceberá a desvalorização da categoria dos professores diante de uma imagem que sugere um atributo negativo à identidade da docente. De acordo com os estudos da ideologia, conforme Thompson (1995), pode-se ponderar que essa produção contribui de forma negativa para a constituição de uma identidade desvalorizada e rebaixada à mais baixa classe da pirâmide social.

No que diz respeito ao valor da informação, observa-se a disposição dos elementos da esquerda para a direita do *layout* do quadro da imagem. O que está localizado à esquerda é representado como o “dado”, ou seja, o que já é conhecido pelo leitor, a figura do professor, ao passo que os elementos localizados à direita representam o que é “novo”, ou seja, algo a que o leitor dá atenção especial, no caso, a pirâmide da classe social e a disposição dos símbolos que representam cada classe social. Pode estar indicando que houve mudança na classe social do professor, no entanto, mudança negativa.

A expressão do olhar da professora parece revelar certa preocupação: está arregalado, fixado na pirâmide com a sobancelha retesada, demonstrando seu estado emocional, remete à certa tensão e à tristeza. Mesmo com a simples representação de modo escrito, percebe-se que os outros modos de representação (cor, posição) utilizados sugerem que a identidade da docente carrega traços negativos.



Foi possível identificar, com a análise, que os discursos sobre docentes em charges que permeiam a sociedade são depreciativos e podem interferir negativamente na construção e na transformação das identidades desse profissional. Na sequência, investimos na análise do *corpus* constituído pela charge intitulada “Ela foi minha professora!!!”.

### 5.1.2 Ela foi minha professora!

O *corpus* de análise é composto por uma charge que associa um texto escrito de um parágrafo, intitulado “Ela foi minha professora!!!”. Tem como objetivo responder a questão dois – que identidades docentes são construídas, nas charges, considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos?

A charge foi destaque nas redes sociais, meio virtual pelo qual a recebi. Busquei sua origem e o contexto de produção. A criação foi indicada para o *Facebook* pelo próprio autor, Geraldo Passofundo, no dia 7 de março de 2012<sup>12</sup>. Ela mostra uma professora em trajes simples sendo reconhecida, demonstrando estar **inclusa** socialmente, segundo van Leeuwen (2008). Ela não é **nomeada**, mas **identificada** pela **determinação** da profissão, representando a **coletivização** social.

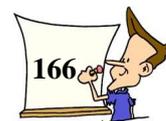
O texto escrito, ao referir aos ex-alunos, também usa a **coletivização**, traz um tom de comicidade como uma **dissimulação** (THOMPSON, 2002) de sobreterminação simbólica (VAN LEEUWEN, 2008) da identidade da docente.

A charge analisada compõe-se de modos semióticos que estimulam o leitor a construir ou reconstruir as identidades dos docentes.

É uma produção que apresenta em sua composição textual um conjunto de recursos semióticos que trazem significados de cunho pejorativo, isto é,

---

<sup>12</sup> Geraldo Fernandes é Consultor empresarial, com atuação nacional, autor de vários cursos de sucesso, entre eles, *Empresas excelentes por suas mulheres fantásticas* e *Os universitários e o caminho para o sucesso*. É chargista e cartunista, com o pseudônimo Geraldo Passofundo, premiado no Rio de Janeiro, na Coreia do Sul e no Japão. É autor do livro *O Humor no Computador* e colaborador do site [www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br). (Disponível em: [http://www.chargeonline.com.br/2012/03/indicacoes-da-charge-ela-foi-minha\\_07.html](http://www.chargeonline.com.br/2012/03/indicacoes-da-charge-ela-foi-minha_07.html) Acesso em: 18 jun. 2014).



segundo dicionário da Língua Portuguesa PROBERAM, *online*, um sentido desagradável, insultuoso, torpe, tanto na perspectiva de um observador, distante da educação, quanto na perspectiva de atores sociais envolvidos ou participantes de uma situação real com certa similaridade. Nesse processo podem ser incluídos e afetados na sua exterioridade atores como o próprio docente, os pais dos estudantes ou o próprio estudante.

As relações semânticas dos significados, nessa perspectiva, que emergem das representações utilizadas são identificadas como cor, posição dos participantes, as feições do rosto dos participantes representados, a direção do olhar. Esses aspectos são suficientes para identificar o efeito social do texto em relação à identidade docente, podendo ser um efeito negativo ou positivo.

A seguir encontra-se a charge a ser analisada.

Figura 33 - Ela foi minha professora!!!



Fonte: <http://geraldopassafundo.blogspot.com.br/2012-ela-foi-minha>.

Acesso em: 25 out. 2013.

As categorias da Teoria de Atores Sociais de van Leeuwen (2008), conforme já especificadas no referencial teórico, são relacionadas à **exclusão** e **inclusão**. A **exclusão** significa a não representação de atores em contextos em

que na realidade elas estão presentes, e a **inclusão** é uma categoria que pode gerar três tipos de subsistemas, como **pacientes** ou **agentes** envolvidos. Refere-se também às ações muitas vezes avaliadas como de baixa estima ou desvios, ou ainda, como subservientes ou não; **incluídos** de modo **genérico** ou **específico**, como **indivíduo** ou **grupo (coletividade)**, o que pode resultar em apagamento ou negação das pessoas. Apontar essas características como diferenças individuais e profissionais, conseqüentemente, ocorre imputação de uma identidade a elas. Por meio das categorias dos atores sociais, portanto, é possível mapear as conexões entre as representações, tendo em vista os efeitos sociais dos textos, voltados ao desvelamento das identidades dos docentes como atores envolvidos para mostrar como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos.

Com o olhar voltado para a Teoria Social de Atores Sociais, retomo o quadro a seguir para nortear a apreensão dos significados:

Quadro 19 - Categorias de análise e suas relações com as metafunções

<b>Metafunção ideacional</b> Experiência de mundo	<b>Metafunção Interpessoal</b> Interação com o leitor	<b>Metafunção Textual</b> Organização do texto
<p><b>Participante, circunstância, processo.</b> Estrutura narrativa ou conceitual? Assunto, o que está acontecendo? Participante (revista, produtor do texto, leitor, a imagem da deusa).</p>	<p><b>Atitude</b> - Relação de envolvimento ou de poder.</p> <p><b>Contato</b> - interação direta ou indireta (observador, observado) – interpelação ou oferta?</p> <p><b>Distância</b> - (próximo ou distante) – plano aberto ou fechado. Distância social ou íntima? - Inclusão- exclusão</p>	<p><b>Composição:</b> <b>Saliência</b> - elemento que definem a leitura a) fotografia e letras; b) foco- precisão dos detalhes; c) perspectiva (imagem em primeiro plano); d) posicionamento no centro; e) fatores culturais: símbolo cultural f) modalidades de cores (claro, escuro, luz e sombra). Moldura- como os elementos conectam-se à imagem. Coesão e coerência visual</p>

Fonte: Elaboração da autora, com base em van Leeuwen (2008).

No aspecto ideacional, quanto à experiência de mundo, o participante autor reforça a imagem da participante representada – a professora – como

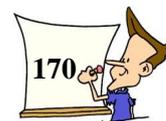
alguém que merece ser apontada, inclusive as linhas da base da figura se direcionam à professora. Os demais participantes representados na imagem, diferentes profissionais de áreas “*mais importantes*” apontam para a professora em posição de igualdade. Nesse contexto, a sentença: *Ela foi minha professora!!!* O pronome *ela* não identifica quem seja essa pessoa, apenas sugere a profissão que exerceu, pela forma como é apontada.

Não é identificada pelo nome, apenas pela profissão. O processo relacional [Foi], no título do texto, representa algo que remete a um passado não determinado, mas possivelmente, distante, devido à visualização de pessoas com idade adulta.

Porém, há uma contradição na situação, pois, ao mesmo tempo em que apontam para uma figura com aparência desleixada, digna de pena, esses profissionais, hoje, têm, por meio da nomeação das suas profissões citadas na figura, um reconhecimento social. Isso remete a um sentimento de gratidão, pois a professora contribuiu para a realização social de cada um, talvez seja essa a razão de reconhecerem apenas a profissão da mulher que foi importante na formação dele. Essa importância destaca-se ao identificarmos pelo traje a profissão de cada um deles: médico, advogado, empresário etc.

A questão abordada pelo chargista Geraldo Passofundo é relevante para se discutir a carreira de magistério, mas a forma como a professora foi por ele retratada pode gerar mais de uma interpretação e pode reforçar e naturalizar uma prática que não condiz com a realidade, pois professores não são maltrapilhos, tampouco, em sua maioria, são dignos de serem apontados ou rebaixados. A naturalização dessa identidade consiste em uma estratégia de construção simbólica da Reificação como modo de operação de Ideologia, conforme Thompson (2002).

Quem desses profissionais é melhor do que um professor? Um político? Um padre? Uma médica? Um advogado? Ideologicamente, pareceu-me que o chargista está tomando a professora como alvo, mas por que não outros profissionais? A quem interessa esse tipo de representação com o docente? O autor do texto, Geraldo Passofundo, da forma como representou a professora, sugere que ser professor é ser reflexo da pobreza. Podemos questionar: como



todos esses profissionais se formaram? Como o próprio texto escrito destaca, “todos passam pelas mãos de uma professora”, pois todos precisam de um professor para alcançar uma profissão.

Para refletirmos sobre a charge, podemos observar o caminho percorrido para legitimar a reconstrução de uma identidade. Como recurso linguístico, no texto escrito, destaca-se o processo relacional no tempo passado “foi”, e no texto de apresentação a expressão “professora maltrapilha”, incluindo como elemento atributivo, “maltrapilha”, que traz forte marca negativa e depreciativa à identidade profissional dos docentes no contexto atual brasileiro.

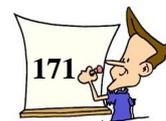
As marcas podem ser incluídas na categoria de identificação do **Afeto**, a realização léxico-gramatical implica a compreensão de significados **avaliativos** de uma representação **negativa** da docente maltrapilha, conforme o próprio autor a caracteriza.

Sobre o Afeto, Martin e Rose (2007, p. 25) explicam que “As pessoas possuem bons (positivo) e maus sentimentos (negativo) que podem ser manifestados de forma implícita e explícita”. O sentimento que suscita ao ler o texto pode ser pena e esse sentimento é negativo.

A análise sob o olhar da Avaliatividade mostra que, na charge além de itens pontuais das estruturas da frase, o título com três pontos de exclamação e as informações presentes na exterioridade do texto propiciam um determinado teor avaliativo que remete a uma profissão que está em decadência.

Quanto à composição textual, a participante está vestida na cor verde que, dentre outras significações, indica passividade ( van LEEUWEN, 2011). Nesse caso, a professora é apontada, ou seja, tem uma atitude pacata, simplesmente aceita o Julgamento feito pelos demais. Coloca-se, assim, em uma posição inferior pelo fato de ser ou ter sido professora. Apesar de estar com uma posição de destaque na imagem, isso não parece ter a função de valorizá-la, justamente o contrário, ressalta a sua humilhação e precariedade como profissional e como pessoa.

A roupa possui um papel social significativo. Neste caso, remendada. Por que esse traje? Remete ao passado, pois atualmente não há mais essa prática de remendar roupas. Sugere também um ar caipira à professora. Acredito que

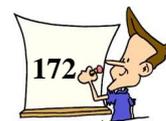


está fora do contexto essa impressão que o autor busca construir da professora, sintetizando a visão que possivelmente permeia os discursos da sociedade acerca dos demais professores.

No aspecto interpessoal, a professora não interage com os demais participantes: leva as mãos à boca, como se não tivesse mais voz; somente os “graduados” têm esse papel. A situação em que se encontra não lhe dá voz, o poder agora está nas mãos de quem aponta. A professora não interage com os participantes representados, está em posição frontal, enquanto todos eles estão em posição oblíqua justamente para a terem como alvo. As mãos apontadas criam um vetor que conecta cada um dos participantes à imagem da professora. O prefeito é o único que está de costas para a professora, ou seja, grau zero de interação, talvez por estar representando o poder político, reforçando que as instituições públicas não costumam olhar para os problemas da educação e nem sempre atendem às solicitações dos professores.

Quanto à categorização visual dos atores sociais, a professora está incluída na imagem, mas de forma paciente, pois não se envolve diretamente na ação, é alvo da ação dos demais atores. Está também representada de forma genérica, pela categorização como função de um grupo, representa um coletivo, o grupo de professores. Pelo que a charge demonstra, o autor identifica naquela professora a imagem de toda uma classe de professores, homogeneamente retratados na presença de uma professora submersa ao centro. Os traços físicos retratados também desqualificam o profissional de educação. Quanto à avaliação, a atitude do produtor do texto, por meio de Julgamento, avalia o comportamento das pessoas, no caso do professor, e a retrata de uma forma bastante questionável. Os demais participantes representados e ativos no processo de apontar para a professora e pela escolha da profissão são ideologicamente avaliados positivamente por meio de uma sanção social, ou seja, regulamentos, leis, normas que regem essas profissões e as identificam como de relevância superior.

Na imagem, a professora foi identificada por diferentes atores sociais que conquistaram profissões valorizadas socialmente. Não há dúvida de que a docente contribuiu para a formação desses profissionais e eles parecem

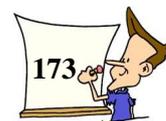


demonstrar certo reconhecimento do papel que ela desenvolveu como formadora. Observa-se que todos eles carregam sorrisos nos lábios e apresentam os olhos bem abertos evidenciando surpresa, e a representação da professora revela um traço de positividade porque parece demonstrar admiração pelo reconhecimento de seus ex-alunos bem sucedidos. Essa percepção é mostrada pela posição de suas mãos levadas à boca, manifestando um leve sorriso, conforme a linha da boca voltada para cima. Assim, seu gesto parece conter um grito de surpresa.

Essas inferências somam-se às evidenciadas por meio da expressão “Ela foi minha professora!!!”. A frase pode ser analisada com significados ambíguos. É uma exclamação pronunciada, ao mesmo tempo, por todos os ex-alunos no contexto do reencontro que sugere um grito de admiração e de alegria, mas também parece ter sido provocado por surpresa e por escárnio. Todos apontam o dedo e gritam sorrindo, e essas duas ações podem ter diferentes significados, podem revelar alegria, podem ser um cumprimento, mas podem também ser uma forma de sarcasmo, de deboche ou de zombaria.

O traje da professora reflete a condição de vitimização que se encontra: veste um modelo de cor verde, que também pode ser vista como a cor representativa do Brasil, possui remendos de várias cores, e os pés estão descalços, demonstrando exclusão e a precariedade da sua condição social. Já os demais participantes destacam-se como inclusos no processo sociocultural, com trajes apropriados, gravatas e sapatos elegantes.

O texto verbal ancora a imagem e, embora a frase declarativa não constitua um argumento de valor epistêmico (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012), ela reforça de modo prático do estado da docente, pois quando o autor declara “muitos sobem na vida, já a educadora...”, ele denuncia de modo simbólico o descaso sofrido pela docência. O uso das reticências, nesse caso, tem um alto valor simbólico que indica um silêncio que propõe a indução de um complemento negativo que costuma ser feito pelo leitor. Essa participação contribui de forma significativa para a construção das identidades dos profissionais docentes. Considero a charge em análise como uma representação de discursos depreciativos sobre identidade docente.



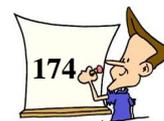
Não é raro deparar com a imagem de um docente representado nessas condições. Tudo bem que uma minoria não se veste com tanta elegância, mas isso não justifica o fato de mostrá-la como um ser fadado ao uso de roupas remendadas. Esse é um elemento na charge que não condiz com a realidade social de um docente. Outra situação que não traz significado construído na sociedade é que não é costume de qualquer profissional, independente da área que seja, ‘apontar’ seu ex-professor dessa maneira, com aspecto duvidoso, entre o prestígio e o deboche.

Assim, acredito que charges criadas com esse teor reforçam uma identidade fragilizada, com uma representação distorcida da realidade. Em muitas outras profissões há pessoas que andam com roupas pouco elegantes. Será que ideologicamente precisamos mais de outro profissional do que de um professor? Quem é melhor do que outro?

É evidente que texto verbal ancora a imagem e, embora a frase declarativa não constitua um argumento de valor epistêmico (FAIRCLOUGH; FAIRCLOUGH, 2012), ela reforça de modo prático o estado da docente, pois quando o autor declara “muitos sobem na vida, já a educadora...”, ele denuncia certo descaso pela docência. O uso das reticências, nesse caso, tem um alto valor simbólico, indica um silêncio que propõe a indução de qualquer complemento, certamente, negativo, pois é o que costuma ser feito pelo leitor ao se deparar com esse tipo de representação.

Segundo os autores que ancoram essa análise, os discursos constroem identidades, portanto, as representações que compõem a charge de grande projeção nas mídias, tal como a charge de Geraldo Passofundo, tende a contribuir, de forma significativa para a construção das identidades dos profissionais docentes.

A análise mostra discursos com tais características podem contribuir para a fragmentação das identidades dos docentes. A fragmentação é um modo de operação da ideologia que fragmenta o indivíduo do grupo que pode ameaçar o poder dominante, dominando-o facilmente. Ocorre por diferenciação ou expurgo do outro.



Na charge, a fragmentação dá-se pela divisão entre os grupos: aquele grupo fortalecido pelo prestígio de bem sucedidos e o dela, isolada, maltrapilha, excluída e alvo de risos. A fragmentação evidencia-se nesses aspectos e pode contribuir para o enfraquecimento da identidade docente.

É relevante pensar na possibilidade de uma charge que seja clara em relação aos problemas políticos que afetam o ensino e levam à decadência o sistema educacional, que não sejam direcionadas ao professor como um ator social em desprestígio.

### *5.1.3 - Professor apanha da Polícia*

A tese e as questões propostas para a pesquisa, na perspectiva da ADC, indicam que os modos de representação semióticos, discursivos e visuais, em charges, constroem e reconstroem ideologias que incidem nas identidades docentes, mediante domínios de interação.

A análise a seguir propõe desvelar os aspectos ideológicos, conforme requer a questão três da pesquisa, - que ideologias subjazem às representações docentes em charges? - A investigação realizada sob o olhar dos elementos da teoria crítica de Thompson ([1995] 2002), em diálogo com a Teoria de Atores Sociais de van Leeuwen (2008), evidencia os modos estratégicos de operação da ideologia, cujas formas simbólicas comunicativas e significados implícitos servem para estabelecer, manter e sustentar relações de poder e de dominação. As estratégias são favoráveis para a compreensão de que a relação assimétrica envolve efeitos causais como pano de fundo para a ideologia. Isso ocorre porque os significados, às vezes implícitos, servem para estabelecer e para sustentar o poder de dominação. Thompson ([1995] 2002) classifica os modos de operação de ideologia e viabiliza a análise dos aspectos ideológicos nas charges. A charge em análise, intitulada “Professor apanha da Polícia”, é apresentada, a seguir, para visualização. A análise decorre na sequência.

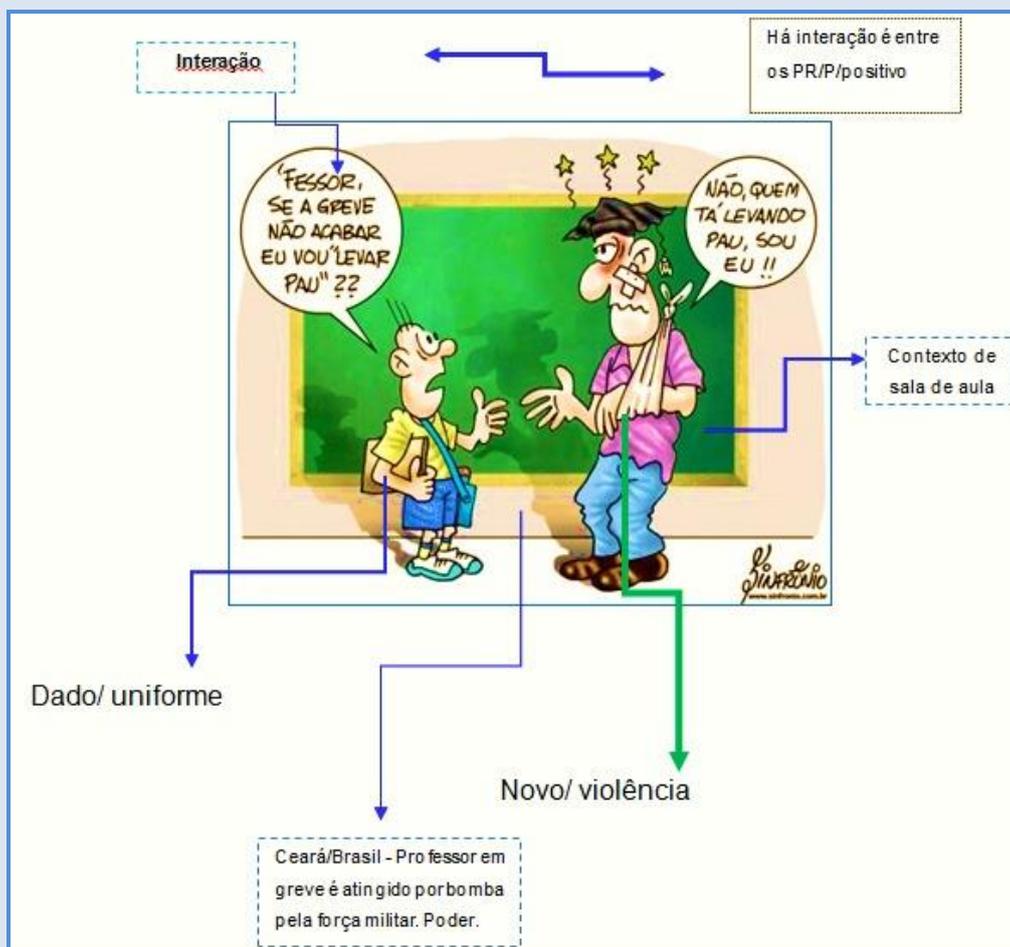
Figura 34 - Professor apanha da Polícia



Fonte: [www.humorpolitico.com.br/professores-em-greve-apanham-da-policia-no-ceara-Brasil](http://www.humorpolitico.com.br/professores-em-greve-apanham-da-policia-no-ceara-Brasil).

Acesso em: 25 out. 2014.

Figura 35 – Professor apanha da Polícia

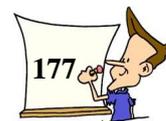


Fonte: [www.humorpolitico.com.br/professores-em-greve-apanham-da-policia-no-ceara-Brasil](http://www.humorpolitico.com.br/professores-em-greve-apanham-da-policia-no-ceara-Brasil).

Acesso em: 25 out. 2014

O texto produzido pelo chargista cearense, Sinfrônio<sup>13</sup>, para o Diário do Nordeste faz referência à greve de docentes ocorrida em Fortaleza, em 2012, quando os professores, ao tentarem entrar na Assembleia Legislativa sem

<sup>13</sup> Sinfrônio é jornalista e cartunista, com diversos trabalhos publicados no âmbito do humor. É chargista do jornal Diário do Nordeste, desde 1991. (DIÁRIO DO NORDESTE. Disponível em: <http://sinfronio.wix.com/sinfronio#!sinfronio/c22rq>. Acesso em: 25 mai. 2014).



autorização, foram confrontados e impedidos por policiais do batalhão de choque munidos por armas, bombas de gás e *spray* de pimenta. Enquanto os agentes de polícia usavam gás e *spray* de pimenta contra os professores, deputados estaduais do Ceará, em caráter de urgência, aprovavam o projeto de lei do governo do Estado que estabelecia o salário base para os professores de nível básico, atendendo, em parte, à lista de reivindicações da classe.

A charge com as representações utilizadas torna-se manifesto o uso de estratégias da ideologia que produzem efeitos de sentido sobre a identidade docente. Na organização da representação multimodal, visualiza-se a estratégia da dissimulação que, segundo Thompson (2002) é um dos modos de operar a ideologia que ocorre por meio do uso da metáfora discursiva [pau] reforçada pelo processo material [levar]<sup>14</sup> – cujo significado se constitui em uma ameaça aos atores representados – aluno que não estuda e professor que faz greve.

Observando o caráter humorístico do gênero textual, pode ocorrer a interpretação de que, embora seja do conhecimento do leitor que a punição por forças repressoras a qualquer cidadão que manifesta seus interesses, é um ato antidemocrático. Ideologicamente, entretanto, esse valor é obscurecido e socialmente legitimado, por ser uma representação revestida de comicidade, característica própria da charge que, do mesmo modo, é uma estratégia de dissimulação ideológica.

Outro elemento significativo que define o contexto da narrativa, na charge, como uma sala de aula, é o quadro de giz, que serve de moldura para os dois participantes representados (o professor e o aluno). As cores de maior evidência na charge são representadas no quadro verde e o amarelo. O leitor brasileiro, ao deparar-se com os tons em proeminência, remete às cores da bandeira do Brasil, que parece ser simbolizada pelo quadro, construindo alusão ao contexto social e político do evento, revelando que no país democrático ainda existem lacunas. Essa interpretação pode ocorrer porque uma imagem representa não só

---

<sup>14</sup> Na concepção de Halliday e Matthiessen (2004, p. 48), os processos materiais são responsáveis pela expressão de ações de mudanças perceptíveis e se constituem como processos do fazer.

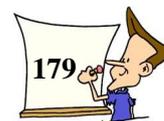
o mundo, de forma abstrata ou concreta, como também interage com esse mundo.

Há estruturas que, segundo Kress e van Leeuwen (2006), possibilitam a construção de conhecimentos do *viewer* (observador) e da sociedade por ocorrer dentro da função representacional das imagens. Na linguagem, a sintaxe é obtida por meio da ordem sequencial de elementos formados por palavras, já em textos imagéticos, a sintaxe ocorre de modo que os participantes visuais se relacionam uns com os outros de modo significativo. Assim, as potencialidades da Gramática visual de Kress e van Leeuwen (2006) contribuem para a compreensão dos modos como as estruturas visuais fornecem chaves para perceber os discursos que permeiam as representações que compõem as charges.

A composição da sintaxe visual da charge mostra o elemento DADO do lado esquerdo do frame, isto é, a informação já constituída socialmente, que atualiza sentidos ideológicos já conhecidos, por meio da configuração do traje do aluno (uniforme completo usado nas escolas); do material escolar (livros e cadernos); e do modo de transportar os objetos. O aluno, de modo comportado e conservador, carrega ao ombro uma bolsa com as cores da bandeira, reproduzindo uma composição elegante e harmoniosa do hipotético uniforme. Na representação, as marcas da reprodução de valores e de crenças partilhadas e solidificadas constituem elementos da ideologia dominante, cujo efeito social é garantir a adesão das pessoas à ordem social (THOMPSON, 2002).

Do lado direito da composição, o ator, professor ferido, mostra uma informação 'NOVA', porque ele representa uma situação atual recente, ocorrência da contemporaneidade. A manifestação realizada pelas classes profissionais como luta política pelos direitos muitas vezes já conquistados, porém não cumpridos por parte do poder público, é considerada legítima e própria da democracia. A violência contra os docentes, portanto, não se constitui como uma ação frequente e da cultura do país.

Em termos de Halliday (2004), a composição de um texto está inserida na função textual da linguagem, responsável pela estrutura e pelo formato do texto. Na proposição de Kress e van Leeuwen (2006), ela se realiza na função composicional e se refere aos significados obtidos por meio da distribuição do



valor da informação ou pela ênfase relativa atribuída aos elementos que compõem o texto imagético.

Analisando os significados do valor da informação na charge de Sinfrônio, percebe-se que o diálogo informal estabelecido entre professor e aluno (atores participantes representados), configura-se como aspecto positivo, uma vez que a interação entre professor e aluno é uma necessidade inerente à própria natureza da prática docente.

No modo como se estabelece a interação dos dois atores sociais representados, é possível notar o caráter significativo de formas simbólicas em termos de que elas existem em processos socialmente estruturados. Por exemplo, no diálogo *Eu “vou levar pau”? “Não, quem tá levando pau sou eu!?”*, há evidência de grau diferente de poder entre os dois, pois é o professor que detém o poder de tomar a decisão a fim de alcançar adesão ao seu interesse. Mesmo posicionados no mesmo plano de ação, a relação é assimétrica entre eles, pois o aluno é sutilmente excluído e não participa da decisão, apenas ouve boquiaberto, conforme reflete a sua imagem. De modo perspicaz, mina-se, na mudança de alvo tomada pelo professor, uma demonstração de que há entre eles uma relação de dominação, por parte do professor, revestida de ideologia, operando em circunstância particular. Podemos dizer, com base em Thompson (2002), que a relação de dominação entre professor e aluno é situada e sustentada pelo fato de ser representada como legítima e estar embasada em fundamentos e valores institucionalizados. Dessa forma, na estratégia utilizada na charge, ocorre a **legitimação** como modo de operação de ideologia.

Há também certa **dissimulação**, no discurso do professor, no momento que ele acata a metáfora usada pelo aluno. Com esse discurso informal, a relação de domínio anteriormente observada torna-se obscura. A dissimulação como modo de operação de ideologia pode ocorrer de forma simbólica por meio de estratégias. Uma delas é o uso de um termo para referir a outro (o caso ocorre com metáfora do pau) como conotação positiva ou negativa, podendo até mesmo dar a ideia de **eufemização** da ação sofrida pelo professor. Negativa por



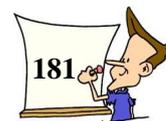
ser um ato de violência, positiva por não ter sido uma eventualidade e por uma causa considerada justa.

Apesar de ser um profissional que reage coletivamente em greve para reivindicar seus direitos, há uma prática naturalizada de que o professor seja socialmente um cidadão de paz, por reportar às práticas históricas do surgimento da profissão docente. Ao mostrar ao seu aluno que “levou pau” pode ser uma tentativa de conquistar, de modo dissimulado, apoio diante da situação de militância política na qual sofre repressão das forças do poder.

Segundo o sistema de representação de atores sociais de van Leeuwen (2008), conforme as categorias de exclusão e inclusão, o professor é excluído por sua voz ter sido calada pela força coercitiva do poder, mas é identificado e incluso pela personalização como professor, mesmo que, de modo informal, esteja no mesmo nível de interação do aluno que o chama de “fessor”, revelando certa afetividade. Poder ser notada, nessa identificação, a reificação, outra estratégia de ideologia, pois as relações de dominação são retratadas em uma situação histórica e transitória como uma situação naturalizada, um fato inevitável, sem oportunidade de questionamento, incorporando assim uma estratégia de **passivação**. A resposta do professor não requer continuidade de diálogo e as estrelinhas demonstram a dor física e interior que ele sente. O processo utilizado na forma nominal, gerúndio, indica que no imaginário do professor pode haver continuidade da ação repressora.

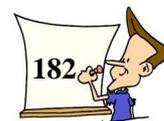
Em síntese, a ideologia emerge nas representações discursivas da charge e é expressa por meio de formas simbólicas, por meio de estratégias de legitimação, de dissimulação e de reificação, **eufemização**. Os modos de operação dessas ideologias trazem conotações positivas e negativas. O ator social, professor, tem sua voz calada para a restauração da ordem, sustentando, assim, as relações de poder e de dominação existente. No entanto, ele é incluso no processo em outro contexto social, na sala de aula, junto ao seu aluno, lugar em que assume a posição de domínio, porém de forma indiferente ao problema do seu interlocutor.

As **identidades** parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência,



por meio de atualizações. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura [metáfora] para a produção não daquilo que eles são, mas daquilo no qual os professores se tornaram (SILVA, 2009).

A charge traz representações discursivas que evidenciam aspectos ideológicos que implicam a fragmentação das identidades docentes, movida pela baixa autoestima, pelos sentimentos de indiferença, de revolta, de dores físicas e psicológicas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *Identidade dos docentes brasileiros e suas representações discursivas em charges* teve como objetivo mostrar a seguinte tese: em charges, as representações discursivas relacionadas aos docentes brasileiros têm caráter ideológico e desempenham significativo papel na construção de suas identidades.

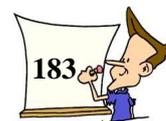
Para levantar os dados da pesquisa que possibilitassem chegar às conclusões sobre a tese, foram analisados três textos do gênero *charge*, produzidos por chargistas de contextos diferentes, escolhidos de modo aleatório, disponíveis na internet em site de domínio público. As três charges foram intituladas:

- a) Docente e Classe Social
- b) Ela foi minha professora!!!
- c) Professor apanha da Polícia

A análise das charges respondeu às seguintes questões:

- I. Como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos?
- II. Considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos nas charges, que identidades docentes são construídas?
- III. Que ideologias subjazem nas representações docentes nas charges analisadas?

Com relação à charge intitulada “Docente e classe social”, com o objetivo de mostrar **como se manifestam as representações identitárias dos docentes brasileiros nos discursos contemporâneos**, pode concluir que o



ponto de vista central da charge é a crítica social em relação às perdas salariais que esses profissionais têm sofrido nos últimos anos.

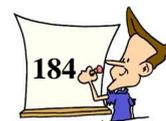
Sabe-se que o tema das charges não se configura amplo, pelo seu modelo textual, mas as imagens extrapolam a escrita e estão ligadas a acontecimentos específicos. No caso da charge analisada, ela foi publicada em momento de luta de classe que apresentou como item de pauta a questão salarial. O tema foi recuperado pelo cartunista e publicado nos jornais de grande alcance, chegando a *blogs* de vários professores e às salas de aulas. Apesar de a charge ter o caráter de divulgação imediata de um acontecimento, com humor e crítica, essa é uma charge legitimada desde sua publicação no jornal Diário de Pernambuco, em 20 de setembro de 2010.

As representações que compõem a charge apresentaram detalhes visuais relacionados às identidades dos docentes construídas pelos discursos contemporâneos. A docente é representada com uma pose forte, porém é enfraquecida pela posição representada pelo vestido que tem a mesma cor do último degrau da pirâmide – o degrau da pobreza.

Essa é uma forma de representar o discurso – recorrente na sociedade, nas mídias de modo geral e nas escolas – de que professor não tem um bom salário. A legenda “Classe social” representa o significado socioeconômico que a charge mostra. Uma identidade negativa de que a docente alcançou o nível social dos mais pobres, excluídos socialmente.

Sabe-se que as políticas educacionais implementadas no Brasil, evidenciam nova concepção de educação como um segmento prioritário, mas, ao mesmo tempo, o que é divulgado repercute negativamente sobre o trabalho docente nos aspectos concernentes às relações de emprego, à qualificação docente, aos salários e, dessa forma, as representações negativas que são propagadas, em charges, originam-se desses discursos contemporâneos.

A segunda charge analisada associa-se a um texto escrito, de 9 linhas, intitulado “Ela foi minha professora!!!” teve como objetivo responder a questão dois – **que identidades docentes são construídas, nas charges, considerando os aspectos sociais, profissionais e políticos?**



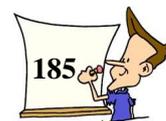
Essa charge circulou incansavelmente nas redes sociais, por ter sido produzida especialmente para esse fim. A professora representada não foi identificada pelo nome, mas pela profissão. Segundo van Leeuwen (2008), essa é uma forma de exclusão como pessoa, mas reconhecida pela sua profissão. Assim, quanto ao aspecto social, está evidente a exclusão da docente, visto que a imagem representada é de uma mulher de pés descalços, diminuída fisicamente e simbolicamente. Quanto ao aspecto profissional, é revelada inclusa, pois participou da formação profissional dos outros participantes representados.

Apesar de ser uma participante inclusa no processo, a professora é retratada de forma maltrapilha e descalça. Essa é uma representação que contribui para a naturalização da identidade profissional mal sucedida.

A naturalização, segundo Thompson (2002), consiste em uma estratégia de construção simbólica da reificação como modo de operação de ideologia. A representação de uma professora sem contributos para o marketing visual, conforme são representados os outros participantes, é um caminho para legitimar a reconstrução de identidades. Um estudante do curso de licenciatura que depara com esse tipo de representação de uma professora pode ser motivado à desistência de se inserir nessa carreira profissional.

As marcas visuais incluídas se mostram pela categoria de identificação do **Afeto**. Há uma realização léxico-gramatical aliada às feições dos rostos que implica a compreensão de significados **avaliativos** como uma **representação negativa** da docente maltrapilha. Sobre o Afeto, Martin e Rose (2007) explicam que são relacionados a sentimentos positivos e negativos que podem ser manifestados de diferentes formas.

É relevante retomar a charge número um, “Docente e classe Social”, e observar como a professora é representada. Está atrás da mesa, vestida, de forma elegante, mas há a representação negativa de sua condição social e econômica indicada na camada social da pirâmide. Na segunda charge, “Ela foi minha professora” – a participante representada, professora, apesar de ocupar posição central, usa o traje simples e com remendos, significando a pobreza indicada pela pirâmide na charge número um.



Ambas representam identidades com aspectos negativos como forma de legitimação (THOMPSON, 2002), embora apresentem aspectos positivos, de pouco destaque. Desse modo, as identidades dos docentes representadas, em charge são enfraquecidas.

A análise do *corpus* número três, composto pela charge intitulada “Professor apanha da Polícia”, teve o objetivo de responder a questão número três da pesquisa, - **que ideologias subjazem nas representações docentes nas charges?**

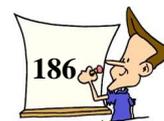
Com a análise da charge 3 foi possível constatar que os modos de representação semióticos, discursivos e visuais que compõem a charge são revestidos de ideologias que incidem nas identidades docentes, mediante domínios de interação.

A charge foi produzida pelo chargista cearense, Sinfrônio, para o Jornal Diário do Nordeste. A motivação da produção ocorreu no período de greve dos professores, em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, em 2012. Os professores sofreram repressão do batalhão de choque e o professor ferido volta à sala de aula.

A charge traz representações que evidenciam o uso de estratégias da ideologia que produzem efeitos de sentido sobre a identidade docente. A primeira delas é a **dissimulação**; segundo Thompson (2002), esse modo de operar a ideologia ocorre pelo uso da metáfora. Foi o que ocorreu quando é estabelecida uma interação que disfarça a igualdade entre os dois participantes.

Outro aspecto ideológico é o uso do uniforme como reprodução social na escola, prática social atualizada. As marcas da reprodução de valores e de crenças partilhadas e solidificadas constituem elementos da ideologia dominante, cujo efeito social é garantir a adesão das pessoas à ordem social (THOMPSON, 2002).

No modo como se estabelece a interação dos dois atores sociais representados emergem marcas significativas de formas simbólicas que evidenciam grau diferente de poder entre professor e aluno. No discurso do professor percebe-se a demonstração de que há uma relação de dominação revestida de ideologia, operando em circunstância particular. Segundo



Thompson (2002), a relação de dominação entre professor e aluno é situada e sustentada pelo fato de ser representada como legítima; está embasada em fundamentos e valores institucionalizados. Dessa forma, na estratégia utilizada na charge ocorre a **legitimação** como modo de operação de ideologia.

A **dissimulação**, no discurso do professor, ficou evidente quando ele acatou a metáfora e reproduziu no seu discurso. A dissimulação, como modo de operação de ideologia, ocorreu de forma simbólica pelo uso de um tropo – a metáfora.

É uma charge bastante significativa para mostrar como são representadas as identidades dos docentes. A **fragmentação** (Thompson, 2002) está presente na charge como estratégia ideológica, pela ameaça sofrida pelo professor por parte do poder, evidenciando a ação de domínio.

Em síntese, a ideologia emerge nas representações discursivas da charge e é expressa por meio de formas simbólicas, por meio de estratégias de legitimação, de dissimulação e de reificação, eufemização. A charge traz representações discursivas que evidenciam aspectos ideológicos que implicam a fragmentação das identidades docentes, movida pela baixa autoestima, pelos sentimentos de indiferença, de revolta, de dores físicas e psicológicas.

As análises permitiram encontrar respostas para as questões propostas para a pesquisa. Sabe-se que, além das notícias, as charges têm ganhado grande espaço por trazerem representações discursivas revestidas de humor. No entanto, a comicidade sobre docentes tem assumido outros significados e ganhado magnitude nas mídias impressas e eletrônicas, principalmente nas redes sociais.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) preocupa-se com a atividade comunicativa, tendo como foco o pensamento crítico que questiona a verdade estabelecida, as formas de exercício do poder. Assim,

[...] os sentidos do discurso se sobrepõem e carregam significados que nem sempre são evidentes. O significado convencional assume pressuposições que emergem com diferentes leituras e interpretações, de tal modo que o que aparece no discurso gera significados que não estão presentes na superfície discursiva. (SILVA, 2009, p. 239).



Dessa maneira, a análise das charges sobre professores na perspectiva da ADC revela que certas conotações sobre o profissional docente são de uso recorrente, principalmente nos momentos de luta política, expondo atributos atitudinais e avaliativos, revestidos de ideologias que enfraquecem e fragmentam as identidades dos professores.

Segundo Fairclough (2003), as pesquisas em ADC devem ocupar-se com os efeitos ideológicos de significados que permeiam os textos e, como instâncias do discurso, podem interferir sobre relações sociais, ações, interações de pessoas no mundo material. Essas preocupações operam-se a serviço de projetos particulares de denominação e de exploração, seja contribuindo para “[...] modificar ou para sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores ou mesmo para alterar relações” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8).

A Avaliatividade em língua portuguesa está relacionada a todo o potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos, ou seja, para expressarmos pontos de vista positivos ou negativos, para graduarmos a força ou o foco do que expressamos, para negociarmos as identidades, e assim por diante. Tem como objetivo mostrar aspectos que implicam os modos como os recursos linguísticos se incluem em um sistema de significados que se interagem para enfatizar ou para reduzir efeitos das opiniões que emanam dos discursos, os quais podem contribuir para a construção de identidades.

O resultado da análise mostra que os textos são permeados por vários discursos, por crenças, por julgamentos, por experiências de mundo, por escolhas, por ideologias e por diversos outros elementos contextuais e individuais, instanciados e realizados léxico-gramaticalmente.

Sob o ponto de vista de Hall, a identidade é um processo inacabado e multifacetado pelo fato de se constituir em mobilidade contínua. O autor ressalta que o termo identidade tornou-se usual, significando “[...] o ponto de sutura entre os discursos e as práticas que nos tentam interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares” (HALL, 2008, p. 111-112).

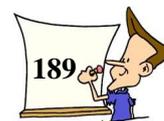


Nessa perspectiva, as identidades são construções socioculturais marcadas pela transitoriedade e pela fragmentação e formadas pela relação com o outro. Para Hall, a concepção aceita é a de que:

[...] as identidades não são nunca unificadas, que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p. 106).

Qualquer que seja o gênero, todo texto contém posicionamentos ideológicos, isto é, “os valores que nós temos (conscientes ou inconscientes), os preconceitos e perspectivas que nós adotamos” (EGGINS, 1994, p. 10). Nesse sentido, a língua, além de ser funcionalmente organizada para alcançar objetivos, é também utilizada para expressar posições ideológicas particulares. Por isso, compreender como esses posicionamentos estão engendrados nos textos torna a leitura mais consciente. Isso implica perceber que o papel dos discursos representados pelos recursos semióticos, em charge, está ligado a outros elementos da esfera social. Além da interioridade, há a relação com a exterioridade do texto e como são articulados no texto. As notícias veiculadas mostram claramente o crescente quadro de afastamento dos professores por licença médica devido à baixa autoestima. Os docentes sofrem com a falta de condições de se realizar o trabalho com dignidade para atender às cobranças da sociedade. Além disso, os professores enfrentam problemas como a desvalorização profissional.

São tantos problemas enfrentados pelos docentes que, muitas vezes, a saúde também fica debilitada e, conseqüentemente, há um aumento do número de afastamentos por licenças médicas. Nesse contexto, suas identidades acabam sendo comprometidas, pois além desses problemas já identificados, esses profissionais convivem com as inúmeras charges que são publicadas na mídia, nos jornais, nas revistas, trazendo discursos carregados de atributos negativos em relação à sua profissão. Esses discursos costumam ser reforçados pelos alunos, pelos pais e pela sociedade em geral e, desse modo, interferem nas transformações de suas identidades.



Enfim, a investigação realizada respondeu às questões iniciais da pesquisa e revelou que os modos estratégicos de operação da ideologia e as formas simbólicas comunicativas adotadas na produção de charges referentes aos docentes brasileiros trazem significados que servem para confirmar as relações de domínio ainda existentes na sociedade. Essas relações assimétricas de domínio constituem-se representações discursivas que, ao serem utilizadas em charge, acabam contribuindo para construir e reconstruir as identidades dos docentes.

Percebe-se, ainda, que as datas comemorativas do dia do professor e os momentos de luta política desses profissionais são motivos para proliferação de charges no meio virtual, trazendo sentidos depreciativos e até humilhantes sobre a profissão docente. Muitas dessas representações que são propagadas nas charges acarretam crise nas identidades dos professores. A busca de reflexões sobre essas questões que abordo na pesquisa, no meu entendimento, torna-se valiosa para a alteração dessas práticas que carregam influências da precarização do trabalho e dos engajamentos ideológicos das práticas sociais que ocasionam mudanças nas identidades dos docentes.

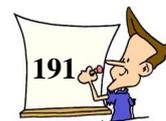
Como pesquisadora, ressalto que o discurso erudito que, em alguns momentos ganhou espaço, neste trabalho, não teve a intenção de retroceder o processo de desenvolvimento, mas a de situar o contexto de descrição e o *locus* no qual manifesto o desejo de transformação de uma prática criativa que, revestida de valores e crenças, interpela sujeitos (Fairclough, 2001).

Esse foi um exercício árduo, no entanto, reflexões fundamentais nortearam a busca de respostas para os meus questionamentos e, com esse objetivo, tive o cuidado de um revisitar influências históricas que constituíram o meu espaço de reflexão como pesquisadora, e revelo que para mobilizar-me desse espaço demandou uma prática tanto de distanciamento quanto de autorreflexão, pois precisava sair e buscar respostas. Foi um processo tal como pondera Mia Couto, sair de “onde em nós a casa mora” (2003, p. 53), no sentido de reconhecer a necessidade de afastar-se de discursos nos quais eu me sentia confortável para investigar discursos de cartuns que construíram suas representações com finalidades distintas daquelas que me inquietam. Nesse

sentido, o diálogo entre as representações de um domínio a ser descoberto tornou-se ousado para mim e, a cada momento, aumentava a percepção da importância deste trabalho, conforme minha proposta.

Considero que, desse modo, poderia buscar mais acuidade para reforçar a proposta de colaborar no entendimento de que as identidades docentes refletem nas práticas de ensino e, como consequência, a educação é afetada e, nesse movimento cíclico, a sociedade também sofre implicações em seu desenvolvimento. Um país sem professores tende a depauperar. É evidente que o consumo de dramaturgia, nas mídias do Brasil, tem levado vantagens, mas isso pode mudar, o consumo da felicidade, do sorriso, da satisfação não pode ser mais promissor? Por que não é apreciado igualmente pelos chargistas ao optarem pelo docente como ator representado? A pesquisa manifesta meu repúdio contra uma conjuntura de criação em que se afrouxam os vínculos com o afeto e se dissolvem os valores humanos. Entendo que no movimento atual de lutas para se manter no mundo sem fronteiras, é provável que se esvaziem as ideologias, se multipliquem as insatisfações existenciais, se reduza o tempo livre e a liberdade e, retomando as ideias de Beck (2010), a produção de artefatos para o consumo das mídias aparece como uma salvação. O consumo individualizado, lúdico e narcísico aparece como o sedutor antídoto para as ansiedades causadas pelas inconstâncias da modernidade.

Autores consultados para este estudo concebem uma sociedade em vias de fragmentação, cuja configuração determina novas práticas e novas formas culturais. É admissível que uma condição histórica gerada por crises e rompimento de barreiras acarretou mudanças profundas na educação e, principalmente nas formas de Organização social e cultural. Importam para esta tese, sobretudo, as mudanças nos discursos como práticas sociais, as referências ao consumo e especialmente a performance dos chargistas como intermediários culturais (BOURDIEU, 2000), pois há uma intensificação de produções que envolvem os professores, reforçando de modo depreciador a profissão. Consiste de uma prática social que traz implicações psicossociológicas, devido às identificações atribuídas aos docentes, em suas representações discursivas em charges, as quais transformam e constroem



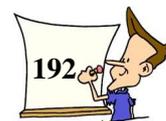
identidades desses atores sociais.

A sugestão é para que o cuidado com os atributos do docente seja priorizado nas produções, uma vez que existe um novo quadro de referência para a constituição das identidades – tido até então como sujeito centrado e unificado – passando a ser atores sociais profundamente abalados e continuamente deslocados. Com isso, estabelece-se o que Stuart Hall (2006) chama de crise de identidade:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas (...) Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006, p.9)

Os modos de ação dos chargistas como intermediários culturais é preocupante, a meu ver, no sentido de identificar as charges como espaço onde ocupam da constante manipulação e negociação de representações, criando estilos, arriscando e negociando com os universos simbólicos e elementos do imaginário no sentido de ressignificar constantemente os componentes, as práticas e os ideais dos indivíduos. Somados, estes fatores constituem o lugar onde pode ser elaborado e apresentado o ideal de felicidade das pessoas no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, questiono aos precusores de charges: Os chargistas, no papel de intermediários culturais, poderiam, por meio da arte, de sua peculiar linguagem, apresentar ou representar os docentes, envoltos em um ideal de felicidade que ofereça algum indício do que vem a ser um professor feliz, valorizado no mundo contemporâneo? Ele existe! Acredito até que possa ser um número expressivo. Se o consumo se tornou central para a cultura e para os processos de definição de identidades seria agora fundamental também buscar mais algumas respostas sobre conceitos de valores positivos em novas pesquisas.

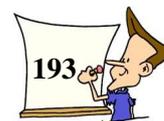


As identidades docentes do país é, assim, uma construção analítica neste trabalho que, por meio de análise discursiva, desvela como as identidades docentes são construídas, pelas representações que o produtor utiliza em charges e, esse pensar incide em conceitos que são conduzidos ao encontro de uma sociedade inteira, ou para simplificar, de um grupo significativo da sociedade – o de docentes. Proponho novos modos de representar com abordagens de outros conceitos.

Os conceitos aos quais eu me repudio são de vitimização, discriminação, descrença, e, sobretudo de identidade fragmentada, - sem coesão com a classe a que pertence, conforme Hall (2001, 2009), e de identidade discriminada – retratada com indiferença, como uma ameaça e, por isso, expurgada por elites da sociedade, conforme Thompson ([1995], 2002).

As análises concretizadas revelam que as representações sobre docentes brasileiros, nos discursos contemporâneos, reproduzem ideologias que fragilizam a identidade desses profissionais, uma vez que os atributos mais recorrentes representam a subserviência, a exclusão social e a reprodução de poder. Os aspectos sociais, profissionais e políticos, juntando-se aos recursos visuais utilizados para representação dos docentes, nas charges analisadas manifestam um discurso excludente, o que estimula a baixa autoestima e implica deslocamento das identidades dos docentes brasileiros.

Os resultados observados nem sempre podem ser controlados pelo analista, pois dificilmente será possível ter um controle de como eles serão utilizados depois que caírem no domínio público, mas Fairclough (2001, p. 291) defende que “Há um processo difundido de tecnologização do discurso, que usa a pesquisa sobre o discurso para redesenhar as práticas discursivas e treinar as pessoas para usar novas práticas discursivas”. Essa é uma das metas, pois ficou em minha concepção de pesquisadora que os traços ideológicos naturalizados, ao se tornarem manifestos nas representações discursivas das charges, contribuem de forma significativa para a constituição das identidades dos docentes do país. Uma análise crítica pode ser um passo para a mudança.



## REFERÊNCIAS

---

### Obras citadas

ADERALDO, Daniel. Professor deve trabalhar por amor, não por dinheiro, diz Cid. **Último Segundo** [on-line]. Ceará, 29 ago. 2011. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ce/professor+deve+trabalhar+por+amor+na+o+por+dinheiro+diz+cid/n1597184673225.html>. Acesso em: 27 jun. 2013.

ALMEIDA, Jane S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

APPLE, Michael W. **Trabalhos docentes e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva; Tina Amado; Vera Maria Moreira. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BATISTA, Eni A. Entrelugares: O professor universitário frente às novas tecnologias de ensino. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**. CEPADIC. Universidade de Brasília, Brasília, v. 1, p. 143-161, 2011.

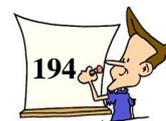
BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. A Reinvenção da Política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. In: **Gênero e Educação**. Porto Alegre, -vol. 20, nº 2. Jul/dez de 2000.



BOYCE, Robert W. D. Falácias na interpretação de dados históricos e sociais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRAGA, Cláudio R. Vieira. Trocando o próprio nome: identidade cultural e memória em “The headstrong historian”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n. 20, p. 46-54, 2013.

CAMERINI, Maria Florentina A.; SOUZA, Solange Jobim. Interatividade audiovisual e produção de subjetividade. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Lílina (Orgs.). **Identidades**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinbourg: Edinbourg University Press, 1999.

EGGINS, Suzanne. **An introduction to Systemic Functional Linguistics**. Bloomsbury Academic, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Londres: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. **Discourse and social change**. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 1992.

\_\_\_\_\_. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.

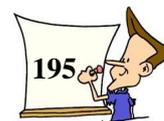
\_\_\_\_\_. Discourse, social theory and social research: the case of welfare reform. **Journal of Sociolinguistics**, v. 4, n. 2, 2000.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Language and Globalization**. Londres and Nova York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. **Critical Discourse Analysis**. The Critical Study of Language. 2nd. ed. Person Education Limited, 2010.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. **Political Discourse Analysis: A Method for Advanced Students**. London: Routledge, 2012.



FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artimed, 2009.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, Manuel Barros. (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 286-298.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 4. ed. (Coleção Educação Universitária). São Paulo: Moraes, 1980. p. 142.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil**: Impasses e Desafios. UNESCO, Brasília, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

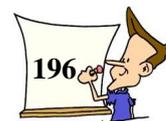
\_\_\_\_\_. A Vida em uma Sociedade Pós- Industrial. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2012.

GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. (Orgs.). **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2012.

GUEDES, Carla. Depressão lidera afastamentos do trabalho. **O Diário** [on-line], Maringá, 27 jun. 2013. Disponível em: <http://digital.odiariorio.com/cidades/noticia/754711/cresce-numero-de-servidores-afastados-das-escolas/>. Acesso em: 27 jun. 2013.

GUGLIELMI, R. Sergio; TATROW, Kristin. Occupational Stress, Burnout, and Health in Teachers: A Methodological and Theoretical Analysis. **Review of Educational Research**. v. 68, n. 1, p. 61-99, 1998.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.



\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. Estudos culturais e seu legado teórico; Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: SOVIK, Liv (Org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 100-218 e 247-264.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução: Adelaine La Guarida Resende [et al.]. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

HALLIDAY, Michael Alexander K. **Spoken and Written Language**. USA: Oxford University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Introduction to Functional Grammar**. 2nd. ed. London: Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_. **El lenguaje como semiótica social: La interpretación social del lenguaje e del significado**. Bogotá, Colombia: Fondo de Cultura Económica, 1998.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. London: Hodder Education, 2004.

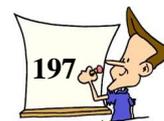
HALLIDAY, Michael Alexander K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. Oxford, Londres: Arnold, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2002-2009**. IBGE@idades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p.17-44.

KIETZMANN, Jan H.; HERMKENS, Kris, MCCARTHY, Ian P.; SILVESTRE, Bruno S. Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. **Business Horizons**, v. 54, n. 3, p. 241-251, 2011.



KRESS, Gunther. **Multimodality**. A social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. London/New York: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_. **Reading images**: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 2006.

LIMA, Raymundo de. O professor e o estresse – Magistério - “**Paixão e Morte. O estresse no trabalho docente**”. @ Professor @. Boletim Informativo dos Professores do ABC, 2002. Disponível em: < [http://www.simpro-abc.org.br/download/dez\\_02.pdf](http://www.simpro-abc.org.br/download/dez_02.pdf) >. Acesso em: 20 set. 2012.

LIMA, Venício A. de. Revisitando o poder da mídia. **Observatório da Imprensa** [on-line]. n. 621, dez. 2010. Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/revisitando\\_o\\_poder\\_da\\_midia](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/revisitando_o_poder_da_midia). Acesso em: 25 jun. 2013.

LISBOA, Poliana. Mais de 50% dos afastamentos de professores são por depressão. **O diário** [on-line]. Maringá, 15 out. 2011. Disponível em: <http://maringa.odiarario.com/maringa/noticia/501760/metade-dos-professores-afastados-tem-depressao/>. Acesso em: 27 jun. 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

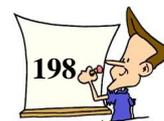
LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

MAGGI, Letícia. Greve dos Professores atinge 25% das universidades Federais. **Revista Veja**, 28 de junho de 2012.

MARTIN, James Robert. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). **Evaluation in text**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-175.

\_\_\_\_\_. **Instantiating Appraisal**: Key and Stance. [Paper at Systemic Functional Linguistics Association Conference]. Adelaide, 2003.

\_\_\_\_\_. Sense and sensibility: Texturing evaluation. In: FOLEY, Joseph. (Ed.). **Language, education and discourse**: Functional approaches. London: Continuum, 2004. p. 270-304.



\_\_\_\_\_. **Working with discourse**; Meaning beyond the clause. 2nd. ed. London and New York: Continuum, 2007.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working With Discourse**: meaning beyond the clause. 2nd. ed. rev. Bloomsbury Academic, 2007.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MARTINS, Ronei Ximenes. Sociedade de Risco, Caderno Mais! **Folha de São Paulo**, 23 de maio de 1999, p. 5. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/150419753/Modernidade-Reflexiva-e-Sociedade-de-Riscos>. Acesso em: 2 de agosto de 2013.

MEC – Ministério da Educação. Portal do Professor. **Problemas de saúde afastam professores da escola**. 2013. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?id-Conteudo19>. Acesso em 27 jun. 2013.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

NÓVOA, António. Os professores: um objeto da investigação educacional. In: \_\_\_\_\_. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995 p. 14-17.

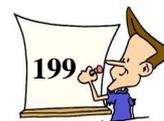
LOWE, J. H. O. Language and Ideology in: **Nigerian Newspapers in the English Medium**. Ph.D. Thesis. Obafemi Awolowo University Ile-Ife. 1993. p. 45-68

OIT/UNESCO. Recomendações da UNESCO/OIT Relativas à Situação do Pessoal Docente. <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001604/160495por.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

SAMPAIO, J. R. **O Maslow desconhecido**: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. Revista de Administração da USP. São Paulo, v. 44, n.1, pp 5-16, jan/fev/mar , 2009 .

SILVA, Francisca Cordélia O. **A construção social de identidades étnico-sociais**: uma análise discursiva do racismo a Brasil. Tese de doutorado. PPGL. UnB. Brasília. DF, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.



\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identidade e diferença: impertinências**. **Educ. Soc.** [online], v. 23, n. 79, p. 65-66, 2002.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2013.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes. 2002.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e Poder**. FALCONE, Karina; HOFFNAGEL, Judith. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

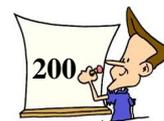
\_\_\_\_\_. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN LEEUWEN, Theo. **A representação dos atores sociais**. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

\_\_\_\_\_. **Discourse and practice: New tools for Critical Discourse Analysis**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **The Language of Colour. An Introduction**. London: Routledge, 2011.

VIAN JR. Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA**, São Paulo, v. 25. n.1, p. 99-129, 2009.



VIEIRA, Josenia Antunes. As abordagens críticas e não críticas em análise do discurso. In: SILVA Denize Elena Garcia; VIEIRA, Josenia Antunes. (Orgs). **Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Plano, 2002.

\_\_\_\_\_. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, v. 21, n. esp., 2005.

\_\_\_\_\_. Afinal, existem Metáforas Visuais? In: VIEIRA, Josenia Antunes; BENTO, André Lúcio; ORMUNDO, Joana da Silva (Orgs.). **Discursos nas práticas sociais**; perspectivas em multimodalidade e em gramática sistêmico-funcional. São Paulo: Annablume, 2010. p. 51-66.

WODAK, Ruth; MEYER, Michel. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

#### *Endereços eletrônicos (Web / Homepage)*

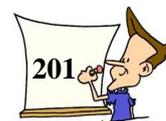
BOM DIA BRASIL. **Aumenta o número de professores da rede pública que entram de licença**. 10 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/aumenta-o-numero-de-professores-da-rede-publica-que-entram-de-licenca.html>. Acesso em: 29 jun. 2013.

BRASIL PROFISSÕES. **Chargista**. Disponível em: <http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/academicas/artes-e-design/chargista>. Acesso em: 10 set. 2013.

CIDADANIA DIGITAL. Disponível em: <http://cidadaniadigital.blogspot.com>. Acesso em: 25 mai. 2014.

CHARGEONLINE. Geraldo Passofundo. Disponível em: [http://www.chargeonline.com.br/2012/03/indicacoes-da-charge-ela-foi-minha\\_07.html](http://www.chargeonline.com.br/2012/03/indicacoes-da-charge-ela-foi-minha_07.html). Acesso em: 18 jun. 2014.

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Saiba quais estados brasileiros não respeitam a Lei do Piso**. 04 set. 2012. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/lutas-da-cnte/piso-salarial-e-carreira/11118-estados-brasileiros-nao-cumprem-a-lei-do-piso>>. Acesso em: 20 mai. 2013.



DIÁRIO DO NORDESTE. **Sinfrônio Cartunista**. Disponível em:  
<http://sinfronio.wix.com/sinfronio#!sinfronio/c22rq>. Acesso em: 25 mai. 2014

ETYMOLOGY DICTIONARY. **Identity Crisis**. Disponível em:  
[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=identity+crisis&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=identity+crisis&searchmode=none). Acesso em: 30 jun. 2013.

Figura 1 – Disponível em:  
<http://www.shutterstock.com/cat.mhtml?searchterm=professor/>. Acesso em: 28 jun. 2014.

Figura 2 – Disponível em: [www.4moderna.com.br/RevistaEducatrix5](http://www.4moderna.com.br/RevistaEducatrix5). Acesso em: 13 jun. 2014.

Figura 3 – Disponível em:  
<http://genildoronchi.blogspot.com.br/search/label/educacao>. Acesso em: 28 abr. 2014.

Figura 4 – Disponível em:  
[http://iesambi.org.br/noticias\\_arquivos/que\\_notas\\_sao\\_essas.htm](http://iesambi.org.br/noticias_arquivos/que_notas_sao_essas.htm). Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 5 – Disponível em:  
[http://iesambi.org.br/noticias\\_arquivos/que\\_notas\\_sao\\_essas.htm](http://iesambi.org.br/noticias_arquivos/que_notas_sao_essas.htm). Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 9 – Disponível em:  
<http://comediadaeducacao.blogspot.com.br/2012/06/mais-charges-educacionais-e-ilustracoes.html>. Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 10 – Disponível em:  
<http://connectbrazil.blogspot.com./grevedeprofessoresnabahia>. Acesso em: 8 out. 2012.

Figura 11 – Disponível em: [foolandfunny.blogspot.com/](http://foolandfunny.blogspot.com/). Acesso em: 20 jun. 2014.

Figura 12 – Disponível em: [www.google.com.br/searchsa: greve+dos+professores](http://www.google.com.br/searchsa:greve+dos+professores). Acesso em: 25 out. 2012.

Figura 13 – Disponível em: [www.juaranet.com.br/educacao/Conselho-mobiliza-professores](http://www.juaranet.com.br/educacao/Conselho-mobiliza-professores). Acesso em 25 out. 2013

Figura 15 – Disponível em: <http://filadelfiaaovivo.blogspot.com.br/2012/12/>. Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 16 – Disponível em: [www.google.com.br/+alienação-educação+no+brasil+alienação](http://www.google.com.br/+alienação-educação+no+brasil+alienação). Acesso em: 13 out. 2013.



Figura 17 – Disponível em:  
<http://propagativoeducacional.blogspot.com.br/charges-sobre-educacao>. Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 18 – Disponível em: <http://soseducacaoemcampos.blogspot.com.br//vida-de-professor-e-assim>. Acesso em: 25 out. 2013.

Figura 20 – Disponível em: <https://www.google.com.br/professor/>. Acesso em: 16 set. 2013.

Figura 25 – Disponível em:  
[https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educaçã](https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o)o. Acesso em: 22 mai. 2014.

Figura 27 – Disponível em: [www.google.com.br/searchsa: greve+dos+professores](http://www.google.com.br/searchsa:greve+dos+professores). Acesso em: 25 out. 2012.

Figura 28 – Disponível em:  
[https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educaçã](https://www.google.com.br/search/charge+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o)o. Acesso em: 22 mai. 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA – Revista do professor. “Sou um professor”, de John W. Schlatter. Disponível em: <http://cidadaniadigital.blogspot.com>. Acesso em: 25 mai. 2014.

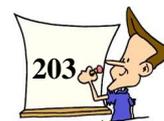
SINTEPE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco. **ES: 700 professores da rede pública são afastados por problemas psiquiátricos.** 30 ago. 2011. Disponível em:  
[http://www.sintepe.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1720: setecentes-professores-da-rede-publica-do-espirito-santo-afatados-por-problemas-psiquiatricos](http://www.sintepe.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1720:setecentes-professores-da-rede-publica-do-espirito-santo-afatados-por-problemas-psiquiatricos). Acesso em: 27 jun. 2013.

VEJA. **Cresce o número de professores afastados por transtornos mentais.** 12 jul. 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/cresce-o-numero-de-professores-afastados-por-transtornos-mentais>. Acesso em: 27 jun. 2013.

## Obras consultadas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 21. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Danielle B. L. de. Multimodalidade e ensino: Integrando o texto e o contexto em estruturas visuais. In: BÁRBARA, Leila; MOYANO, Estela. (Orgs.).



**Textos e linguagem acadêmica:** explorações sistêmico funcionais em espanhol e português. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

ALTHUSSER, Luis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Amor Líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vidas Desperdiçadas.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Medo líquido.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tempos Líquidos.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **A sociedade individualizada.** Tradução: José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

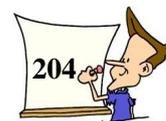
\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade.** Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco:** Rumo a uma outra modernidade. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

BECKER, Howard Saul. **Falando da Sociedade:** Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução: Maria Luiza Borges; Karina Kuchnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** Tratado de Sociologia do Conhecimento. 5. Título III: A sociedade como realidade subjetiva. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 173-241.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.



BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 1994.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em 30 jun. 2013.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. O poder da identidade. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Communication Power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CELANI, Maria Antonieta A.; MAGALHÃES, Maria Cecília C. **Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais**: Uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Líliliana Cabral. (Orgs.) **Identidades: Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CHAIB, Julia. "**Professor Brasileiro entre os top four**". Correio Braziliense. 13 abr. 2013. Disponível em: <http://www.exercito.gov.br/web/imprensa/correio-braziliense>. Acesso em: 27 jun. 2013.

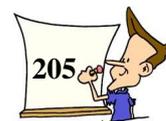
CIEGLINSKI, Amanda; HARNIK, Simone. Quanto vale a valorização docente. **Revista Educação**, ano 16, n. 191, mar. 2013.

CUCHE, Denny. **A noção de cultura em ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 1999.

DUBAR, Claude. **A socialização** - construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andréa Stahel M. da Siva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.



ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: 2. Ed. Zahar, 1972.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Dina Maria M. (Org.). **Imagens: O que fazem e significam**. São Paulo: Annablume, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

IVO, Elda Alves Oliveira. **O letramento de adultos na empresa: Uma forma de legitimar a alienação ou uma questão de sobrevivência?** Tese de doutorado. PPGL. UnB. Brasília, 2012.

KRESS, Gunther. Critical Discourse Analysis. **Annual Review of Applied Linguistics**, p. 84-99, 1990.

LEMKE, Jay L. Resources for attitudinal meaning: Evaluative orientations in text semantics. **Functions of Language**, v. 5, n. 1, p. 33-56, 1998.

MAGALHÃES, Izabel. Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres. In: KLEIMAN, Angela. (Org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 201-235.

MARINGONI, G. **Humor da charge política no jornal**. Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1996.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. **Working With Discourse: meaning beyond the clause**. London, New York: Continuum, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Boitempo.2004.



MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. Editora UNESP, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: \_\_\_\_\_. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p.13-38.

\_\_\_\_\_. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. 1. reimp. Campinas: Mercado de Letras, 2006. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

MORIN, Edgar. Indústria Cultural. In: MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice. (Orgs.). **Sociologia e Sociedade**; Leituras Introdutórias em Sociologia. São Paulo: LTC, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações e psicologia social. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A invenção da sociedade**: sociologia e psicologia. Tradução: Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NÓVOA, António. Concepções e práticas de formação contínua de professores. In: \_\_\_\_\_. **Formação Contínua de Professores** - Realidades e Perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991, pp. 15-38.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

\_\_\_\_\_. O passado e presente dos professores. In: \_\_\_\_\_. **Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto, 1999. p.15-26.

OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi, B. Language has a heart. **The pragmatics of affect**, Special issue of Text. p. 7-25, 1989.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Um conceito antropológico de identidade. In: \_\_\_\_\_. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976. p. 33-52.

OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. **Letras & Comunicação**: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.



RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso (para a crítica): o texto com material de pesquisa.** São Paulo: Pontes, 2011.

RIBEIRO, Darcy. A educação e a Política. **Revista Carta: falas, reflexões, memórias.** São Paulo, n. 15, 1995.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SILVA, Carla Letuza Moreira e. **O trabalho com charges na sala de aula.** Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma Introdução às Teorias de Currículo.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuche da. As Representações do Feminino em Textos Multimodais. In: \_\_\_\_\_. **Discursos Contemporâneos em Estudo.** Brasília: UnB, 2011. v. 1.

THOMPSON, Geoff.; HUNSTON, Susan. Evaluation: an introduction. In: **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse.** Oxford: Oxford University Press, [1999] 2010.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discourse and practice: new tools for Critical Discourse Analysis.** New York, NY, USA: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, Josenia Antunes; RIBEIRO MACHADO, Veruska. O Texto e a Construção da Identidade. **Revista Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 2, n.1, p. 97-108, 1996.

WODAK, Ruth. What CDA is about: a summary of its history, important concepts and its development. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel. (eds.). **Methods of critical discourse analysis.** Londres; Thousand Oaks; Nova Delhi: Sage, 2001. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.

\_\_\_\_\_. **The Discourse of Politics in Action: Politics as usual.** Basingstoke: Palgrave, 2009.



ZIZEK, Slavoj. **The Indivisible Remainder: An Essay On Schelling And Related Matters.** London; New York: Verso, 1996.